

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

CAROLINA LUZ DE SOUZA

**Um olhar junguiano sobre as relações de amizade masculinas na
atualidade**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

CAROLINA LUZ DE SOUZA

**Um olhar junguiano sobre as relações de amizade masculinas na
atualidade**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação do
Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.**

São Paulo

2010

Banca examinadora

Dedico este trabalho a todos os seres humanos que embarcam diariamente nessa viagem exótica e amedrontadora de relacionar-se com o desconhecido para encontrar o igual. A todos os amigos em toda parte.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que possibilitou essa existência de aprendizado e descobertas.

Aos meus colegas de Mestrado (Gisele, Ariane, Carlos, Felícia, Cíntia e tantos outros); inspiração, risadas e papos cabeça nas horas mais inesperadas.

Aos meus amigos de ontem e de hoje que, juntos, contribuíram demasiadamente para a formação da pessoa que sou. Não há palavras para expressar o carinho, a saudade e a admiração.

Às minhas irmãs, Gabriela e Luísa, minhas primeiras professoras no campo da alteridade, com quem aprendi a lutar pelo que quero e defender quem amo.

À minha mãe, Deisi, que me cercou de todos os cuidados para que eu pudesse crescer de forma plena e feliz.

Ao meu pai, Márcio, que primeiro me mostrou as maravilhas da escrita por meio de poemas de Cecília Meireles. Sem seu entusiasmo e incentivo, este trabalho talvez nunca tivesse sido escrito.

Às minhas queridas avós, Luzia e Isaura, pelo amor quente e incondicional que encheu minha infância de doçura.

Às minhas tias, Vilma e Dayse, pelo incentivo e confiança incondicional em meu potencial.

Ao meu orientador, Durval Luiz de Faria, por acompanhar-me nessa trajetória repleta de inseguranças e alegrias.

Aos homens entrevistados nesta pesquisa, por sua generosidade em compartilhar comigo as doçuras e feridas de suas relações de amizade. A vocês, serei eternamente grata pela prontidão e paciência. Nada disso teria sido escrito sem sua valiosa participação.

A gente não faz amigos, reconhece-os.

Vinicius de Moraes

O melhor espelho é um velho amigo.

George Herbert

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de compreender o lugar que a amizade masculina ocupa na vida de jovens adultos brasileiros. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi estruturadas com cinco indivíduos entre 20 e 30 anos, heterossexuais, formados ou cursando o ensino superior, pertencentes à camada média paulistana. A análise das entrevistas foi qualitativa, baseada na Psicologia Analítica. Por meio das entrevistas, percebemos que a amizade é um relacionamento importante e valorizado por esses homens.

A amizade, segundo os participantes, oferece ajuda e proteção, companhia, experiências emocionais positivas (como aceitação, intimidade e proximidade) e experiências auto afirmadoras (como lealdade, segurança e validação mútua). É uma relação simétrica muito parecida com o vínculo fraterno, mas que pressupõe uma voluntariedade que não é encontrada neste último. Por ser uma vivência arquetípica, é experienciada de uma forma ou de outra ao longo da vida de todos os indivíduos.

A amizade é descrita pelos homens entrevistados como um relacionamento que privilegia um encontro verdadeiro, para além de visões de mundo e comportamentos estereotipados, que promove um ambiente de cooperação e acolhimento propício para que a interação ultrapasse o nível da persona e compreenda a totalidade do indivíduo.

Vemos um movimento claro por parte de todos os participantes em busca do outro, seja esse outro exterior (o amigo) ou interior. Um contato maior com o mundo das emoções, por tanto tempo banido da vivência consciente da masculinidade, é possibilitado por essas relações. A amizade, pelos motivos expostos, parece estar a serviço da individuação.

Palavras-chave: amizade, homem, Psicologia Analítica.

ABSTRACT

The main goal of this paper was to understand the place of male friendship in Brazilian young men's lives. To do so, interviews were held with five participants between 20 and 30 years old, heterosexuals, graduated or graduating from college, from São Paulo's middle class. The analysis of the interviews was qualitative, based on Analytical Psychology theory. Through the interviews, we realized that friendship is an important relation to these men.

Friendship, according to the participants, offers help and protection, company, positive emotional experiences (such as acceptance, intimacy and proximity) and self-affirmative experiences (such as loyalty, security and mutual validation). It's a symmetric relationship that has a lot in common with the fraternal bond but, different from the latter, it's voluntary. It is experienced in some way throughout every person's life since it's an archetypal experience.

The interviewed men describe friendship as a relationship that provides a real encounter beyond stereotyped life views and behaviors and promotes an environment of cooperation that allows the friends to go beyond the persona and reach for their totality.

We understand that the participants are searching for the other, external (friend) or internal. A greater contact with the field of emotions, that was for such a long time banned from the conscious experience of masculinity, is possible because of these relations. It seems that friendship, due to all the reasons exposed, is a way to individuation.

Key words: Friendship, men, Analytical Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. LEVANTAMENTO DA LITERATURA.....	6
1.1. Amizade.....	6
1.2. A amizade e o arquétipo fraterno.....	9
CAPÍTULO 2. IMAGENS DA AMIZADE NA CULTURA BRASILEIRA.....	13
2.1. Imagens da amizade no Brasil: uma breve ilustração.....	15
CAPÍTULO 3. A IDENTIDADE MASCULINA.....	22
3.1. A consciência patriarcal e seus efeitos para o homem na atualidade.....	27
CAPÍTULO 4. O HOMEM E A AMIZADE.....	33
MÉTODO.....	40
Procedimento.....	41
Participantes.....	42
Análise dos dados.....	42
Cuidados éticos.....	43
RESULTADOS E ANÁLISES.....	45
Entrevista 1: Augusto: a amizade.....	47
Entrevista 2: Bruno: a amizade como ferida.....	62
Entrevista 3: Caio: a amizade como experiência sagrada.....	73
Entrevista 4: Daniel: a amizade como reciprocidade.....	82
Entrevista 5: Eduardo: a amizade desinteressada.....	91
DISCUSSÃO.....	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS.....	124

INTRODUÇÃO

Desde Aristóteles e Platão, muitos pensadores tentaram entender qual a natureza da amizade e quais qualidades a distinguem de outras relações. Os primeiros trabalhos eram filosóficos, mas a Psicologia começou a se interessar pelo assunto, tentando investigar as concepções de amizade e colhendo informações sobre como os indivíduos a definem.

Para Aristóteles, a amizade era considerada umas das maiores necessidades da vida. Este filósofo já havia intuído que o ser humano só se constitui como tal por meio da relação com o outro, aquele diferente de mim, mas, ao mesmo tempo, semelhante. Aproprio-me de mim mesmo por meio da relação com o outro, que me serve de espelho e base de comparação (ROCHA, 2006).

Seguindo a teoria de Aristóteles, Bukowski & Sippola (2005) situam a amizade numa interface entre eu e outro. Para estes autores, o eu é afetado e até mesmo criado pela presença do amigo, e por meio da amizade podemos nos sensibilizar pelos sentimentos do outro, colocando-nos em seu lugar. Barcellos (2009) acredita que o Arquétipo Fraterno (que inclui as experiências de irmandade, amizade e coleguismo) é parte essencial do processo de individuação.

Não é apenas a companhia o que torna a amizade essencial. Ser visto por outro igual implica uma experiência de aceitação que permite ao eu perceber seus pontos fortes e fracos e, ao mesmo tempo, sentir-se validado.

Segundo Rocha (2006), na Grécia antiga a amizade já era cantada em poemas e considerada a única virtude capaz de unir homens tão desiguais em clãs, famílias e cidades. O primeiro sentido da palavra amigo era jurídico e indicava posse. Aos poucos, a palavra foi cunhando-se de teor afetivo.

O mesmo autor nos conta que mesmo Platão tinha dificuldade em diferenciar amor e amizade, confundindo, por vezes, os dois conceitos. Essa dificuldade semântica permanece em nossos dias, pois apesar de entendermos essas palavras de forma quase intuitiva, não possuímos conceitos abrangentes o bastante que dêem conta de seu total significado.

É o mito, com sua linguagem simbólica, que muitas vezes vem em nosso auxílio para ilustrar aquilo que temos dificuldade em conceituar.

Para falar de amizade, vamos contar um mito narrado por Boechat (2008), o de Quíron e Prometeu. Quíron, o grande centauro curador, foi ferido por seu amigo, Hércules, acidentalmente. Sua ferida não sara e dói intensamente. Ele não pode morrer, posto que é imortal. E assim, deve conviver com sua ferida. Quando aprende a aceitá-la, passa a ser capaz de curar. O curador só existe porque reconheceu sua ferida interior. Já Prometeu roubou o fogo dos deuses e foi condenado por Zeus a viver amarrado num rochedo onde seu fígado era devorado toda noite por uma águia.

Quíron e Prometeu sofrem imensamente e não conseguem livrar-se de seu sofrimento. A salvação vem de forma inesperada para os dois: colocando-se no lugar de Prometeu, Quíron consegue finalmente morrer e descansar de sua ferida. Prometeu, por outro lado, pôde libertar-se dos grilhões que o acorrentavam.

Este mito nos mostra como o outro entra em nossa vida de forma contundente. Descobrimos nele algo que é nosso e, ao mesmo tempo, é completamente outro. Isto fere nosso narcisismo e nos faz aprender a conviver com essa ferida, como Quíron. No entanto, o encontro com este outro também nos redime. O amigo aqui é visto como causador e redentor da ferida. Nossa onipotência é quebrada quando percebemos que existe um outro com o qual devemos conviver. A ferida nos traz a noção de limite que, como nos diz Boechat (2008), é a cura para a onipotência. A amizade aparece como forma de relacionamento intrinsecamente ético, quando nos damos conta de que o outro existe e não estamos sozinhos neste mundo.

Outro mito que nos fala da importância da amizade é o mito mesopotâmico de Gilgamesh. Gilgamesh é um rei dois terços divino, dotado de uma criatividade e atividade tais que acaba por desorganizar seu reino. Ele não deixa os homens em casa e possui as jovens. Seus súditos pedem aos deuses que criem outra criatura igual a Gilgamesh para que ela possa entretê-lo, deixando o reino em paz. Os deuses os ouvem e criam Enkidu.

Gilgamesh procura um “amigo para compreender seu coração”. Ele tem um sonho que é descrito por Byington (1986, p. 58):

Minha mãe, na noite passada eu vi um sonho. O céu estava estrelado e uma estrela caiu sobre mim. Eu tentei erguê-la, mas foi pesada demais para mim. Tentei movê-la, mas não consegui. O povo de Uruk estava à sua volta, meus companheiros beijavam seus pés. Eu me inclinei sobre ela como sobre uma mulher. E você própria me uniu a ela.

Sua mãe, Nisum, então responde a Gilgamesh:

O seu igual é a estrela do céu. Ele é um companheiro forte que ajuda um amigo quando precisa. Ele é o mais forte das estepes. Sua força é igual às estrelas do céu. O fato de você ter se inclinado sobre ele como sobre uma mulher significa que ele nunca lhe abandonará.

Enkidu encontra Gilgamesh pela primeira vez quando entra na cidade de Uruk e impede-o de possuir uma jovem que acabara de casar. Este era um hábito de Gilgamesh e a razão mesma pela qual Enkidu fora criado. Ao impedir que este possuía a jovem e se entregue a um costume bárbaro e egoísta, Enkidu leva a Gilgamesh a noção de alteridade. Gilgamesh encontra-se pela primeira vez com um igual e somente ele é capaz de impedi-lo de repetir os padrões aos quais estava acostumado. O encontro com o amigo, com o igual, produz consciência. Este é o amigo que nunca o abandonará, nem mesmo na morte. Com o encontro, ambos se desenvolvem e são capazes de vencer, juntos, o herói Humbada. Ao morrer, Enkidu volta e conta a Gilgamesh como é o além, o que lhe permite conhecer a natureza da vida e da morte. É o encontro com outro igual que permite que Gilgamesh vença os obstáculos em seu caminho e conheça os mistérios mais profundos do universo e de si mesmo.

Percebemos, por meio desses dois mitos, a figura do amigo como primordial para criar consciência e entrar em contato com os conteúdos mais profundos da psique. Quíron e Prometeu, por meio da empatia, reconhecem sua ferida no outro e são, por meio da relação, dela redimidos. Gilgamesh encontra em Enkidu um aspecto de sua anima (a mulher por sobre quem ele deita) que o leva a entrar em contato com os mistérios do inconsciente. O encontro com o outro cria consciência e, ao mesmo tempo, reflete não só o que somos, mas o que estamos destinados a ser.

Sempre me interessei pelo tema dos relacionamentos, porém este interesse era anteriormente focado nos relacionamentos de caráter conjugal. Refletindo sobre o rompimento de vínculos e a natureza muitas vezes efêmera das relações na atualidade, percebi que o amor romântico, embora ainda muito cultuado e buscado, deixa um vazio muito grande na vida dos casais quando termina. Nesse momento de perda e luto, a presença de uma boa rede social torna-se imprescindível para superar a situação. Nesse sentido, a amizade acabou atraindo minha atenção de forma contundente. Apaixonei-me por ela. E desse apaixonamento deriva-se este estudo.

Um levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados PsycInfo, Capes e BVS, tornou evidente que muitos trabalhos têm sido realizados, em âmbito internacional, sobre o tema da amizade, mas em nosso país a realidade apresenta-se de forma um pouco diferente. Foram

encontrados 80 trabalhos na área, e o primeiro foi realizado somente em 1984. Ao analisar-se mais detalhadamente os estudos, percebeu-se que muitos não estão relacionados com o tema da amizade em si e um número ainda menor trazia dados empíricos que possibilitassem captar a forma como essas relações são formadas e mantidas na atualidade, bem como suas implicações na vida do indivíduo. Internacionalmente, este é um tema que tem despertado a atenção de pesquisadores desde o final do século XIX.

Em busca na base de dados BVS por trabalhos sobre amizade, encontraram-se onze teses, onze citações de livro, trinta e seis trabalhos com texto completo no Scielo e setenta e sete no Lilacs. Na base de dados Psycinfo, foram encontrados quatrocentos e onze trabalhos. Já quando foram cruzadas as palavras amizade e adulto, foram encontrados uma tese, um trabalho no Scielo e quinze no Lilacs. Estes trabalhos eram predominantemente com indivíduos idosos. No Psycinfo, encontraram-se dezoito trabalhos. Já cruzando as palavras amizade, adulto e homem (ou masculino) foram encontrados dois livros, oito trabalhos no Lilacs e três no Scielo, e, na Psycinfo, dois trabalhos. Estes últimos com participantes homossexuais.

Fica claro a partir desta pesquisa em bases de dados, que pouco se tem falado sobre a amizade em adultos homens. Além disso, ainda mais escassos são os trabalhos sobre este tema à luz do referencial junguiano, linha teórica a qual me filio. Em vista deste panorama, proponho-me a realizar uma pesquisa voltada para o tema da amizade utilizando como referencial de análise a teoria citada.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender o papel da amizade masculina na vida de indivíduos adultos jovens. Como objetivos específicos, pretendo discutir a forma como a amizade ajuda a moldar e a transformar a identidade masculina na atualidade.

O presente estudo justifica-se na medida em que pretende estudar e compreender um fenômeno de vital importância para o ser humano, a amizade.

Autores como Garcia & Pereira (2008) enfatizam a escassez de estudos sobre a amizade em países em desenvolvimento, já que a grande maioria das pesquisas são realizadas nos Estados Unidos. É imprescindível que conheçamos nossa própria realidade para que possamos entender as especificidades das relações de amizade em nossa cultura. Este trabalho pretende contribuir para o desenvolvimento do estudo da amizade à luz da Psicologia Analítica, fornecendo dados para a compreensão mais ampla deste tema.

Para tanto, o primeiro capítulo aborda o conceito de amizade e traz um panorama geral das pesquisas que tem sido feitas na área. O segundo capítulo traz algumas imagens da amizade da Antiguidade aos dias de hoje, a título de ilustração. O terceiro capítulo aborda o desenvolvimento da identidade masculina sob a ótica da Psicologia Analítica e as implicações da consciência patriarcal para a masculinidade na atualidade. O quarto capítulo enfatiza pesquisas que enfoquem a amizade masculina e como esta vem sendo estudada. É então apresentado o método utilizado para realização do presente estudo, seguido da análise das entrevistas realizadas e de uma discussão a respeito dos dados levantados e das entrevistas analisadas. Por fim, apresenta-se as considerações finais tecidas pela autora.

CAPÍTULO 1. LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Ao longo deste capítulo, procuraremos apresentar os principais trabalhos realizados sobre a amizade e expor a maneira pela qual esta vem sendo pensada e estudada atualmente.

1.1 Amizade

Maximo Baldini (2000) nos fala da dificuldade em conceituar a amizade por ser uma palavra tão familiar e complexa. Ligada a outros conceitos, como amor e caridade, a amizade foi pensada e descrita de diversas formas ao longo da história da humanidade.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a amizade é definida como: 1. sentimento de grande afeição, de simpatia (por alguém não necessariamente unido por parentesco ou relacionamento sexual). 2. grande apreço, solidariedade ou perfeito entendimento entre entidades, grupos, instituições. 3. por reciprocidade.

Percebemos que, nesta conceituação, a amizade é, ao mesmo tempo, uma relação e um sentimento. A amizade, como essa definição mostra, é construída na reciprocidade.

A sociedade atual vive peculiaridades históricas. A amizade aparece como relacionamento necessário de uma sociedade individualista que vê surgir novas formas de relacionamento nunca antes vividos e na qual a família tradicional encontra-se em crise. Hoje, espera-se do amigo aquilo que há 50 anos esperava-se da família: um lugar seguro e protegido (SOUZA, 2008).

A amizade tem sido valorizada como apoio para as grandes crises da vida do indivíduo. O relacionamento amoroso não é mais encarado como pilar único de apoio do ser humano, muito por seu caráter cada vez mais passageiro e transitório. Séries de televisão como *Sex and the City* e *Friends* mostram a amizade como um relacionamento supervalorizado e duradouro em detrimento de outros. No imaginário da sociedade ocidental, cria-se uma exaltação à amizade e o amigo é visto como depositário de grandes expectativas e esperanças.

Aristóteles, de acordo com Bukowski, Nappi & Hoza (2001), propôs que três qualidades caracterizam a amizade: virtude, duas pessoas que sentem admiração mútua pela lealdade e justiça de ambas; utilidade, em que os amigos desfrutam dos benefícios da relação; e

apreciação, ter prazer no encontro com o outro. Aristóteles acreditava que a virtude seria a mais importante das três qualidades.

Seja em estudos de filósofos ou nas palavras das crianças, segundo Bukowski & Sippola (2005), vários estudos mostram que a amizade oferece ajuda e proteção, companhia, experiências emocionais positivas (como aceitação, intimidade e proximidade) e experiências autoafirmadoras (como lealdade, segurança e avaliação mútua).

Souza & Hutz (2008) afirmam que a literatura sobre as relações de amizade ainda é incipiente, tendo passado de concepções filosóficas e antropológicas para o estudo empírico com crianças e adolescentes a partir do século XIX. Contudo, os estudos sobre as relações de amizade na vida adulta são, segundo os autores, recentes, datando da década de 1970, sendo que não existe um corpo sistemático consistente sobre o tema.

Além disso, a grande maioria dos trabalhos enfoca os períodos da infância e adolescência e pouco se tem escrito sobre as relações de amizade na fase adulta. A fase adulta jovem é, para Sherman, Lansford & Volling (2006), um momento em que as relações de amizade passam por transformações e mais pesquisas são necessárias para entender como se configuram nessa época da vida. Ao realizar uma revisão teórica com estudos que tinham por tema as relações de amizade na infância, Garcia & Pereira (2008) concluíram que há um predomínio de estudos com enfoque nas características dessas relações e que há uma grande carência de estudos em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Além disso, poucos estudos buscam um olhar mais amplo para a amizade, compreendendo seu aspecto cultural e social.

Alguns estudos procuraram encontrar o papel da amizade no bem-estar do indivíduo. Os resultados demonstram que a amizade tem um importante papel no bem-estar afetivo e comportamental do indivíduo e funciona como contrapeso para minimizar experiências negativas, na família ou no grupo de pares (BUKOWSKI & SIPPOLA, 2005). Sherman, Lansford & Volling (2006) concluíram que a amizade está diretamente relacionada ao bem-estar do indivíduo e pode diminuir danos causados por experiências ruins com irmãos. A boa experiência fraterna, por outro lado, não compensa relações conflituosas com amigos.

Bagwell et al (2001) realizaram um estudo longitudinal para entender a importância das relações da amizade e da rejeição pelos pares na infância como preditor de ajustamento e bem-estar na idade adulta. Os dados mostraram que ter uma amizade significativa na pré-adolescência tem mais implicações positivas para a formação de relações adultas saudáveis do

que a rejeição. Tais relações são a base para relações tardias. Elas fornecem um ambiente para a prática de habilidades e competências que fundarão o sucesso da interação com as outras pessoas em fases posteriores da vida.

Não ter um amigo na pré-adolescência estava, nesse estudo, diretamente relacionado a sintomas de depressão na idade adulta jovem. Características relacionais, como falta de um amigo próximo e rejeição pelos pares, estavam mais fortemente relacionadas a dificuldades de ajustamento na idade adulta do que características comportamentais como agressividade e afastamento afetivo.

A rejeição e o medo de compartilhar certos conteúdos pode ser um fator dificultador das relações. Um estudo realizado por Afifi & Burgoon (1998), mostrou que os indivíduos participantes acreditam haver um alto risco na confissão de algumas informações, risco este que pode ser aumentado diante da incerteza das reações do outro. Os participantes acreditam que é preferível não compartilhar ou perguntar certas informações a desencadear uma reação ruim.

Hartrup & Stevens (1999) descrevem as amizades infantis como proporcionadoras de companhia e a proximidade entre os amigos como relacionada ao brincar. Os adolescentes participam de atividades conjuntamente e trocam segredos. Para os jovens adultos, as relações de amizade estão diretamente ligadas ao trabalho e à paternidade. Na velhice, a amizade é separada do trabalho e centrada na companhia e no apoio. Podemos perceber por esses dados que, embora seja de grande importância em todas as fases da vida, a maneira como a amizade será experienciada vai depender do estágio do desenvolvimento no qual o indivíduo se encontra e das demandas de cada fase da vida.

Apesar de as pesquisas demonstrarem a importância da amizade, também demonstraram a fragilidade desta durante a idade adulta, com as responsabilidades trazidas pelo trabalho e pela família.

Estudo longitudinal realizado por Ledbetter et al (2007) tentou entender que fatores contribuíam para a duração da amizade mesmo depois dos amigos terem passado por mudanças significativas. O estudo foi realizado 19 anos depois da primeira coleta de dados e mostrou que o tempo de proximidade na primeira medição, o tempo de investimento e a similaridade manifesta foram os principais preditores da manutenção da amizade. Amigos que

tem cognições e comportamentos parecidos, têm mais probabilidade de continuarem próximos.

Muitos trabalhos pesquisados focam na descrição e no funcionamento da amizade, mas pouco se atém ao significado de tais relações e a importância destas na vida do indivíduo. (BUKOWSKY, NAPPY & HOZA, 2001; UNDERWOOD & HOSEN, 2009; HARTRUP & STEVENS, 1999). As entrevistas e escalas já estão prontas e as definições são, portanto, exteriores ao sujeito e não levam em conta sua subjetividade e a maneira própria como eles vêem a amizade.

Alguns estudos focaram na concepção filosófica da amizade, como o de Bukowsky, Nappy & Hoza (2001). Excetuando o trabalho de Chu (2005), as pesquisas encontradas privilegiam uma análise quantitativa, sendo o principal instrumento utilizado o questionário. As escalas que medem a qualidade da amizade também foram bastante utilizadas. Encontramos também um estudo correlacionando a amizade com outros fatores, como felicidade e ajustamento psicológico (DEMI & WEITEKAMP, 2006).

Por meio da análise dos estudos mencionados, percebemos que estes, como mencionaram Souza e Hutz (2008), privilegiam um olhar mais específico, centrado nas características das relações de amizade apresentadas, tendo um enfoque muitas vezes quantitativo, não abrindo um espaço mais amplo de escuta para que o indivíduo descreva suas relações em suas próprias palavras.

1.2 A amizade e o arquétipo fraterno

Freud e Jung não focalizaram a amizade de imediato como tema central para a qualidade de vida e bem-estar do indivíduo. Barcellos (2003, 2006) discute a forma como os pais da Psicanálise enfocaram o desenvolvimento do indivíduo em uma perspectiva hierárquica, tendo o encontro de pai/mãe e filhos como principais relações constituintes da psique. As relações simétricas, nas quais são incluídos os irmãos e os amigos, não foram aprofundadas por esses grandes pensadores, fato que as relegou à sombra da Psicologia. Porém, em nossa sociedade atual, as relações hierárquicas encontram-se enfraquecidas. É neste contexto que as relações de simetria (irmão, amigo, colega) são buscadas como novo foco, tanto no nível individual como no coletivo (podemos citar como exemplo as ações do Estado, que perdem cada dia

mais espaço para as Organizações não-governamentais - ONGS e outros tipos de organizações com caráter fraterno).

Hunt (1991) considera a amizade um relacionamento intrinsecamente político. A amizade contém as sementes da mudança social porque é uma noção plural capaz de transcender obstáculos sociais de qualquer tipo.

Para Vincent-Buffault (1996), a amizade fornece referenciais sociais na medida em que permite afirmar uma identidade e pressupõe problematizações sobre a vida, as relações, o amor e a ética.

Wahba (1993, p. 12), seguindo nesta mesma linha, declara que, “no modelo arquetípico do coexistir, cada um procura o outro para, juntos, construírem um mundo significativo”.

A importância da amizade reside exatamente neste ponto, pois é ela que propicia uma forma de coexistir com o outro. Devemos, para evoluir, perseguir os meios que facilitem a esfera cooperativa, para que possamos desenvolver-nos interior e exteriormente.

Existem vários motivos pelos quais deveríamos revalorizar as relações de amizade, segundo Hunt (1991). Para a autora, a amizade é um relacionamento que supera idade, gênero, preferências sexuais e políticas, como vimos nas pesquisas relatadas. Ela tem importância em todas as fases da vida, para ambos os gêneros, embora as relações de amizade sejam distintas entre homens e mulheres.

Seguindo esta linha de pensamento, Barcellos (2006) caracteriza a amizade como uma das facetas do arquétipo fraterno. Arquétipos aqui são entendidos como “disposições de formas ou ideias (...) que instintivamente pré-formam e influenciam o pensar, sentir e agir” dos seres humanos em todas as eras (JUNG, 1939/2007, §154).

O arquétipo fraterno tem, para Barcellos (2006), importância fundamental na estruturação das bases de relacionamento adulto maduro, embora não seja percebido como tal. Como imagem arquetípica, o irmão faz parte da psique humana e, mesmo sem sua vivência por meio de um laço de sangue, buscaremos a experiência da fraternidade com os irmãos escolhidos: os amigos e parceiros.

Hunt (1991) acredita que, apesar de todos os arquétipos terem seus limites, pelas expressões plurais, por sua natureza voluntária e pelas transformações sociais que proporcionam, o arquétipo fraterno é um dos mais poderosos e transformadores.

Como nos lembra Brun (2007), a amizade corresponde a uma necessidade primordial de encontro com o outro para o ser humano e vem mantendo-se desta forma desde tempos imemoriais, renovando suas formas de expressão em diferentes épocas e civilizações.

Wahba (1993) atesta a importância da amizade e do arquétipo fraterno nos dias de hoje. Entre os arquétipos que necessitam ser constelados nesse momento de mudanças e de crise, a autora classifica o arquétipo fraterno como um dos mais importantes por suas expressões de cooperação, entendimento e união.

Barcellos (2009) chama nossa atenção para o caráter paternalista e maternalista da psicologia. Desde o princípio, os estudos psicológicos têm se focado nas relações hierárquicas entre pais e filhos na família. Pouco ou nada se fala sobre os irmãos e amigos e sobre o papel das relações igualitárias na vida do indivíduo. Para o autor, a atualidade pede que uma nova forma de ver o mundo seja estabelecida, baseada nas relações fraternais.

Ainda para esse autor, o impacto do arquétipo fraterno em nossa psique vai além da projeção da sombra e da contra-sexualidade de animus e anima. É a própria experiência de diversidade, de reconhecer no outro semelhante e diferente. É a semelhança na diferença que fundamenta nossos mais altos compromissos sociais. É a base da ética. Aristóteles e Platão já haviam conceituado a amizade como necessidade primordial, na medida em que esta relação é de vital importância para a formação da identidade de homens e mulheres.

Mas, o que quer a psique com o irmão, o amigo? Por que precisamos destas relações em nossa constituição como sujeitos? Barcellos (2009) responde a esta pergunta dizendo que o irmão/amigo expressa a busca pelo grupo, pelo lugar de pertença. O irmão/amigo nos mostra quem somos e quem não somos. Ele estabelece as fronteiras entre o eu e o não eu e indica nosso lugar no mundo.

O arquétipo fraterno, como tal, traz imensas possibilidades: cooperação, simetria, amizade, semelhança. Mas também produz uma face sombria (porque reprimida) na forma de rivalidades, inveja e disputa.

Apesar de ser uma expressão arquetípica e, portanto, universal, a maneira pela qual a amizade é vivenciada varia muito de acordo com a cultura e o momento histórico. Bukowski & Sippola (2005) ressaltam esta última afirmação, lembrando-nos de que a valorização dada pela cultura ocidental à amizade não é uma regra nas culturas orientais, para as quais a família é considerada o centro da vida do indivíduo e, portanto, ícone máximo de relacionamento.

Para essas culturas, a amizade pode parecer até mesmo ameaçadora para a ordem e estrutura social estabelecida pela família. Cabe ao pesquisador da amizade entender de que forma esta é expressa na cultura estudada. O arquétipo fraterno, por seu caráter universal, estará presente de uma forma ou de outra em todas as culturas, mas a maneira como as relações simétricas serão vivenciadas e a importância atribuída a elas é particular de cada sociedade.

Por tudo o que foi exposto, podemos perceber que a amizade é considerada por autores junguianos essencial para a formação da identidade. O outro, o amigo, não tem apenas caráter apenas de espelho, mas nos mostra também nossos limites e possibilidades. A amizade constitui-se uma experiência universal de encontro. Encontro com aquele que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente de nós.

Durante séculos, as imagens da família vêm preenchendo o imaginário das relações humanas de forma pungente. As relações hierárquicas sempre receberam muito mais atenção não só do indivíduo comum, mas também da ciência. Passamos por muitas crises e uma nova forma de consciência se apresenta no horizonte. A alteridade entra em cena e compele homens e mulheres a buscarem novas formas de ser no mundo que estejam mais vinculadas a uma coerência interna do que a padrões patriarcais preestabelecidos. A amizade aparece, neste momento, como uma das formas de relacionamento que nos permitem enxergar o outro como verdadeiro Outro, aquele que não sou eu, mas que, ao mesmo tempo, tem tanto de mim. O arquétipo fraterno faz-se imprescindível em nossa busca por uma sociedade mais igualitária e uma forma de ser mais verdadeira.

CAPÍTULO 2. IMAGENS DA AMIZADE NA CULTURA BRASILEIRA

Antes de nos depararmos com as imagens da amizade na cultura brasileira (que é o intuito deste capítulo), achamos por bem localizar, de forma bastante resumida, o desenvolvimento das formas de se encarar a amizade ao longo da história ocidental, para que possamos situá-la em nosso contexto.

Francisco Ortega (2002), no livro *Genealogias da amizade*, faz uma viagem histórica pelas formas como a amizade foi pensada e vivida ao longo do tempo. O autor começa a narrar a história da amizade na Grécia Antiga, onde a *philia*, de acordo com Aristóteles, era tida como o mais importante relacionamento da vida de um homem. Para este filósofo, o amor era uma necessidade de satisfazer os desejos mais baixos da alma, enquanto a amizade (*philia*) era uma relação perfeitamente racional e, portanto, desejável. A *philia* é caráter, é desejar o bem para o amigo por meio de uma escolha da vontade. Eros é, dessa forma, desconectado da *philia* na história da amizade.

Para Aristóteles, é observando o outro e seu bom comportamento que se atinge a felicidade. Reconheço-me no outro porque ele é um igual, idêntico em caráter. Preciso ter consciência do outro para ter consciência de mim mesmo. Então, para que se estabeleça uma relação de amizade, é preciso que os amigos tenham interesses iguais e busquem conjuntamente o conhecimento e o aprimoramento do caráter. Apenas homens cidadãos poderiam, segundo Aristóteles, desenvolver uma relação verdadeira de amizade que era, em sua visão, a maior das virtudes.

Em Roma, por outro lado, a amizade era vista mais como ajuda política do que como relação de afeto entre duas pessoas (BALDINI, 2000).

Segundo Ortega (2002), para o ideário cristão, o amor ocupa o lugar central entre os sentimentos (amor a Deus), deixando a amizade como relacionamento secundário e invertendo a ordem pagã. O amor cristão (ágape) é universal, enquanto a amizade é um vínculo pessoal com outro, um vínculo de entrega e exclusividade. Ágape independe da personalidade do outro porque é um dever que necessita ser aplicado a todos sem distinção. A amizade, ao contrário, baseia-se em afinidades mútuas e em reconhecimento da singularidade do outro. A Igreja Católica via a amizade com desconfiança em razão da tradição cristã, e

alguns pensadores católicos chegaram a proibir a amizade monástica por temerem que ela enfraquecesse a noção de comunidade e irmandade.

No fim do século XII, relata Ortega (2002), as relações interpessoais são permeadas pelo vocabulário do amor derivado das novelas de cavalaria. A conquista da mulher amada é a recompensa principal, enquanto a amizade passa a ser designada por formas estereotipadas de comportamento.

Com o declínio das relações de vassalagem (amizade institucionalizada), novas formas de viver as relações surgem. A semântica passa a ser a do amor e a amizade já não possui mais termos próprios. Ela passa a ser vista como elitista e individualista em um mundo que enfatiza as mulheres e a família.

A sociedade do século XIII viu-se com uma incrível necessidade de uniformização. Assim, todos os grupos minoritários foram perseguidos por representarem o estrangeiro, o desconhecido e a sombra. A sombra do cristianismo com seu amor universal que transformava todos em iguais perante a Deus é a intolerância à diferença. Neste contexto, a homossexualidade tornou-se crime punido com pena de morte (ORTEGA, 2002).

Na Modernidade, a família burguesa aparece como centro da vida, da intimidade e da afetividade. Há um esvaziamento do espaço público com o predomínio da vida privada e a família acaba englobando todas as formas de sociabilidade. Durante o século XVIII, o amor e a amizade foram incorporados ao casamento e ambos concorrem para o estabelecimento da forma como as relações de intimidade serão conduzidas. O amor, como sabemos, ganha a batalha e passa a incorporar a sexualidade.

A conjugalização do amor e a visão da homossexualidade como pecado foram, para Ortega (2002), as causas mais prementes do enfraquecimento da amizade.

Podemos perceber, por esse breve histórico, que a amizade não possui um desenvolvimento linear. Tida como a mais alta virtude e forma de relação pelos gregos, foi desvirtuada pelos valores cristãos da fraternidade universal e vista com desconfiança pelos religiosos. Com o advento da família burguesa e a criminalização da homossexualidade, a família passou a ser encarada como forma principal de sociabilidade, enquanto a amizade era vista como elitizada e desnecessária. O advento do amor como bem maior, em contraste com os primórdios da história da amizade, a relegou a segundo plano. Porém, em nossos dias, vemos um crescimento da importância dessas relações, seja porque a família passa por uma crise, seja

porque o amor é encarado com desconfiança por sua volatilidade. O indivíduo contemporâneo volta-se novamente para a amizade em busca do conforto e da segurança que ele não mais encontra em Deus ou na família.

2.1. Imagens da amizade no Brasil: uma breve ilustração

Ao pensarmos na concepção deste trabalho, percebemos que, quando falamos de amizade, estamos nos reportando a um contexto bem específico, em que as relações são formadas e vividas. Apesar da amizade se constituir enquanto um arquétipo e, portanto, assumir caráter universal, as formas como as relações de amizade são vividas variam muito, dependendo do contexto no qual os amigos estão inseridos, se esta é uma relação valorizada ou não, se existem outras formas de socialização que com ela competem.

No caso do Brasil, acreditamos que a amizade seja uma relação bastante valorizada. No exterior, o brasileiro tem a fama de ser um povo simpático, sociável por natureza. Em nosso país, vemos com frequência, sobretudo entre os jovens, chamar de amigo alguém que se acabou de conhecer. Não encaramos este fato como uma demonstração de frivolidade do brasileiro, mas sim de sua sociabilidade, de sua entrega nas relações. Em pouco tempo, o novo amigo passa a saber muito da vida da pessoa, mesmo que os grandes segredos sejam guardados para pessoas com quem exista uma confiança maior.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil* (1936), corrobora esta visão ao descrever o brasileiro como homem cordial. O brasileiro, segundo o autor, tem necessidade de intimidade e, para consegui-la, utiliza-se de artifícios relacionais e linguísticos: apresenta-se pelo primeiro nome (algo impensável nos países de língua inglesa) e utiliza diminutivos na fala (amorzinho, paizinho, bebezinho, amiguinho) com o intuito de conferir afeto, de aproximar. A ética do brasileiro tem fundo emotivo, em sua tentativa de estreitar os laços e diminuir barreiras. Esta necessidade é tão veemente, que o autor chega a dizer que o povo brasileiro tem “horror à distância” (HOLANDA, 1936, p. 149).

De fato, ao pesquisarmos obras da literatura e da música brasileira que têm como tema a amizade, nos deparamos com um rico acervo de imagens e palavras. Pretendemos, nas próximas linhas, expor um pouco da riqueza de formas como a amizade é retratada por artistas brasileiros. Não imaginamos, de forma alguma, que esta breve exposição encerra a

vasta produção brasileira sobre o tema. Desejamos, antes, passear por essas produções e imagens de forma descontraída e alegre, da forma como uma boa amizade deve ser.

Começamos com uma música muito conhecida e muito tocada, especialmente em eventos de fechamento de um ciclo, como as formaturas. Trata-se da “Canção da América”, música gravada por Milton Nascimento, em 1980. A canção tem alguns versos famosos no Brasil: “Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito. Mesmo que o tempo e a distância digam não.”. Esta frase demonstra a importância atribuída ao amigo, aquele que mora no coração, que está guardado na memória, memória esta que é afetiva. Para uma relação de amizade, não existe tempo nem distância, como os versos da canção provam.

A música fala de saudade, de um amigo que partiu, provavelmente para longe. Devemos lembrar que, na época em que a música foi escrita, o Brasil encontrava-se, ainda, sob o jugo da ditadura militar. Famílias e amigos foram separados, na medida em que muitos foram os exilados políticos. O amigo, aqui, melancólico, relembra o outro que partiu e afirma: “Qualquer dia, amigo, eu volto a te encontrar” (NASCIMENTO, 1980). A busca pela amizade não tem barreiras espaciais ou temporais. Mesmo separados por oceanos, os amigos lembram um do outro e da amizade entre eles sempre que ouvem a canção. E para isso ela foi composta, para lembrar do amigo distante, para mostrar que ele não foi esquecido.

O amigo aparece como irmão na música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos (1977). É o “amigo de fé, irmão camarada” que acompanha o amigo em sua jornada. Essa imagem do amigo de fé, amigo do peito, amigo verdadeiro aparece também na canção “Amizade sincera” de Dominginhos e Renato Teixeira (1981).

Presente em todas as horas, especialmente nas difíceis: “Você é o mais certo das horas incertas” (CARLOS & CARLOS, 1977). No amigo existe confiança, não apenas de que ele guardará grandes segredos, mas também de que ele sempre dirá o que precisamos ouvir: “Você me diz as verdades com as frases abertas” (CARLOS & CARLOS, 1977). Dominginhos e Teixeira (1981) também expressam esta particularidade da amizade quando dizem que os amigos: “Não trazem dentro da boca palavras fingidas ou falsas histórias”.

O tempo e o espaço não são problemas para a amizade verdadeira. Porque os amigos sabem “manter a presença mesmo quando ausentes” (DOMINGUINHOS & TEIXEIRA, 1981). Porém, a vida caótica que levamos na atualidade, com seus muitos compromissos e afazeres, pode separar os amigos. Mudanças no ponto de vista, em valores que antes eram

compartilhados, podem afastar aqueles que um dia foram muito próximos. Raul Seixas deixa isso claro em sua música “Meu amigo Pedro” (1976). Na canção, dois amigos que cresceram juntos e “pensavam sobre o mundo” se estranham porque “hoje eu te chamo de careta e você me chama de vagabundo” (Seixas, 1976).

Não é apenas a mudança normal de ponto de vista, mas também a própria vida, com compromissos diferentes e sempre mutantes, que pode separar os amigos. A música “Sinal Fechado”, de Paulinho da Viola (1974), expressa bem esse dilema, ao narrar o encontro de dois amigos que não se viam há tempos, parados em um sinal de trânsito. A conversa não é espontânea, não se sabe sobre o que falar. Pode-se pensar que o amigo mudou de ideias e valores, como o amigo Pedro de Raul Seixas, e não se sabe o que se pode ou não dizer. A conversa é rápida e superficial, regida pelo tempo do trânsito, da vida. Os amigos combinam de se encontrar, “Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí!” (DA VIOLA, 1974). Ambos sabem, porém, que esta é apenas uma convenção social. O encontro não vai acontecer, pois ambos distanciaram-se ao longo da jornada. “Pra semana, prometo. Talvez nos vejamos, quem sabe?” (DA VIOLA, 1974). A promessa eterna do encontro que nunca se materializa, pois existe sempre algo mais urgente. Porque aquele outro antes tão familiar tornou-se um estranho ao longo da passagem do tempo.

Rubem Braga, em sua crônica “Recado ao senhor 903” (1979), nos fala da dificuldade de termos laços com as pessoas com quem convivemos diariamente, até mesmo com nossos próprios vizinhos, com os quais muitas vezes, apesar de dividirem conosco um espaço tão íntimo quanto nossa casa, mantemos relações apenas superficiais, a ponto de nada sabermos de sua vida a não ser o número de seu apartamento. O autor, melancolicamente, deseja que o encontro entre duas pessoas que dividem o mesmo espaço seja mais profundo, mais humano. Como um encontro de amigos que dividem também suas histórias, o pão e o vinho, e celebram a vida e a amizade.

Apesar dos desencontros da vida, o amigo é um companheiro que segue o mesmo caminho de desenvolvimento, alguém que passa pelas mesmas fases. Como diz Raul Seixas a Pedro: “Onde você vai eu, também vou” (SEIXAS, 1976).

Outra dificuldade que pode surgir na relação com amigos é o interesse de ambos pela mesma mulher. A imagem da mulher que separa os amigos é notória na arte e na literatura e é expressa por uma canção de Roberto Carlos de 1966, “Namoradinha de um amigo meu”. O

homem da canção sofre, mas esconde sua paixão. Ao esconder, diminui a espontaneidade da relação e pode criar atritos entre os amigos.

No “Soneto do Amigo”, Vinicius de Moraes (1998) narra o reencontro de um velho amigo e diz que “é bom sentá-lo novamente ao lado com olhos que contêm o olhar antigo”. Apesar das circunstâncias serem diferentes, o amigo ainda preserva o olhar antigo. Por mais que tenham mudado, há algo da alma do amigo que é reconhecida mesmo depois de tanto tempo. Um vislumbre de uma imagem do self que não se deixa esconder por nenhuma persona. O amigo lembra o passado e dá ao companheiro uma sensação de continuidade no tempo e no espaço. Esse amigo que é “um bicho igual a mim, simples e humano”.

A função do amigo é também servir de espelho, como nos diz Vinicius: “E o espelho da minha alma multiplica” (MORAES, 1998).

Espelho que reflete a alma e mostra muitas vezes aquilo que não queremos ver. Amigos se conhecem profundamente, sem máscaras. O romance “O encontro marcado”, de Fernando Sabino (1956), mostra essa realidade. Amigos são aqueles que nos conhecem, às vezes mais do que nós mesmos. Os amigos da história são companheiros de descoberta, de tentar encontrar um sentido na vida, de encontrar-se, em busca de sua identidade. Descobrem a vida e a literatura, tem coisas em comum para partilhar. Passam por todas as fases da vida juntos e sua presença pode até mesmo salvar o outro. Amigo é outro igual e, por isso, é capaz de nos entender.

Veja o caso de Tércio, por exemplo. Ele é como eu, da minha idade, da minha geração. Sabe as mesmas coisas que eu sei, é um excelente poeta. A gente se entende (SABINO, 1956, p. 212).

Amigos, segundo o colunista Ivan Lessa (2010), devem ser poucos. O autor satiriza a música de Roberto Carlos na qual o rei deseja ter um milhão de amigos. Lessa pergunta: “O que fazer com um milhão de amigos?”. Para ele, amigos devem ser poucos, diferente dos conhecidos, que estão em todos os lugares. Amigos não são fáceis de achar. É o que Dominginhos e Teixeira (1981) dizem em sua canção: “Por isso, mesmo sendo tão raro, não há nada melhor do que um grande amigo”.

A morte de um amigo pode provocar um vazio imenso na identidade e na vida do outro. É o que nos mostra o livro de Jorge Amado “A morte e a morte de Quincas Berro D água” (1997). Ao morrer Quincas, seus amigos choram sua morte de forma inconsolável.

Curió somente agora percebia como eram ligados entre si, a morte de Quincas parecia-lhe uma amputação, como se lhe houvessem roubado um braço, uma perna, como se lhe tivessem arrancado um olho (p. 52).

O amigo é sentido como parte de si e, com sua morte, essa parte fica faltante. Essa falta é ainda mais fortemente sentida porque

Durante anos e anos haviam-se encontrado todos os dias, haviam estado juntos todas as noites, com ou sem dinheiro, fartos de bem comer ou morrendo de fome, dividindo a bebida, juntos na alegria e na tristeza (AMADO, 1997, p. 51).

Desaparece aquele com quem se compartilhou tanta vida, tanta história. É como se uma parte importante de si fosse extirpada pela morte de forma irreversível. Muito do que foi projetado no amigo precisa ser agora recolhido e reconhecido novamente como conteúdo próprio.

Para Clarice Lispector, a amizade não precisa de frases eloquentes para dizer, atividades compartilhadas ou troca de favores. Ela permanece na distância e não precisa de contato diário. A autora faz uma crítica aos amigos que estão sempre procurando dar ou receber alguma coisa em uma relação de amizade. O personagem de seu conto “Amizade Verdadeira” (1998), dá-se conta deste fato tardiamente: “Só muito depois eu ia compreender que estar também é dar” (LISPECTOR, 1998). A simples presença, o simples estar junto já é suficiente na amizade, que não precisa de teorias mirabolantes para ser explicada: “Mas como se revelava sintética a amizade. Como se quiséssemos espalhar em longo discurso, um truísmo que uma palavra esgotaria” (LISPECTOR, 1998). A amizade é simples e pressupõe espontaneidade, estar junto inteiramente. A amizade não precisa ser preenchida com palavras nem atividades, porque, como lembra Dominginhos, os amigos “sabem entender o silêncio”.

As obras pesquisadas revelam algumas imagens que, em nossa opinião, expressam a natureza da amizade: o sorriso e o abraço no momento do encontro (CARLOS & CARLOS, 1977; DOMINGUINHOS & TEIXEIRA, 1981); o amigo longe, impedido de estar junto e com quem se compartilha notícias (Meu caro amigo de Chico Buarque (1969), e que prova que a distância não interfere no vínculo de amizade; Canção da América de Milton Nascimento, 1980); a conversa de bar, que pode ser descontraída ou assumir ares de desabafo e confissão de um amor perdido, como na música “Amigo é pra essas coisas” de Aldir Blanc e Silvio da Silva Júnior, imortalizada na voz do grupo MPB 4; as atribulações da vida moderna que dificultam o encontro, como em “Sinal Fechado” e “Resposta ao senhor 903”. Aparecem também as imagens do esporte, momento de compartilhamento da amizade, em “Um milhão

de amigos? Aqui ó!” (LESSA, 2010). O futebol aparece como importante espaço de socialização, atividade agregadora que, comumente, é compartilhada pelos amigos com interesses em comum. O bar e o futebol passam a ser pretextos para o encontro de pessoas com afinidades, que compartilham muito mais do que um simples hobby. O amigo é companheiro de vida, de descobertas (SABINO, 1956) e também de farras (AMADO, 1997): “A sua palavra de força, de fé e de carinho, me dá a certeza de que eu nunca estive sozinho” (CARLOS & CARLOS, 1977). Amigo não se perde, mas se reencontra em cada nova amizade, em cada nova relação. Pois “O amigo: um ser que a vida não explica, que só se vai ao ver outro nascer” (MORAES, 1998).

É interessante notar que grande parte das obras citadas foram escritas durante o período de ditadura militar no Brasil. Este foi um momento marcado por uma autoridade coercitiva, no qual imperava o poder de um grupo seletivo de indivíduos que reprimiram qualquer forma de pensamento e expressão que contrariasse seus propósitos. Ainda assim, as imagens do amigo, daquele outro igual e diferente, do irmão, do “camarada” (expresso também no discurso político da esquerda), fazem-se presentes de forma contundente, mostrando que a fraternidade e as relações simétricas tornam-se imprescindíveis, principalmente em um mundo dominado por relações altamente hierárquicas. Os poetas, cantores e autores desse tempo buscam por relações mais livres, mais humanas e sentem tremenda falta dos amigos ausentes. A amizade, como relação de alteridade, é valorizada especialmente em um momento da história de nosso País onde esse tipo de relação estava tão distante.

Não havia um interesse premeditado de nossa parte em colher textos que tratassem especificamente dessa época. Os resultados obtidos foram fruto de uma pesquisa na Internet e também do acervo da própria autora. Importante notar, porém, a sincronicidade existente durante essa busca, que possibilitou que imagens de uma mesma época surgissem e tomassem forma, a fim de ilustrar a importância da alteridade e da amizade quando a cultura encontra-se mergulhada em um regime autoritário.

Em um contexto mais individual, podemos entender que muitos dos artistas citados tiveram, eles mesmos, relações de amizade muito fortes e que são conhecidas do grande público exatamente pela importância que tiveram. É o caso de Roberto e Erasmo Carlos; Raul Seixas e Paulo Coelho; Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Chico Buarque (entre outros do grupo); Clarice Lispector, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Helio Pellegrino. Os últimos quatro personagens famosos, amigos e companheiros,

são retratados no livro já citado de Fernando Sabino (1956).

O contexto histórico (ditadura) atrelado às experiências pessoais de amizade desses artistas formam a matéria-prima da qual são criadas essas belas obras, que mostram o imaginário brasileiro relativo à amizade, que não é datado mas, pelo contrário, continua muito vivo em nossos dias.

Ao pensarmos nas imagens aqui representadas nas vozes e nas palavras de tantos artistas brasileiros consagrados, não podemos deixar de lembrar carinhosamente de nossas próprias relações de amizade. Sejam elas profundas ou espontâneas, presentes ou distantes, baseadas em atividades e hobbies em comum ou em valores compartilhados, essas relações fazem parte de nossas vidas e, cada uma delas, apresenta pelo menos uma faceta daquilo que os poetas brasileiros cantaram ou descreveram. Apesar de vivermos em uma sociedade *fast food*, que preconiza que ter é mais importante do que ser e, se for para ter, que seja para ontem, as relações com os amigos continuam a ser buscadas e valorizadas. Mesmo se “cada um de nós é um universo” (SEIXAS, 1976), e estamos sempre “indo correndo pegar nosso lugar no futuro” (DA VIOLA, 1974), ainda assim “sua amizade basta”, porque o “apreço não tem preço” (BLANC & SILVA JÚNIOR).

CAPÍTULO 3. A IDENTIDADE MASCULINA

Ser homem pressupõe passar por estágios de desenvolvimento inerentes a todo ser humano, mas que assumem características próprias em cada cultura e sociedade em geral, assim como para cada indivíduo em particular. O desenvolvimento da identidade masculina possui algumas características específicas que não são partilhadas pelas mulheres. Para além do fator biológico imediato, milhares de anos de desenvolvimento da humanidade contribuem para a formação da identidade masculina nos dias de hoje.

No mito grego, o Caos é o princípio de tudo, como totalidade que contém todas as possibilidades. Da mesma forma, na teoria junguiana, essa totalidade indiscriminada na qual estão presentes todas as possibilidades de desenvolvimento humano é denominada self. O ser humano possui predisposição inata para diferenciar-se deste todo e, assim, formar consciência.

A consciência pode ser entendida como um foco de luz que ilumina uma pequena parte da realidade. Seu centro é o ego. Jung (1959/2008) o conceitua como “o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa” (§1). O ego é o responsável pela adaptação do sujeito no mundo e proporciona ao indivíduo um caráter de permanência, a sensação de ser ele mesmo ao longo do tempo. Tem ainda a função de relacionar os conteúdos da realidade externa com o mundo interno do sujeito.

Dentro desta formulação, o ego não abarca a totalidade da psique, que é constituída, ainda, de todos os conteúdos que, de uma forma ou de outra, não se encontram na consciência. Esses conteúdos inconscientes são classificados como pessoais e coletivos. Os primeiros constituem-se de conteúdos que formam a personalidade individual e poderiam ser conscientes, mas de alguma forma não o são, seja por terem sido esquecidos, reprimidos ou permanecerem em caráter subliminar. Os últimos representam a base da psique e têm caráter universal.

“Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre e a priori.” (JUNG, 1959/2008, § 12). Os arquétipos são psicossomáticos e incluem polaridades imagéticas e instintivas.

Como bem conceitua Faria (2003),

Não são, como se poderia supor, imagens inatas, mas, antes, formas inatas que possibilitam a ativação das imagens. Eles proporcionam uma prontidão para que o homem enfrente diversas situações existenciais vividas desde sempre, como o nascimento, a morte, a união, a maternidade, a paternidade etc. (p. 31).

Os arquétipos não podem ser percebidos diretamente, mas apenas por meio de suas manifestações, que podem ser somáticas ou imagéticas.

Como nos lembra Byington (2008), o ego é formado pelos arquétipos na medida em que estes são constelados de acordo com o ambiente e a cultura em que a criança está inserida. Desde a concepção, a criança está diretamente ligada à mãe, de forma que esta representa para o bebê o mundo inteiro, espaços interno e externo que ele ainda não consegue diferenciar.

Até o primeiro ano de vida, segundo Neumann (2000), a criança ainda vive um período gestacional fora do útero da mãe, na medida em que ainda é completamente dependente dela. O ego da criança ainda não está inteiramente formado, atuando em ilhas de consciência que vão se tornando mais estáveis com o amadurecimento.

Para a criança do sexo masculino, de acordo com Neumann (2000), a primeira relação que ela estabelece (com a mãe) é vista como dessemelhante na medida em que comporta um outro completamente outro, caracterizado pela contrassexualidade da mãe. Esta relação precisa ser ultrapassada para que o menino atinja sua identidade masculina.

Monika Von Koss (2000) vai mais além, quando afirma que: “o masculino trabalha contra a natureza” (p. 106). A autora enfatiza que o embrião masculino precisa de uma dose extra de hormônio para que possa desenvolver órgãos reprodutores masculinos. O ambiente em que é criado (útero) é feminino e o bebê do sexo masculino precisa de um trabalho a mais para desenvolver-se como tal.

Ao nascer, o ego da criança encontra-se imerso no inconsciente, do qual ele se separa gradualmente. Nessa primeira fase, somos o mundo, sentimo-nos autosuficientes (NEUMANN, 1968).

Essa primeira posição da consciência é denominada matriarcal e caracteriza-se pela sensualidade, pelo desejo e pelo instinto. As polaridades não estão articuladas, não há ainda uma discriminação destas. Ao desenvolver-se, o ego da criança passa para uma posição de consciência patriarcal na qual os opostos são reconhecidos e discriminados (BYINGTON, 2008).

Nesta posição, relata Neumann (2000), a criança começa a se inserir no mundo e na cultura vigentes por meio da assimilação de valores e regras. O ego da criança começa a separar-se do ego da mãe ao qual estava ligado desde a concepção. Este processo de separação não ocorre sem sofrimento e ansiedade. Contudo, a força propulsora da vida originária do arquétipo central impulsiona o ego em sua busca por desenvolvimento, mesmo que isto signifique perder a segurança alcançada no relacionamento primal com a mãe.

A separação dos opostos cria uma falta para a consciência que, durante a posição anterior, compreendia-se como autosuficiente. A falta abre espaço para a alteridade, mostrando que existe um outro a ser conhecido. Nesse sentido, a consciência patriarcal abre caminho para que uma relação mais individualizada aconteça com o outro, que agora é entendido como externo à psique (NEUMANN, 1968).

Neumann (1968) relata que na posição matriarcal “não havia ainda o sentimento existencial da solidão que está necessariamente ligado ao ego e, especialmente, a um ego consciente de sua existência própria” (p. 95).

A relação com o outro só pode ser estabelecida a partir do momento em que o ego tem sua existência reconhecida e é separado daquele. Essa separação começa a tomar forma na posição patriarcal da consciência.

No mito de Parsival e o Graal, relatado por Chrétien de Troyes (séc XII/1982), temos um exemplo de como este processo acontece na vida do menino. Parsival tem uma visão de cinco cavaleiros que lhe mostram seu destino. Ele então decide ir ao encontro de sua visão, deixando para trás sua mãe, que fica aos prantos.

Jung & Von Franz (1980), apontam que o encontro de Parsival com os cavaleiros é o primeiro vislumbre da criança inconsciente com o self. Esse encontro, no caso do herói, dá-se na floresta, ambiente notadamente materno e feminino. Parsival encontra-se com o mundo masculino da cavalaria, o mundo do pai, do qual ele nada sabia a respeito, e vislumbra ali seu futuro. Sem pensar, decide partir em busca de tornar-se aquilo que quer ser.

Anteriormente, Parsival encontrava-se imerso no mundo da natureza, no mundo da mãe (floresta) e não tinha consciência de si como um ser separado. Ao vislumbrar um mundo oposto ao que vivia, Parsival apercebe-se não só de si mesmo como um ser desejante e separado de sua mãe, mas também do outro (cavaleiros) a ser conhecido.

Alvarenga (2008) propõe que a mãe de Parsival, que escondeu do filho sua verdadeira origem de cavaleiro, representa a Grande Mãe devoradora e incestuosa que impede a emergência do ego heroico que busca o feminino anímico transformador.

Durante a fase de mudança da posição matriarcal para a patriarcal, a mãe aparece como mãe terrível, a bruxa, visto que a permanência da criança atrelada a ela barra o necessário desenvolvimento do ego. Neste momento, o ego heroico do menino deve matar o dragão que representa a mãe e sua relação primal com ela, para libertar-se e desenvolver sua identidade de forma autônoma (NEUMANN, 2000).

O homem precisa mover-se para longe da mãe a fim de começar a relacionar-se com seu feminino interno, a anima. Esta figura deve ser libertada, segundo Neumann (2000), da influência do arquétipo materno, como mostra a imagem da princesa aprisionada pelo dragão nos contos de fada.

O ego do menino precisa, agora longe da mãe, confrontar-se com seu feminino interior, a anima, que força o ego a uma transformação que pressupõe o encontro da alteridade, o feminino autêntico e autônomo. A anima atrai o homem para desbravar novos mundos, descobrir o novo.

A libertação da cativa é uma tentativa de chegar a um balanço entre feminino e masculino, entre ego e anima. O herói, segundo Neumann (1968), mata o aspecto terrível do feminino (dragão) para libertar seu aspecto positivo e inspirador (anima).

Ao mesmo tempo em que sai do âmbito materno, o menino entra no mundo do pai, o mundo da lei. Neumann (1968) acredita que, ao matar o dragão, o ego heroico está não apenas separando-se da Grande Mãe devoradora, mas também do Pai coletivo. O Pai é representante da lei coletiva e da proibição.

O desejo de matar do garoto se dirige contra essa autoridade que representa a lei coletiva, seja porque o seu lado infantil sente essa autoridade como excessiva, ou porque seu lado heroico a considera restritiva (NEUMANN, 1968, p. 142-143).

Assim como o feminino terrível, o masculino terrível também fixa a consciência e interrompe o desenvolvimento do ego. O patriarcado age por meio deste mecanismo, na medida em que fixa os indivíduos a velhas ideias e não permite que o novo se instale.

Assim sendo, a tarefa do herói ao combater o dragão é vencer a Mãe e o Pai, tornando-se um indivíduo independente e autônomo.

A medida que se torna adulto, o indivíduo adapta-se ao mundo e o caráter heroico do ego fica latente, já que este deve manter o status quo e os valores culturais vigentes. O ego do homem deve ter estabilidade suficiente para barrar quaisquer conteúdos arquetípicos ou mundanos que possam ameaçar a segurança e estabilidade conquistadas.

Ao longo deste processo, algumas características são consideradas indesejáveis em termos de adaptação do indivíduo ao mundo. Essas características são reprimidas, formando a sombra, o lado inferior da personalidade. Os conteúdos da sombra são fortemente marcados pelo afeto e podem possuir o ego, funcionando como personalidade autônoma. (WHITMONT, 1969).

Juntamente com a formação da sombra, dá-se a formação da persona, que é descrita por Jung como um compromisso entre o indivíduo e a sociedade (JUNG, 1928/2001). A persona tem caráter coletivo na medida em que facilita a adaptação do indivíduo à cultura em que está inserido. A persona pode ser entendida como a máscara que o indivíduo usa para relacionar-se com o mundo e pode referir-se à identidade sexual, a um estágio de desenvolvimento (infância, adolescência, idade adulta), a um papel social ou a uma profissão. Ela é um escudo que protege o sujeito, ao mesmo tempo em que revela quem ele é (HOPCKE, 1995).

Para Byington (2008), persona e sombra são formados por símbolos advindos do Arquétipo Central, o principal dos arquétipos.

A diferença entre os símbolos expressos pela persona é que estes possuem um canal de expressão aceito social e culturalmente, enquanto os símbolos da sombra não o possuem (BYINGTON, 1986). A consciência tem caráter unilateral, que é compensado pelo inconsciente. Os símbolos são os componentes dessa compensação.

Na meia idade, quando o indivíduo já está bem adaptado ao coletivo e as exigências sociais diminuem, um novo movimento rumo à transformação e ao desenvolvimento tem início (NEUMANN, 2000). O homem precisa, agora, entrar em contato com partes de si que não foram desenvolvidas ou que ele reprimiu em razão de sua necessidade de adaptação ao coletivo. A confrontação com a sombra e o encontro com a anima aparecem como necessidades primordiais do processo de individuação masculino, na medida em que o homem parte do coletivo rumo à sua individualidade.

3.1 A consciência patriarcal e seus efeitos para o homem na atualidade

Segundo a mitologia de muitos povos, os seres humanos abrigavam em si tanto o masculino quanto o feminino, personalizados na figura do andrógino. De acordo com a mitologia cristã, Deus criou a mulher a partir da costela de Adão, o que supõe que, neste momento, estes dois princípios foram separados. Essa mesma separação aparece no mito grego de Gaia e Urano, no qual Cronos, o Tempo, separa com uma foice pai e mãe, homem e mulher. Cronos é o princípio ordenador e discriminador da consciência patriarcal que divide, separa e classifica. Ao longo do processo de desenvolvimento, também separamos esse casal arquetípico em termos de comportamentos socialmente aceitáveis para cada sexo. Sua união é, para Kast (1986), vital e traz o sentimento inequívoco de inspiração e amor. Tal união é símbolo da totalidade da psique.

Esta separação dos pais primordiais pode ser entendida como o advento da consciência patriarcal, forma de consciência que vê o mundo a partir de polaridades (dentro/fora, interno/externo, amor/ódio, homem/mulher). Na consciência matriarcal, as polaridades se confundem, enquanto na consciência patriarcal, estas polaridades estão bem estabelecidas, mesmo que uma seja considerada inferior à outra.

Monika Von Koss (2000) descreve que as primeiras civilizações humanas acreditavam que o mundo era originário da Grande Deusa Mãe. Estas civilizações estavam inseridas na natureza e dela dependiam completamente. Ao começar a se fixar na terra, deram-se conta dos ciclos naturais e, também, da relação entre sexo e gravidez. O papel da fecundação masculina foi sendo percebido e surgiram os mitos do casamento sagrado que dava origem a todas as coisas. Não mais uma totalidade indistinta era preconizada, mas a união harmônica de um par de opostos.

Ainda segundo a autora, com o declínio do período neolítico, surge a figura do herói que, expulso do clã feminino, sai em busca de sua identidade e lugar no mundo masculino. Seus feitos trazem ordem ao mundo no momento em que mata o grande monstro do inconsciente devorador (dragão). O herói não pode prescindir, contudo, do princípio feminino que o auxilie em sua busca, as imagens da anima.

A constituição da consciência patriarcal foi de extrema importância para o desenvolvimento da humanidade. Sem ela, o homem recorre a experimentos mágicos que, inevitavelmente, o deixam preso a forças fora de seu controle. O desenvolvimento tecnológico que vemos em nossos dias só foi possível porque o ser humano, como Cronos, separou os opostos e pode desenvolver uma relação de oposição a eles. Quando eu-outro não estão separados, a possibilidade de um entendimento racional do mundo é prejudicada.

Contudo, o arquétipo patriarcal, por sua característica organizadora, tem maior potencial entre os arquétipos de produzir divisões unilaterais e ativação de defesas. Os polos opostos, típicos da dominância patriarcal, geram uma tensão em que um polo é considerado inferior, podendo levar a uma visão do mundo parcial e crítica, que exclui uma das polaridades, realocando-a na sombra. A sensualidade da consciência matriarcal, sua forma de expressão mais livre é reprimida, assim como uma gama de possibilidades que não entram na consciência por sua oposição aos valores já estabelecidos. Cria-se uma unilateralidade da consciência que será compensada pela sombra (BYINGTON, 2008).

Segundo Byington (2008), conforme as sociedades que deram origem à civilização ocidental se assentaram, dividiram os papéis de homens e mulheres de tal forma que esta fosse caracterizada por suas funções domésticas e o primeiro, por funções fora do lar. Espaço público e privado são então divididos dentro da polarização da consciência patriarcal, e distribuídos de acordo com os papéis delegados a cada sexo. O autor nos lembra que, ao longo da história, a identidade de homens e mulheres esteve confundida com os papéis sociais que deveriam desempenhar.

Tacey (1997) acredita que a psique é, como mostrava o mito de Platão, bissexual. A alma, segundo ele, é andrógina talvez porque não seja inteiramente humana e nos conecte a uma realidade profunda na qual não há objetos fixos e forças contraditórias interagem.

O autor nos diz que o temor da androginia da alma aparece como medo do sexo oposto. Esse medo, assim como o medo da morte descrito por Garlick (2003), levou os homens a projetar sua sombra patriarcal nas mulheres e dominá-las, bem como à natureza, durante séculos. Diz o autor: “Se as mulheres e a natureza representam a morte para o homem moderno, então não é surpresa que ele as negue” (GARLICK, 2003, p.167).

Os movimentos feministas chamaram a atenção para essa dominância e proclamaram a igualdade da mulher, conquistando terrenos antes predominantemente masculinos. Com a

emancipação feminina, o homem moderno precisou entrar em contato com conteúdos antes reprimidos.

A própria psicologia junguiana, como nos lembra Tacey (1997), relacionou a mulher ao princípio de Eros e o homem ao princípio de Logos, contribuindo para uma visão unilateral do que é ser homem ou mulher. Para este autor, Jung leu a estrutura das relações entre os sexos em sua época como arquetípica e não sociológica. Às mulheres foi, então, designado o caráter de Eros e os homens não precisariam ter que se relacionar com ele a não ser indiretamente, por meio da relação amorosa. A emancipação feminina deu lugar a uma identidade da mulher relacionada não só a Eros e obrigou o homem a entrar em contato com este princípio arquetípico em sua própria psique, a anima. Essa mudança de atitude feminina levou o masculino também a mudar a sua maneira de se relacionar com o sexo oposto e consigo próprio, ocasionando o que muitos autores chamam de “crise do masculino”.

Nolasco (1995) nos lembra, porém, de que não devemos entender a crise atual da masculinidade e a busca de novas formas de ser no mundo pelos homens apenas como reação às conquistas femininas. Antes de tudo, os homens estão revendo padrões de comportamento que já não fazem sentido para eles, posto que foram dados de fora para dentro e são tão aprisionantes para eles quanto foram para as mulheres durante tantos anos. O autor ressalta, também, que não devemos confundir o homem individual com o patriarcado. Este último trouxe dificuldades para os homens da mesma forma que limitou a expressão feminina. Na atualidade, o homem procura desenvolver uma identidade comprometida com seu processo de individuação e que abarque também as características excluídas de sua consciência pelo patriarcado. A busca masculina na atualidade é uma empreitada rumo à quebra de estereótipos paralisantes e comportamentos cristalizados.

Para Garlick (2003), quando falamos de macho (ou fêmea), estamos nos reportando a uma diferença sexual e biológica. Ao conceito de masculinidade, é conectada a noção de gênero constituído socialmente. Então, pergunta-se o autor, o que seria ser homem? A resposta, segundo ele, é que homem e mulher são conceitos que abarcam os dois anteriores, gênero e sexo. Podemos entender, então, que a construção da identidade do homem é feita por meio de uma intrincada relação entre o biológico ligado ao corpo, ao cultural, ao social e, acrescentaríamos, ao fator arquetípico.

Von Koss (2000) acredita que ser homem ou mulher é diferente de ser masculino ou feminino. Estes últimos são, para a autora, princípios presentes na psique de ambos os sexos.

O que ocorre é que, durante milênios, temos vivido imersos em uma sociedade que valoriza características do masculino. Diz a autora:

Contudo, enquanto seres humanos individualizados, conscientes, não somos masculinos nem femininos, nem temos uma parte masculina e outra feminina. Somos pessoas inteiras, capazes de nos expressar de infinitas formas distintas, todas elas uma mistura de qualidades que o senso comum designa femininas e masculinas. A proporção dessas qualidades e sua dança interna vai configurar nossa individualidade, que é sempre única. (p. 212-213).

Segundo Jung (1928/2001), a neurose é sempre uma tentativa do indivíduo de resolver dentro de si um tema universal e, portanto, sofre a influência dos problemas do tempo em que vivemos. A chamada crise da masculinidade de nossos dias pode ser entendida desta forma. Novos padrões arquetípicos emergem em uma consciência que já não consegue ser unilateral em detrimento de sua totalidade. Aspectos da sombra que, por tanto tempo, influenciaram a forma como homens e mulheres comportam-se e se relacionam, emergem com toda a força, deixando uma sensação de insegurança e angústia para aqueles que tentam encontrar um novo caminho de expressão de si mesmos. Os valores pregados pelo patriarcado não ajudam mais o sujeito em sua busca por identidade.

Se uma grande parte de sua psique foi extirpada pelo desenvolvimento de uma consciência patriarcal unilateral (BYINGTON, 2008), é esta mesma parte reprimida que clama por reconhecimento na vida de homens e mulheres. Uma nova forma de consciência está sendo avistada, que inclua as polaridades em uma unidade e não mais as separe em opostos irreconciliáveis. A crise é gerada pela tensão entre tentar assumir comportamentos e atitudes que não condizem com os verdadeiros desejos e são contrários à integridade da psique. Livrar-se desta máscara (persona) que por tanto tempo trouxe benefícios para os homens no campo social é uma tarefa complicada, mas necessária, à expressão da totalidade do indivíduo.

Avistamos a entrada da consciência em uma posição de alteridade “capaz de lidar com as polaridades em todas as suas combinações e, por isso, desempenhar a capacidade máxima de elaboração simbólica da criatividade psíquica” (BYINGTON, 2008, p. 161).

Nas palavras de Jung (1928/2001, §269): “A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona assim como do poder sugestivo das imagens primordiais”. Assim, a constituição do ego se faz em integrar as imagens arquetípicas em uma relação dialética com a cultura do indivíduo.

Como nos lembra Tacey (1997), a individuação é um processo de diálogo com o inconsciente e o ego deve manter seu contato com a realidade na medida em que integra os conteúdos inconscientes. É uma interação entre o inconsciente (arquétipos) e o mundo externo (cultura). Um jogo dialético entre potencialidades que podem emergir e as limitações e propensões da cultura para a integração de novos aspectos advindos do Arquétipo Central. Trata-se não apenas de flexibilizar a persona, como também de integrar no ego aspectos do inconsciente que podem emergir em determinado momento. Desta forma, o processo de individuação masculino é visto como uma relação dialética entre o biológico (sexo), o social e cultural (gênero) e o arquetípico na formação da identidade do homem.

“É incrível quantas vezes nos dizem que a masculinidade é meramente um constructo da sociedade, que pode ser detonado simplesmente se pararmos de acreditar nele”¹ (TACEY, 1997, p. 10). Com esta frase, o autor nos lembra que, embora a cultura influencie diretamente a forma como os arquétipos serão constelados, estes são realidades psicológicas que precisam ser levadas em consideração.

Apesar de as possibilidades arquetípicas serem ilimitadas, é também verdade que o ego experimenta esses arquétipos presos ao tempo, ao espaço e ao próprio corpo. A forma como os arquétipos irão se constelar e mesmo a presença de uma arquétipo em detrimento de outros dependem da experiência corporal e, portanto, do sexo. Como dito anteriormente, é um processo dialético de diálogo entre os arquétipos, a cultura, o corpo e o ego.

A humanidade precisou fazer esta viagem para longe do inconsciente (mãe-Gaia, que dá a vida a tudo) até a discriminação dos opostos (Cronos que castra Urano e separa o Céu e a Terra) para desenvolver a consciência (árvore do bem e do mal). O resultado possibilitou o surgimento da consciência e a sensação de eterno medo (pecado original) de voltar para o estágio anterior.

Precisamos avançar para o próximo estágio, o dialético, no qual os opostos unem-se em uma consciência da totalidade menos unilateral.

Para Von Koss (2000), a única forma de reconciliarmos as polaridades é desenvolver ambas em nossa consciência. Deixar de reconhecer-nos apenas como masculinos e femininos para perceber-nos como seres inteiros, que podem expressar-se de várias maneiras, agregando

¹ Tradução nossa.

características femininas e masculinas em uma posição dialética de integração de opostos.

CAPÍTULO 4. O HOMEM E A AMIZADE

“Eu gostaria de abraçá-lo agora... Mas eu não posso. Ele teria uma ideia errada e tudo entre nós seria arruinado quando começou tão bem.”

Esta frase de um romance de Richard Ford, estudado por Carrera (2009), denota bem a forma como a amizade entre dois homens aparece. O medo dos desejos homoeróticos e da possibilidade do questionamento da identidade masculina e, ao mesmo tempo, a necessidade de aproximação e intimidade podem permear esta relação.

Na Grécia antiga, a amizade entre homens era estimulada. Aristóteles pregava que a verdadeira amizade era possível apenas entre homens e cidadãos. Vincent-Buffault (1996) traz em seu livro cartas trocadas entre amigos durante os séculos XVIII e XIX que mostram, de forma interessantíssima, que a intimidade e a afetividade eram expressas entre amigos homens de forma corriqueira. A importância da amizade era ressaltada e o amigo e suas qualidades, enaltecidos. Nessa cartas, o verdadeiro eu desvelava-se na leitura acolhedora do amigo.

Carrera (2009) lembra que a literatura inglesa até o século XIX demonstrava a amizade e a intimidade masculina como naturais. A homofobia parece crescer desde o final do século XIX e colocar empecilhos para o estabelecimento de relações íntimas heterossexuais entre homens. O autor declara que a homossexualidade era antes um adjetivo, uma forma de conduta. Quanto esta passou a ser um substantivo, a homofobia passou a ter importância crescente na vida do homem. A homossexualidade passou a ser caracterizada como doença, desvio da norma e passível de punição legal. Este fato, na visão do autor, foi ocasionado por uma revolução sexual que tirava o sexo da esfera do matrimônio. Neste novo contexto, qualquer relação masculina com outro homem poderia ser vista como manifestação da homossexualidade e o homem deveria, portanto, estar sempre alerta com a forma pela qual se relacionava com seus pares.

O autor declara:

Porque os homens associam amizade e intimidade com o mundo das emoções que foi tradicionalmente considerado feminino, eles tendem a ligar a amizade com feminilidade e, assim, com temores de castração (p. 53).

Os homens, na visão de Carrera (2009), perseguiram o feminino em si mesmos (anima) e, por consequência, o feminino fora, a mulher.

Souza & Hutz (2007) acreditam que diferentes formas de comunicação e socialização entre homens e mulheres pode explicar a diferença na percepção das qualidades da amizade em cada sexo. A maior intimidade e a maior exposição das emoções, prerrogativas da socialização feminina, não fazem parte de forma abrangente da socialização masculina.

Adams e Blieszner (1994, apud GARCIA; PEREIRA, 2008) acreditam que o gênero é diferencial essencial no desenvolvimento das relações de amizade, já que as características de gênero irão fornecer subsídios por meio dos quais essas relações irão se estabelecer, na forma de expectativas e comportamentos adequados para cada relação.

Maccoby (1998, apud UNDERWOOD & HOSEN, 2009) mostra que existem diferenças nos grupos de pares em relação ao gênero. As meninas enfatizam relações diádicas, possuem grupos menores de amigos, brincam perto dos adultos, evitam conflitos, têm intimidade e confissão, discutem as relações, têm relações fechadas e exclusivas.

Os meninos têm grupos maiores, brincam longe dos adultos, quebram regras, focam-se em atividades e competição, discutem sexo e comportamento de risco, têm menos confissões e têm relações mais abertas e menos exclusivas.

A amizade masculina está ligada historicamente ao fazer, nascida principalmente das atividades de guerra.

A mitologia da amizade heroica está ligada ao perigo e à ação, à fraternidade de armas, ao exercício da coragem, do heroísmo, a uma solidariedade frente ao adversário. (VINCENT-BUFFAULT, 1996, pág. 14).

Exemplos desse tipo de amizade masculina são encontrados na atualidade em uma convivência que pressupõe a bebida, o jogo e o uso de obscenidades.

Pesquisas desenvolvidas na área atribuem menor intimidade às amizades masculinas e, paralelamente, menor auto revelação entre homens (Chu, 2005; Bank & Hansford, 2000)

Pesquisa realizada por Souza & Hutz (2007) corroborou em parte esses dados, mostrando que as amizades masculinas são caracterizadas por atividades feitas em conjunto e que os homens privilegiam o tempo investido na amizade mais do que as trocas afetivas, como acontece com

as mulheres. Apesar disso, homens buscam intimidade em suas relações e dão grande importância aos relacionamentos com amigos.

Veniegas & Peplau (1997) realizaram pesquisa comparando as amizades masculinas e femininas. Os resultados mostram que as mulheres indicaram maiores pontuações em todas as categorias da escala que avaliava a qualidade da amizade. Duas das categorias tiveram diferenças significativas: recompensas e confissão. Ambos os gêneros avaliaram suas amizades como igualmente interessantes, apoiadoras de suas qualidades e fáceis de manter. Mulheres indicaram pontuação maior na subscala de utilidade, indicando que podem contar mais com as amigas em termos de suporte financeiro e suporte egóico e que suas amigas notam e apreciam suas habilidades.

A pesquisa também indicou que as mulheres parecem contar mais com suas amizades e podem compartilhar mais informações, mas ambos os sexos tem ligações próximas e satisfatórias.

Chu (2005) acredita que as pesquisas que mostram as amizades masculinas como menos íntimas do que as femininas são incompletas porque não apuram o motivo desta diferença. A autora conduziu um estudo para compreender como meninos percebem a influência das normas de masculinidade enfatizadas dentro do grupo em sua habilidade de desenvolver amizades próximas. As entrevistas mostraram que os meninos encontram barreiras culturais para estabelecer amizades próximas com outros meninos, devido às normas de masculinidade vigentes em seus grupos de pares. O desenvolvimento da masculinidade dá-se, principalmente, por meio da diferenciação de tudo o que possa ser feminino (atitudes, sentimentos, posturas, comportamentos). A intimidade é primariamente relacionada com o mundo feminino e, portanto, é rechaçada no mundo masculino, embora os participantes da pesquisa relatem ansiar por uma relação íntima com os amigos. Bukowski, Nappi & Hoza (2001) confirmam este achado, concluindo que a intimidade entre homens é considerada proscrita.

Os meninos participantes do estudo de Chu (2005) possuem não apenas vontade, mas também capacidade para o desenvolvimento de relações próximas, mas percebem seus pares como julgadores e insensíveis. O ambiente hostil do qual acreditam fazer parte influencia sua decisão de não compartilhar sentimentos e pensamentos, evitando uma vulnerabilidade que pode ser explorada por outros. Apesar disso, muitos meninos conseguem estabelecer relações

próximas com outros meninos, relações estas que atuam como fator de proteção contra as pressões do grupo.

As redes sociais de homens e mulheres também se diferenciam pelo tamanho. Durante a infância, meninas têm redes menores do que meninos, embora esta situação reverta-se na adolescência. Durante a fase adulta jovem, o tamanho da rede permanece relativamente o mesmo da adolescência. Na meia idade, o número de amigos decresce, e aumenta por volta da aposentadoria. O tempo gasto com os amigos também muda ao longo da vida. Crianças e adolescentes passam um terço de seu tempo com os amigos, enquanto adultos passam apenas 10% (HARTRUP; STEVENS, 1999). Devemos lembrar de que, apesar de reveladores, estes dados são referentes à amostra internacional e devem ser entendidos dentro deste contexto.

Apesar de estudos mostrarem que as amizades femininas são mais próximas e íntimas, para Benenson & Christakos (2003) por essa mesma razão elas tendem a ser mais frágeis porque as mulheres podem revelar segredos da amiga quando estão em conflito. Em contrapartida, homens tendem a encarar o conflito mais abertamente do que as mulheres. Além disso, as mulheres costumam ter relações diádicas, enquanto os homens tem um maior grupo de relações, que facilita a resolução de conflitos.

A pesquisa de Maciel Júnior (2006) aponta algumas características que outros estudos já mostravam. Os outros homens são vistos como rivais, como afirma um dos participantes: “acho que a gente acaba vendo os homens sempre como competidores” (p. 99). Essa visão que os homens tem de seus pares tem relação direta com a forma pela qual eles estabelecerão relações entre si. A competição torna-se importante porque tende a inibir a intimidade com o outro que é considerado, antes de tudo, um antagonista.

Fee (2008) relata que Blay (2001) realizou um estudo de perspectiva histórica sobre as amizades masculinas. Blay (2001 apud FEE, 2008) nos conta sobre tumbas de amigos homens enterrados lado a lado, como se fossem esposos, datados dos séculos XIV a XIX. Essas amizades muitas vezes eram referidas como casamento, e significavam um compromisso não criado por linhagem sanguínea ou contrato, mas pela promessa de viverem juntos e se ajudarem mutuamente.

Blay também enfatiza que as uniões entre amigos sempre foram vistas como um perigo para o status quo, pois a força que vem da amizade pode ajudar os indivíduos a contestar a realidade social na qual estão inseridos e a procurar mudanças.

Rezende (2002) realizou um estudo com jovens ingleses sobre mágoa e ofensa nas amizades. Os participantes do sexo masculino revelaram que, para eles, a ofensa em uma relação de amizade poderia advir de uma auto revelação que ocorresse precocemente na relação. Revelar algo íntimo antes da intimidade ter sido estabelecida soava para estes homens como imposição para o amigo e, por isso, podendo provocar ofensa. Novamente, percebemos como o desvelar-se na frente do outro provoca angústias e medos nos indivíduos masculinos por perceberem-se frágeis e temerem expor sua individualidade e sofrer julgamento por parte dos amigos.

Em outro estudo, Bank & Hansford (2000) analisaram seis fatores que poderiam estar associados à menor intimidade nas relações de amizade masculinas. São eles: falta de um modelo de amizade parental, homofobia (sentimentos negativos em relação à homossexualidade e medo de ser taxado de homossexual), restrição emocional (menor tendência à expressar sentimentos), modelo de comportamento masculino, esforço competitivo (competição nas relações) e conflito de papéis (em relação a atividades profissionais e relacionamentos heterossexuais). Restrição emocional e homofobia foram os fatores de maior correlação. Segundo os autores, isso indica uma tendência à reserva e à cautela nas relações masculinas, o que diminui a intimidade.

O estudo de Stoudt (2006) demonstra de forma clara esta realidade. Ele entrevistou meninos estudantes de um colégio não misto nos Estados Unidos. Um dos entrevistados diz que precisa de amizades femininas para ser ouvido e revelar seus sentimentos, pois com os amigos homens não consegue fazê-lo. Da mesma forma, 45% dos meninos entrevistados disseram que era mais fácil falar sobre seus problemas com uma amiga do que com um amigo. O autor discute o discurso que aparece na fala de um dos garotos, posicionando uma dicotomia entre o mundo masculino da ação (espaço público) e o mundo feminino das emoções (espaço privado).

Uma das formas de interação entre meninos e homens adultos é o comportamento jocoso que pode, muitas vezes, transformar-se em humilhação. Neste estudo, 66% dos meninos entrevistados admitiram que, muitas vezes, não compartilham seus sentimentos nem mostram seu eu verdadeiro com os amigos por causa das piadas que podem ouvir a respeito.

Como já discutido anteriormente, a intimidade e as emoções fazem parte do que a cultura atribui às mulheres, e, em uma masculinidade que precisa ser constantemente colocada à prova e, portanto, diferenciada da feminilidade, o espaço para essas expressões pode ser mais restrito.

O comportamento jocoso é, muitas vezes, uma forma de atenuar os sentimentos de insegurança e inadequação dos homens em relação aos seus próprios sentimentos e os sentimentos de outros homens.

A pesquisa de Lilleaas (2007) mostra bem este lado. Os homens suecos entrevistados mostraram uma forma estereotipada de se relacionarem entre si, fazendo brincadeiras para lidar com sentimentos considerados embaraçosos. Além disso, não conversavam sobre sentimentos e angústias com os amigos homens.

Os participantes deste estudo relataram também que aos homens não é permitido expressar seus sentimentos. Eles relacionam esse fato à maneira como foram criados, na qual a expressão dos sentimentos não era permitida. Apesar disso, vários participantes relataram vontade de ter uma relação mais “honesta” com seus amigos, em que a intimidade e os sentimentos fossem incluídos.

Blay (2001 apud FEE, 2008) pergunta-se porque apenas agora estamos começando a encontrar essas tumbas de amigos casados. Ele responde a esta pergunta dizendo que, provavelmente, é porque agora elas estão começando a ter novamente um significado. Seria este um exemplo de sincronicidade? O espírito da época nos chama para um olhar diferenciado para a intimidade e para a forma como os homens se relacionam entre si.

Fee (2008) acredita que, na atualidade, estamos enfrentando a noção de que a intimidade entre os homens pode ser vivida e, mais do que isto, não devemos nos relacionar através de regras rígidas, principalmente as relacionadas à normas estritas de identidade sexual. Ele acredita que a amizade é o relacionamento propício para enfrentar essas noções.

O autor propõe, ainda, que nas amizades masculinas existe um déficit sentido e, ao mesmo tempo, uma necessidade de intimidade que se chocam com as restrições da masculinidade hegemônica.

Percebemos que a forma como a masculinidade vem sendo constituída ao longo da história do patriarcado tem sido deletéria para o estabelecimento de relações íntimas de amizade entre homens. A necessidade constante de afirmar sua masculinidade, a oposição necessária ao mundo feminino e, portanto, à exposição dos sentimentos e da intimidade, por um lado, e a homofobia, por outro, criaram um cenário no qual os homens vêem seus pares como competidores mais do que como companheiros. O homem, como concluem Maciel Júnior (2006) e Flood (2008), se constitui como tal também pela identificação, comparação e espelhamento com outros homens. Contudo, esta identificação é muitas vezes realizada de maneira repressiva, excluindo de sua persona aspectos que não são aprovados por uma sociedade. Essa repressão constitui a sombra do patriarcado que tem se tornado assustadora, como vimos.

O lado luminoso dessa condição é que finalmente homens e mulheres têm buscado novas formas de expressão e uma conexão mais profunda com o self, em uma tentativa de integrar esses conteúdos sombrios que estavam afastados da consciência. Daí advém a crise do patriarcado na atualidade e as novas formas de relação que os seres humanos vêm tentando desenvolver nesse começo de terceiro milênio.

Carrera (2009) conclui que a amizade masculina e a intimidade entre os homens poderia reduzir a homofobia e a dominação das mulheres. Acrescentaríamos a isto a necessidade de integrar aspectos dissociados da consciência para uma vivência de totalidade, dentro do que Jung caracterizou como processo de individuação.

MÉTODO

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho foi a qualitativa, com enfoque descritivo e interpretativo. Utilizou-se a forma específica pela qual a Psicologia Analítica aborda o método científico.

Segundo Penna (2005), para pesquisa qualitativa a subjetividade do pesquisador não pode ser esquecida, pois ela delimitará não apenas o tema que este propor-se-á a estudar, mas também a forma como os dados coletados serão interpretados e significados. A pesquisa qualitativa insere-se em um momento de quebra de paradigmas na ciência e introduz a perspectiva de que as verdades científicas são transitórias. A pesquisa qualitativa busca compreender os significados e finalidades dos fenômenos estudados. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são estudados de acordo com o contexto mais amplo em que estão inseridos e não se pretende que as interpretações conseguidas em determinado contexto sejam universais. Busca-se um olhar ao mesmo tempo objetivo e subjetivo.

Johson & Waterfield (2004) apontam que os dados conseguidos em uma pesquisa qualitativa são descritivos de um contexto particular e não podem ser reproduzidos em outras circunstâncias além daquela em que estão inscritos. A pesquisa qualitativa, na visão dos autores, preocupa-se em compreender a realidade em vez de medi-la, entendendo que os resultados não podem ser separados do contexto.

A Psicologia Analítica, de acordo com Penna (2005), insere-se na forma qualitativa de fazer pesquisa. Para Jung, o mundo é dividido entre uma realidade manifesta (consciente) e uma realidade subjacente (inconsciente). Essas duas realidades formam juntas um todo indivisível que é ordenado por princípios universais que estão fora do campo da consciência (arquétipos). O inconsciente não pode ser investigado diretamente, mas apenas por sua expressão na consciência. Esta expressão dá-se por meio de símbolos, que são formados espontaneamente na psique. O símbolo é a forma pela qual conhecemos a psique e é o objeto de investigação da pesquisa no paradigma da Psicologia Analítica. O símbolo é manifestado individualmente por sonhos e fantasias e, coletivamente, por meio da cultura e das manifestações históricas e sociais.

Ainda segundo a mesma autora, a apreensão do fenômeno é feita por meio da observação e da auto-observação, pois a subjetividade do pesquisador influencia a forma pela qual o fenômeno

irá materializar-se. A forma pela qual o material coletado será analisado é o processamento simbólico, que faz comparações, amplificações e analogias com diversas áreas do conhecimento e leva em conta as dimensões causais, finais e sincronísticas envolvidas nos eventos simbólicos. Dessa forma, busca-se a compreensão do símbolo trazido pelo fenômeno observado. A forma de compreender um fenômeno será, então, amplificar o símbolo manifestado no evento a que se propõe estudar.

Este foi o modelo seguido para a observação e a interpretação dos dados coletados neste trabalho.

Procedimento

O procedimento realizado foi o de entrevista semi estruturada, com indivíduos do sexo masculino, na faixa etária adulta jovem. Existem várias formas de definição desta faixa etária, não havendo consenso entre os pesquisadores. Para efeito desta pesquisa, consideramos inclusos na faixa adulta jovem indivíduos que têm entre 20 e 30 anos, de acordo com os critérios estabelecidos por Bee (1997).

Os participantes foram contatados a partir de indicação de colegas profissionais. Foram explicitados os objetivos da pesquisa e a natureza voluntária da mesma. Os locais de entrevista foram privados e de conveniência dos participantes, e os cuidados para a manutenção do sigilo foram devidamente tomados. Entregou-se a cada participante o termo de consentimento livre e esclarecido e sanaram-se dúvidas sobre a pesquisa. A duração média de cada entrevista foi de uma hora. Solicitou-se a permissão de cada participante para a gravação da entrevista, deixando claramente exposto que os dados são confidenciais.

A pesquisadora esteve pronta para acolher os sentimentos e ideias que emergiram da situação de entrevista, estando consciente de que esta situação mobiliza conteúdos diversos em cada participante de acordo com sua história de vida e da forma como vivenciou as relações de amizade. Algumas entrevistas constituíram-se como um momento de desabafo e os sentimentos negativos que porventura tenham surgido foram acolhidos.

Para Fossey et al (2002), as entrevistas em pesquisa qualitativa tem por propósito ter acesso às experiências e aos sentimentos dos participantes. A entrevista semi estruturada é utilizada para facilitar a exploração focada de um tópico específico. Este tipo de entrevista contém um

roteiro de tópicos e questões para guiar o entrevistador (ver Anexo 1, p. 125) , embora seja flexível para acomodar a forma como o participante traz seus dados e outras questões possam ser introduzidas a partir daquilo que foi levantado durante a entrevista, com vista a esclarecer algum tópico ou obter mais informações. Para os autores, a entrevista semi estruturada traz a vantagem de garantir a sensibilidade do pesquisador para com a linguagem e o conhecimento do entrevistado.

Tendo em mente que o presente estudo pretende focar um tema específico, a saber, as relações de amizade masculinas, acredita-se que a entrevista semi estruturada tenha sido o instrumento adequado para a obtenção de dados significativos, uma vez que este instrumento delineia questões a serem investigadas de acordo com a teoria estudada, mas é flexível o bastante para abarcar reformulações e acréscimos, levando em conta a situação única que é a entrevista.

Participantes

Fizeram parte da pesquisa cinco indivíduos do sexo masculino pertencentes à faixa etária adulta jovem, escolhidos a partir de indicação de colegas profissionais. O número de participantes teve como critério a saturação, ou seja, o momento em que os dados coletados tornaram-se repetitivos.

Todos os participantes têm entre 20 e 30 anos, são estudantes ou graduados no ensino superior, solteiros, heterossexuais e pertencem às camadas urbanas médias da sociedade paulistana.

Os participantes, de modo geral, mostraram-se bastante participativos e solícitos, demonstrando grande interesse em falar sobre a amizade, seja porque essas relações são verdadeiramente importantes e presentes em suas vidas, seja porque elas são sentidas como ausentes, porém necessárias. Todos, sem exceção, compartilharam suas experiências de forma bastante generosa.

Análise dos dados

Cada entrevista foi realizada individualmente, gravada e transcrita pela pesquisadora. Realizou-se uma leitura inicialmente intuitiva, a fim de entender a entrevista como um todo.

Posteriormente, os temas comuns a todas as entrevistas foram agrupados para construir categorias. As entrevistas foram analisadas à luz da Psicologia Analítica, por meio do método de processamento simbólico proposto por Penna (2005).

Foram construídas três categorias, de acordo com os temas levantados.

A primeira categoria, **amizade e suas características**, abarca o significado da amizade para cada participante, as características atribuídas por eles a esses relacionamentos e os diferentes graus de amizade referidos por eles.

Na segunda categoria, **experiências de amizade**, foram focalizadas as experiências individuais de amizade, as expectativas dos participantes em relação a esses relacionamentos e a forma e o conteúdo do que é por eles compartilhado em suas relações de amizade.

Na terceira categoria, **amizade masculina**, foram abordados os temas da importância desses relacionamentos específicos para os participantes, as dificuldades e facilidades suscitadas por esses relacionamentos, as características masculinas que influenciam a relação, as diferenças percebidas entre amizades masculinas e femininas e a forma como essas amizades aparecem.

Para tentar entender como a amizade é sentida por esses homens, optamos por realizar dois tipos de questão. Uma, mais direta, perguntando que sentimentos e imagens o participante associa com a palavra amizade. E outra, mais imaginativa, que procura evocar essas imagens.

As categorias são apresentadas na análise de dados e os temas estão subentendidos na análise de cada categoria, para que seja possível um olhar mais abrangente e menos segmentado da categoria como um todo.

Cuidados éticos

As entrevistas foram realizadas em locais que pudessem garantir o sigilo dos participantes. Foi garantido também o sigilo na exposição dos dados. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue para os participantes antes da realização da entrevista (ver Anexo 2, p.126). O termo continha os objetivos do trabalho, além de uma breve exposição sobre a pesquisa. Também foi esclarecido que a participação era voluntária e poderia ser retirada a qualquer momento. A pesquisadora esteve à disposição dos participantes para eventuais perguntas e também para oferecer suporte a estes, procurando acolher sentimentos e angústias que, porventura, tivessem sido trazidos à tona em vista da entrevista. A pesquisa foi aprovada

pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob o protocolo de número 239/2009 (Ver Anexo 3, p.128).

RESULTADOS E ANÁLISES

Para melhor visualização, optamos por construir uma tabela com os principais resultados.

Tabela 1

PARTICIPANTE	AMIZADE E CARACTERÍSTICAS	EXPERIÊNCIAS DE AMIZADE	AMIZADE MASCULINA	IMAGENS	HIPÓTESES
Augusto	Afinidade Cresce ao longo do tempo Confiança Empatia Atividade agregadora Espontaneidade Apoio e ajuda	Poucos amigos que chama brother Pode contar com eles por quase tudo Não há regras a serem seguidas; espontaneidade Amigos suprem suas necessidades Compartilha tudo, mas escolhe o amigo com quem compartilhar Espera que suas amizades evoluam e fiquem mais íntimas	Amizades masculinas são mais fáceis Maior assertividade e honestidade Sem amigos não teria como compartilhar coisas específicas da experiência masculina Dificuldades: falta de comunicação, falta de convívio, mulheres, competição exagerada Facilidades: Afinidades, tempo de convivência, atividades agregadoras, momento de dificuldade	Bar Música e descontração Conversa sobre interesses ao redor de uma atividade agregadora Atitude descontraída e de camaradagem (piadinhas, espontaneidade)	Vivência de alma na relação com amigos Projeção de sombra nas mulheres Consciência patriarcal polarizada como forma de diferenciação do feminino Busca por alteridade
Bruno	Falta liberdade e honestidade Relação superficial Afinidade Reciprocidade	Sentiu-se traído muitas vezes Espera muito e não recebe na mesma medida Amigos circunstanciais Sente-se triste pela distância que ele próprio coloca perante os amigos Compartilha interesses e assuntos mais superficiais Não compartilha sentimentos Espera ajuda e apoio incondicional	Amizades masculinas são menos profundas e mais superficiais Sem amigos existe a sensação de estar sozinho no mundo Dificuldades: distância, perder o contato, diferenças de personalidade, orgulho. Facilidades: tempo de convivência, afinidades, personalidades parecidas	Jogo de futebol Comida boa que enjoa Situação de fazer um trabalho na faculdade Interação superficial, momentânea. Dificuldade de comunicação. Competição de ideias Sentimento de ansiedade ante a tarefa a ser desempenhada Interação focada na tarefa	Anima projetada nas mulheres-idealização Sombra projetada nos amigos Ferida em relação à masculinidade Necessidade percebida de viver relações de forma mais autêntica

Caio	Descontração Familiaridade Respeito Sintonia Confiança Comprometimento Apoio e ajuda	Tem alguns amigos que chama de irmãos Boas experiências de amizade Sente-se em sintonia com seus amigos Compartilha tudo, mas não com todos Procura não esperar nada. Encontra afinidade nas amizades e isso basta.	Amizade é mais fácil e simples para os homens Mulheres tem competição velada Homem precisa ter amizade com outro para não perder a noção da realidade Dificuldades: mulher Facilidades: Afinidades, momentos difíceis, mostrar-se por inteiro	Bar Espontaneidade Desabafo Informalidade	Polarização entre bem/mal, masculino/feminino Projeção de sombra nas mulheres Idealização do masculino
Daniel	Descontração Camaradagem Afinidades Honestidade Reciprocidade	Três amigos que considera brother Compartilha coisas boas e más Sente que é importante passar tempo só com os amigos Espera reciprocidade: receber na mesma medida que dá Sabe que o outro quase nunca corresponde às suas expectativas	Mulheres são mais competitivas Recuperam-se mais rápido do que os homens Homens são orgulhosos Sem amigos homens faltara alguém para entendê-lo de uma maneira que uma mulher não poderia Dificuldades: orgulho, outros relacionamentos, honestidade excessiva. Facilidades: afinidades, sintonia, honestidade	Bar Descontração Festa Pessoas conversando, dividindo coisas Amigos chegados conversando	Reconhecimento da sombra nas relações femininas e masculinas Irmão de alma é imprescindível e insubstituível como espelho e formador de identidade
Eduardo	Reciprocidade Cresce ao longo do tempo Honestidade Sensibilidade Afinidades	Tem boa relação com os amigos Possui muitos amigos Amizade é mais importante que os amigos em si Não acha ruim perder os amigos desde que possa fazer outros Compartilha tudo com todos Não espera nada. Quer que os amigos continuem sendo amigos, sem outros interesses em jogo.	Homens têm mais espaço de socialização Mulheres têm mais dificuldade em confiar nas outras Ambos os sexos são capazes de amizades verdadeiras Dificuldades: outros relacionamentos e responsabilidades Facilidades: atividades agregadoras, convivência, afinidades	Shopping Encontro espontâneo Famílias presentes	Menor polarização de opostos Integra luz e sombra nas relações femininas e masculinas Maior experiência de alteridade Relação mais madura com feminino e masculino

A seguir, faremos uma discussão dos resultados apresentados.

Entrevista 1

Augusto: a amizade de brother

Augusto é um universitário de 25 anos. É o filho caçula, tendo uma irmã mais velha. Divide um apartamento com amigos e trabalha no serviço público. É solteiro, mas está namorando no momento. Parece bastante ansioso durante toda a entrevista, perguntando várias vezes se suas respostas estão satisfatórias. Demonstra incerteza quanto à sua participação, dando a impressão de não saber se está correspondendo às expectativas. Utiliza muitas expressões em inglês e palavrões durante a entrevista, o que parece advir de sua ansiedade. Os palavrões também aparecem na medida em que fala de comportamentos masculinos, como se fosse uma forma de demonstrar a virilidade e agressividade masculinas. Parece ser uma pessoa centrada e demonstra ter boas relações de amizade, relações estas que suprem suas necessidades nessa área.

Amizade e suas características

Para Augusto, a importância da amizade reside no próprio relacionamento. Não é o tipo de relação do qual se espere algo, ou se queira algo em troca. O fato de ela existir já é suficiente.

“Eu acho que é uma coisa necessária e acho que ela é um fim em si mesma. Eu acho que é um prazer que você tem na vida, poder desfrutar da companhia de pessoas que pensam como você.”

Para Augusto, afinidade é uma das palavras-chave da amizade. Dividir gostos e ter sobre o que conversar, aparecem como características importantes dessa relação. Ter opiniões conflitantes não é visto como um problema, desde que os amigos possam encontrar algo em comum.

“Não, quando eu falo em pensar como você talvez eu tenha usado uma expressão inadequada. São pessoas que têm afinidades, entendeu? Porque eu acho que quando se usa a expressão como eu usei, ‘pensar como você’, dá a impressão de que você não tolera como amigos aqueles que pensam de forma diferente de você. Não é esse o ponto. Eu acho que é assim, você acaba naturalmente se agrupando com pessoas com as quais você tem afinidades”.

Ter afinidade, para Augusto, é imprescindível na amizade. Poder dividir experiências e gostos com alguém é prazeroso e possibilita que a amizade seja também um espaço de trocas recíprocas.

“Então eu acho que essas afinidades é que são compensadoras na amizade.”

“Elas têm alguma afinidade com você, logo vocês tem algo pra trocar”.

As afinidades são importantes também para caracterizar diferentes graus de amizade.

“Eu acho que é necessário ter uma afinidade mínima assim pra você ter uma amizade. E assim, estou falando de amizades mais fortes. Eu acho que convivência e coleguismo são diferentes de amizade.”

Augusto define amizades próximas e íntimas como irmandade. É a amizade de “brother” (irmão). Esta amizade é diferente do convívio com colegas de trabalho e faculdade, pois pressupõe, além das imprescindíveis afinidades, um bom tempo de convivência e um conhecimento mais profundo do “brother”, que vai além do superficial mostrado no primeiro contato.

“Outras pessoas você acaba tendo afinidades, mas, às vezes, por causa de pouco tempo de convívio ou por falta de oportunidade de saber como a pessoa pensa, o que a guia na vida, quais são os valores etc... Às vezes, por conta disso, acaba não se tornando tão amigo”.

Vemos aqui que existe um algo mais para o estabelecimento de uma amizade. Não basta ter afinidades e gostar das mesmas coisas. É preciso também que haja um convívio com aquela pessoa, para que haja tempo para ela mostrar seu eu verdadeiro, seus valores, ou seja, para que a persona seja despida e a pessoa se mostre em sua inteireza. Se isto não acontece, a amizade não progride, não se torna amizade de “brother”, mas estaciona no coleguismo.

Augusto tem clareza de que este processo de desnudar-se perante o outro e mostrar seu verdadeiro eu leva tempo e necessita de convivência.

“Eu acho que consegue enxergar melhor a pessoa com o tempo de convivência. Sei lá, outros caras com os quais eu não convivi tanto, você conhece uma faceta, né? Você conhece o que o cara te mostra, nem sempre é o que ele é de verdade, né? É o que eu acho.”

A convivência também é necessária para o estabelecimento de uma relação de confiança, outra característica importante da relação de amizade. Amizade de “brother” pressupõe confiança mútua.

“Eu acho que o tempo de convivência é necessário, sim. Eu acho. Isso eu acho que não quer dizer que eu não possa simpatizar com uma pessoa à primeira vista, falar ‘Porra, eu acho que o cara é gente boa, parece que tem algo a ver comigo etc.’. Mas eu não vou ter aquela confiança que eu

tenho no cara igual a que eu tenho com outros caras que eu conheço, porque eles, de fato, eu conheço, pelo menos até onde se pode conhecer com esse tempo de convívio”.

Para Augusto, “brother”, amigo verdadeiro, é aquele com quem o tempo de convivência é longo, remontando muitas vezes à infância. Brother é aquele amigo que se conhece há muito tempo e com quem se pode contar. “Brothers” são poucos, enquanto amigos podem ser vários.

“Vamos fazer um glossário aqui. ‘Brother’ é aquele cara que é do peito e amigo é uma categoria um pouco mais ampla, vamos dizer assim. ‘Brother’ é brother, os caras são velhos e tal.”

“Sei lá, amigos que a gente fala ‘Pô, esses caras me conhecem há X anos’ são aqueles caras que você pode contar, ‘no matter what’ (não importa o quê). Esses aí, cara, é um punhado de pessoas, entendeu?”

Confiança, para Augusto, é poder contar com o amigo nas horas de necessidade, saber que o amigo estará lá para ajudá-lo se ele precisar. Confiança aqui não aparece como necessidade de saber se o amigo guardará grandes segredos, mas como algo prático. Ao necessitar de ajuda para realizar tarefas chatas ou atividades corriqueiras, recorre-se ao “brother” porque é nele que se pode confiar para ajudá-lo nesses momentos. “Brother” parece ter uma característica de abnegação, ajudando o amigo mesmo quando a tarefa a ser desempenhada é difícil ou maçante. É algo que não se faz por qualquer um, apenas pelos amigos mais chegados.

“Eu preciso, puta que pariu, algo muito chato, sei lá, tipo: Cara, eu preciso encher uma laje, tá ligada? Você não quer encher uma laje no final de semana, ninguém quer fazer isso. Mas o cara vai porque é seu ‘brother’, entendeu? (...) Parecem coisas banais mas você só vai pedir isso pra quem você conhece, né?”

Essa característica prática da relação seria uma prerrogativa masculina? Confiança parece pressupor saber que o amigo vai ajudá-lo a desempenhar tarefas práticas que não se pode ou não se quer fazer sozinho.

Experiências de amizade

Augusto diz ter poucos amigos “brother” mas acredita que essa seja uma característica masculina.

“Eu acho que isso é uma coisa um pouco geral, com homens pelo menos. Tem poucos caras que eu chamo de amigos mesmo, entendeu?”

Dentro dessa categoria de amigos “brother”, Augusto relata ter boas experiências. Apesar dessas pessoas “preencherem apenas uma mão” (sic), sua presença é de grande importância. São esses amigos com quem se pode contar tanto para tarefas práticas quanto nas horas de dificuldade.

“São poucos mesmo e são pessoas muito necessárias assim, sabe?”

Augusto relata ter alguns amigos antigos que remontam à infância e outros que já estão em sua vida há muitos anos. Pessoas com quem ele compartilhou momentos significativos de sua vida, como a infância e a adolescência. É possível perceber em seu relato um carinho grande por esses amigos e a clara sensação da importância que eles tiveram e ainda têm em sua vida.

Amigos antigos têm ainda a tarefa de servir como guardiões de memórias, alguém que esteve presente em diversos momentos da vida e pode atuar como uma ponte entre o que passou e o que é hoje, ajudando o amigo a ter noção de sua identidade de forma coesa ao longo do tempo.

“Eu acho que tem um papel importante de amigos muito antigos assim que é você conseguir retomar algumas coisas. Porque se você tem um amigo de muito tempo atrás, o cara costuma te lembrar de muito tempo atrás, você lembra dele de muito tempo atrás. Então é como você falar com uma pessoa que te fizesse voltar um pouco no tempo.”

O amigo, nesse caso, cumpre o mesmo papel do irmão, o papel de espelho. Um espelho que reflete as continuidades e as mudanças ocorridas durante o ciclo vital. É um companheiro de desenvolvimento, que passa pelas mesmas fases e percebe as mudanças que ocorrem na vida do amigo porque também passa por essas mudanças.

“A vida dele vem mudando que nem a sua vem mudando.”

Aparece aqui a imagem do irmão de alma, do duplo. Este é um outro significativo que reflete como um espelho características similares e opostas. O irmão de alma é um ser no qual o indivíduo se reconhece pois reflete suas características ao mesmo tempo em que abarca conteúdos inconscientes (BARCELLOS, 2009).

Em suas experiências de amizade, Augusto relata compartilhar experiências, sentimentos, conselhos e pedidos de ajuda. Acredita que seja possível compartilhar de tudo, embora admita que não compartilha tudo com todos. Segundo ele, é preciso escolher o amigo com quem se vai compartilhar algo, dependendo de suas afinidades e de sua visão de mundo.

“Eu certamente não compartilho tudo com todos porque eu sei quais são as afinidades e ‘desafinidades’ que a gente tem. Então, com alguns caras, não dá pra falar de algumas coisas que eu falo com outros porque, sei lá, eu não sei a reação que os caras têm daquilo. (...) Eu acho que mesmo nesse círculo pequeno você acaba compartilhando algumas coisas com uns e com outros não.”

Mesmo entre os amigos “brother” existem coisas que não são compartilhadas. Augusto procura escolher o amigo que ele acha que terá uma reação mais aberta ao que será compartilhado. E isso depende daquilo que se precisa compartilhar e da própria visão de mundo do amigo.

“Tem uns caras amigos meus, tipo assim, é batata. Eles me ligam com regularidade quando estão na fossa emocional (...). Com outros caras eu compartilho coisas de trabalho ou coisas mais transcendentais, sei lá... Da vida, o que farei, para que estou aqui.”

Augusto parece contar bastante com os amigos e conversar sobre os mais variados assuntos, mesmo os considerados tabu no universo masculino, como sentimentos e angústias. Essas conversas, porém, parecem acontecer paulatinamente, dentro de um contexto.

Augusto afirma poder compartilhar qualquer coisa com os amigos, desde que o contexto esteja adequado e haja espaço para tal.

“Mas eu acho que eu compartilho tudo, sabe? Sentimento também. Eu acho que é compartilhar tudo dentro de um contexto. Se surgir a ocasião de compartilhar sentimento, faz isso, surgiu a ocasião de compartilhar conselho, a gente faz isso.”

Não parece haver uma busca ativa por parte dele para compartilhar. Há o contexto e se houver espaço, ele compartilha algo com os amigos. Mas, como ele mesmo coloca, não existe uma ânsia em compartilhar.

Percebemos que existem uma ambiguidade no que diz respeito a compartilhar experiências e sentimentos. Augusto relata que seus “brothers” são aqueles com quem pode compartilhar algo quando quiser. Ao mesmo tempo, assume-se como alguém “private” (sic), privado, retirado. Acredita não ser alguém que necessita compartilhar muitas coisas.

“Eu não tenho tanta necessidade, uma ânsia de compartilhar tudo que eu vivo. Na verdade não, eu acho que me considero uma pessoa até um pouco ‘private’ em excesso nesse aspecto.”

Seria essa uma característica de personalidade ou a forma como os homens normalmente são socializados para não expressarem seus sentimentos? “Assuntos pessoais”, como diz Augusto,

não costumam ser compartilhados. Por outro lado, Augusto parece ter uma atitude introvertida, o que poderia explicar uma menor ânsia em compartilhar seus sentimentos e pensamentos.

Algumas coisas são compartilhadas com pessoas que não são “brother”, mas ainda assim, despertam certa confiança. Augusto procura pessoas de fora de seu círculo particular de amigos para o que ele chama de “opinião mais isenta”. Segundo ele, o fato de os amigos o conhecerem muito bem às vezes os torna tendenciosos, o que dificulta o compartilhar. Parece que existe um receio de que o amigo não entenda o que foi dito e tenha uma atitude préconcebida e parcial. Nessas horas, Augusto recorre a outras pessoas que não sejam tão íntimas, mas em quem ele possa confiar.

“Então assim, essas coisas que eu falei que eu não costumo compartilhar com eles eu acho que eu compartilho sim, mas com pouca frequência. Eu não sinto a necessidade de fazer isso, mas se eu sentir e ver que a opinião deles talvez fosse viciada de alguma forma, eu posso recorrer a alguma outra pessoa, mas não vai ser qualquer pessoa. Tem que ser alguém que eu tenha o mínimo de empatia e confiança na razoabilidade.”

Augusto demonstra apoiar os amigos da mesma forma que é apoiado por eles. “Trocar ideia” parece ser a forma pela qual esse apoio é sentido e oferecido.

A espontaneidade dos encontros com os amigos são sentidas como algo muito importante. Os encontros, assim como as coisas que são compartilhadas, acontecem de forma natural. Aí se percebe a descontração que foi associada por Augusto à amizade. Além da espontaneidade, suas amizades são espaço para ser verdadeiro, espaço no qual não existem “regrinhas” (sic) a seguir.

Augusto espera que seus amigos continuem sendo sempre amigos e que a amizade cresça cada vez mais, no sentido de tornar-se mais íntima.

Ao ser perguntado se suas amizades suprem suas necessidades, Augusto afirma que sim, enquanto balança a cabeça dizendo que não. Parece incerto nesse momento. Afirma esperar que suas amizades continuem como estão, que ele possa continuar contando com seus amigos. Ele se diz feliz com as amizades que tem hoje, mas gostaria de ter ainda mais amigos “brother”. Afirma ser capaz de compartilhar tudo com os amigos, mas diz isso negando com a cabeça e também com as palavras, já que começa a frase com “Não”

“Não, eu acho que dá pra compartilhar com todos, eu acho que sim. Não falta ter alguém pra falar X ou Y. Não, é tranquilo. Não tem, eu acho que o povo que está aí está tranquilo, dá pra conversar, sim. Dá pra conversar.”

Apesar de afirmar estar satisfeito com os amigos que tem, não parece tão certo sobre isso. Talvez alguns aspectos de sua vida não sejam supridos por suas amizades.

Existiria algo que Augusto esconde de seus amigos? Algo que não é permitido compartilhar com eles ou que ele não permite que seja compartilhado? Ele demonstrou que sim, ao menos existem coisas que não podem ou não devem ser compartilhadas com todos os amigos.

Embora em seu discurso prevaleça uma descrição até um pouco idealizada das amizades, parece haver algo que falta. A parte faltante, contudo, não parece estar muito clara nem para o próprio participante.

Amizade masculina

Augusto associa amizade com descontração e confiança. Fica claro que a descontração que se tem entre amigos advém da confiança, de saber que é possível mostrar-se por inteiro na presença do amigo, sem precisar se preocupar com regras sociais.

“Essa atitude eu não sei explicar em palavras, aquela atitude de você estar descontraído, entendeu? Eu acho que, sei lá, aquela atitude de você estar falando com a pessoa e você permite que ele te chame de imbecil porque você também pode chamar a pessoa de imbecil, entendeu? Sem que isso gere uma dor moral, sabe?”

“Ah cara, eu estou aqui sossegado para falar o que eu penso, não tenho que ficar me comportando de forma X ou Y pra obedecer hierarquias ou organogramas do trabalho”.

Augusto associou à amizade a imagem de amigos em um bar “trocando ideia”.

No exercício de imaginação, essa imagem apareceu novamente. Além disso, em sua imagem os amigos estão conversando enquanto bebem no bar. Nessa imagem, percebemos a descontração a que Augusto havia se referido, sugerindo que essa é realmente uma imagem forte para ele. Porém, por estarem em um bar, um ambiente público, podemos pensar que o encontro não possibilita trocas de intimidade, e a conversa gira em torno de temas mais amenos, não muito profundos. De fato, Augusto diz que, em sua imagem, os amigos conversam sobre coisas corriqueiras.

“Sei lá, acho que um está falando pro outro o que aconteceu nos dias recentes, sei lá (...). Deu uma atualizada. Mas aí a conversa descamba para outras coisas que não tem nada a ver, tipo ‘Ah, você viu tal coisa, viu tal música, tal filme?’”

Percebemos aqui que, novamente, a importância das afinidades se faz presente. Os amigos conversam sobre seu dia-a-dia, o que fizeram, atualizam um ao outro sobre os acontecimentos recentes de suas vidas. Depois, começam a conversar sobre seus interesses em comum, músicas, filmes etc.

O amigo que aparece é um “brother”, alguém que se conhece há muito tempo, desde a infância. O tempo de convivência necessário a esse tipo de relação novamente aparece no discurso de Augusto.

Nesse cenário, contudo, nem tudo é descontração. Ao ser perguntado sobre o que esses amigos pensavam enquanto conversavam, Augusto dá a seguinte resposta:

“Eu acho que no que estão falando, salvo se... Salvo se nada. Pensando no que estão falando. Salvo se... Salvo se um deles quer falar alguma coisa pro outro, mas ele acha que não é o momento. Sei lá.”

Notamos que, apesar da aparente descontração, existe algo mais além da superfície, algo que o amigo não consegue compartilhar. No cenário de Augusto, esse “algo mais” aparece na forma de uma traição que o amigo não sabe como abordar. A hesitação de Augusto pode denotar que um ponto carregado de afeto (complexo) foi ativado. Embora queira demonstrar que o encontro entre amigos é algo descontraído e superficial, deixa claro que existe algo mais nas profundezas, algo incomunicável e que pode trazer tensão para esse ambiente descontraído. Existe algo sombrio que não pode vir à tona. Quando confrontado com essa mudança no cenário idílico que havia montado, a reação de Augusto é fugir da ambivalência e não reconhecer esse outro lado.

“Mas aí já é outro cenário de conversa, já não se encaixa no que a gente falou da descontração, esse cara vai estar tenso mesmo. Então esquece, não tem salvo nada”.

Uma dificuldade no relacionamento com amigos aparece como falta de comunicação. A comunicação é vista como imprescindível para o bom andamento da amizade e dificuldades nessa área levam a mal-entendidos que podem colocar em risco a relação.

“Faz sentido, quer dizer, se eu falo X e a pessoa entende Y e ela fala Z e eu entendo A e quero ouvir B... Quer dizer, acho que não funciona assim, não dá.”

Mudanças drásticas de ponto de vista também podem atrapalhar, a não ser que a amizade seja incondicional. Amizade incondicional é a amizade desinteressada; é, como define Augusto, um fim em si mesma. É a amizade de “brother”. Ela independe da situação pela qual passam os amigos, das mudanças que a vida traz. Estando bem ou não, os amigos incondicionais lá estão. A amizade precisa ser incondicional e desinteressada para ser definida como tal.

“Porque se é algo que muda com as circunstâncias eu acho que você não tem amizade, tem interesse. Eu acho que interesse se pauta por vicissitudes, né? Se mudou a sua amizade porque mudou um cenário X ou Y, eu acho que deixou de ser amizade, entendeu?”

A distância não é vista por Augusto como problema. É possível encontrar alguém que não se via há muito tempo e ainda ter o mesmo relacionamento de antes. O que pode atrapalhar, nesse caso, é a insegurança quanto a possíveis mudanças que possam ter ocorrido na maneira do amigo pensar. Por esse motivo, há uma cautela maior em relação ao que se fala, pois a reação que o amigo terá ao que é contado não é conhecida. Isso se deve pela falta de convivência durante algum tempo. A espontaneidade também se perde nesses momentos.

“Por não estar convivendo, eu acho que, sei lá, talvez o cara tenha mudado alguns posicionamentos, você não sabe. É difícil saber.”

A convivência, citada por Augusto tantas vezes como imprescindível no desenvolvimento de uma relação de amizade, não implica presença física, mas o fato de saber que o amigo estará presente em momentos de necessidade. A necessidade, aliás, é vista como forma de estreitar a relação, assim como serve de filtro entre “brothers” e colegas.

“Eu acho que momentos de dificuldade ajudam a gerar amizades porque aí você vai ver se pode, de fato, contar com o ‘nêgo’ ou não.”

Para Augusto, existem coisas que são compartilhadas apenas com amigos. Estas, são relativas às experiências masculinas que só podem ser entendidas por outros homens. É o que Augusto chama de “guy stuff” (coisa de homem).

“Eu acho que boa parte do ‘guy stuff’ tem a ver com questões sexuais, sim. Eu acho que outra parte tem a ver com postura em relação a dadas coisas, outras tem a ver com futebol, outras com bilhar, outras com música.”

Este universo é compartilhado entre os amigos homens. São posturas em relação ao mundo, coisas que só se conversa com amigos.

A forma como esse compartilhar acontece é peculiar. Há uma atividade “agregadora” (sic) que reúne os amigos. Pode ser jogar bilhar, beber, assistir a um jogo de futebol, jogar vídeo game. Os encontros acontecem em torno dessa atividade que é comum a todos (afinidade) e é também em torno dela que o compartilhar acontece.

“Então, assim, a atividade pretexto pro encontro é a bebida. Às vezes é no meio dessa atividade que você conversa e troca uma ideia e tal.”

A atividade aparece como forma de encontro dos amigos, de compartilhar não só um hobby em comum, mas também um momento de conversa e troca.

Para Augusto, a visão de que as amizades masculinas são menos próximas do que as femininas é um mito. Ele acredita que as amizades masculinas são mais fáceis do que as femininas.

“A gente vê com muito mais frequência, as meninas são amigas há 15 anos e, por um motivo X, o bagulho arregaça, assim, quebra total, e uma quer arrancar o ‘figo’ da outra. E com homem é mais difícil, raramente. Eu vejo com uma frequência bem menor.”

Augusto atribui este fato a uma maior honestidade e assertividade entre os homens.

“Eu acho que os homens são mais diretos. Você fala ‘Você é um belo filho da puta porque fez tal coisa’”.

Os homens não “remoem” descontentamentos, são diretos e dizem para o amigo aquilo que os incomodou, enquanto as mulheres, na visão de Augusto, guardam seus problemas para si e acabam descontrolando-se em algum momento e ferindo a amizade. Para ele, é importante que o homem seja direto porque isso é prova de sua honestidade, de que ele está agindo conforme pensa e sente. A transparência na amizade masculina é vista como essencial.

“Pra mim, isso é transparência, eu acho que um bom senso mínimo ali de você se mostrar como você é, eu acho necessário. Eu acho que a síndrome do ‘ouço e fico calado e te apunhalo com um punhal fino e longo pelas costas’ não é legal.”

Augusto acredita que essa falta de transparência ocorre mais nas amizades femininas.

Para Augusto, o relacionamento entre homens é muitas vezes afetado pelo fato de dois amigos gostarem da mesma mulher. Isso pode ocasionar rugas e até rompimentos na amizade. Mas também é uma oportunidade de separar os “brothers” dos amigos.

“É nessa hora que você vê, assim, é um dos momentos que você consegue ver se o cara tem uma consideração ou não. Porque se é colega só o cara não vai ter o mínimo escrúpulo, é chegar e furar o olho etc.”

“Brothers” procuram preservar a amizade mesmo em face de um interesse compartilhado pela mesma mulher. Amigos ou colegas importam-se menos com os sentimentos do outro em relação a isso.

Interessante notar a forma como as amizades femininas são descritas pelo participante. Segundo ele, falta honestidade e assertividade. As mulheres são “falsas” uma com as outras. Além disso, aparecem como um fator complicador que pode se colocar entre os amigos. A mulher parece ocupar um lugar de projeção sombria. Ao mesmo tempo em que estar entre homens é muito bom, já que eles são seres que se mostram em sua inteireza, ou seja, não são falsos, estar entre mulheres é uma posição espinhosa de se ocupar. Apesar de Augusto referir-se às amizades entre as mulheres, podemos pensar que talvez a imagem de falsidade seja a forma como ele enxerga as mulheres em geral.

Desse modo, estar entre homens é também uma defesa e uma proteção contra a falsidade feminina.

Além da presença feminina, a competição desnecessária também pode ser outro fator complicador. A competição entre homens parece ser vista por Augusto como algo natural e, até certo ponto, saudável. A competição saudável entre amigos alavanca o homem e o faz querer buscar novas realizações.

“É uma rivalidade que eu acho que é sadia assim, pra te ajudar a subir”

Por outro lado, quando a competição e a rivalidade atingem níveis maiores, elas podem prejudicar a amizade.

“Mas tem competições bobas que só irritam e prejudicam muito, porque elas fazem desaparecer a espontaneidade, aquele sentimento de ‘estou à vontade.’”

A espontaneidade e a ausência de regras é quebrada pela competição desenfreada. Nessas condições é preciso tomar cuidado com o que se fala ou faz. Não há espaço para o compartilhar.

Augusto sente que a rivalidade e as competições fazem parte do universo masculino. São formas de provar a superioridade entre os pares. Porém, tal atitude, se for exagerada, pode inibir e prejudicar a amizade.

“Aí é um problema. Aí você pode perder a amizade porque ao invés de confiança vai ter só arrogância no meio. Assim, um quer falar que faz melhor tal coisa do que o outro. Porque isso é uma coisa muito comum no instinto masculino, é a questão da dominância.”

A necessidade de dominância masculina é algo sempre presente, não importando o quanto os amigos são próximos. A espontaneidade e a descontração, tão caras a Augusto, podem ser perdidas em meio à vontade de se sobressair. Não há, assim, espaço para a confiança necessária a uma relação de amizade. Qualquer relação entre homens, segundo Augusto, corre o perigo de perder-se em meio à rivalidade exagerada.

“Eu acho que, por mais civilizado ou letrado que seja o grupo de amigos em questão, você sempre vai ter uma competição pra ver quem é o macho alfa.”

Esse parece ser o lado sombrio da relação entre homens: a competitividade. Embora, para Augusto, essa característica seja saudável se não for exagerada e seja inerente aos relacionamentos entre homens, sua exacerbação pode levar a uma busca por poder e dominância que fere a horizontalidade da relação.

A homofobia apareceu também no discurso de Augusto, mas de forma velada e inesperada, já no final da entrevista. Ao questionar se não havia mais perguntas, fez o seguinte comentário:

“Porque hoje você podia perguntar pra mim se eu não tinha uma relação erótica com um amigo meu.”

Fez esse comentário rindo nervosamente e respondeu à própria pergunta de forma negativa. Disse também que o fato de poder ser taxado de homossexual não é algo que possa colocar uma distância maior entre dois amigos homens. Porém, exemplifica de forma que mostra que existe certo preconceito:

“Eu acho que a única distância é, sei lá, se o cara não quisesse chorar na frente de outro porque acha que isso é assunto de veadinho, entendeu?”

Augusto, contudo, acredita não ter esse problema em suas amizades.

“Já chorei na frente de amigos meus e eles já choraram na minha frente.”

Embora diga que não existe uma distância por medo de ser visto como homossexual, Augusto admite que existe um distanciamento entre os amigos.

“Mas eu não acho que existe um distanciamento voluntário por medo de ser taxado de gay. Eu acho que me distancio porque eles são homens e homens fedem.”

Este é um ponto de ambiguidades. Augusto admite que há uma distância entre homens mas afirma que tal distância não é ocasionada por sentimentos homofóbicos. Ao mesmo tempo, relata distanciar-se de seus amigos simplesmente por serem homens.

Existe aqui um ponto de tensão que pode advir de conflitos em relação à homoafetividade. Embora acredite ser capaz de expressar sentimentos em suas relações com os amigos, essa própria relação ainda parece ser conflituosa, despertando sentimentos ambíguos de busca por proximidade e distanciamento por medo da homoafetividade, que pode ser confundida com a homossexualidade.

Apesar disso, Augusto parece experimentar com os amigos uma vivência de projeção de anima, na medida em que estes parecem ser sua conexão com o mundo do inconsciente e dos sentimentos. Por outro lado, nas mulheres é projetado a sombra do feminino, como figuras falsas em quem não se pode confiar, bruxas.

Ao mesmo tempo, a afetividade demonstrada em relação aos amigos parece também ser vigiada pois pode provocar fantasias de homossexualidade. Talvez aquilo que não possa ser compartilhado com os amigos, a parte faltante do relacionamento seja essa afetividade, o mostrar-se inteiro na relação, a espontaneidade em todos os momentos, características tão importantes para Augusto no campo das amizades.

Ainda parece existir uma dificuldade de relacionamento tanto com o feminino quanto com o masculino. Parece haver ainda uma relação inconsciente com a anima, que resulta em uma projeção de aspectos sombrios do feminino nas mulheres e em uma homoafetividade pouco elaborada.

Augusto parece estar em uma consciência patriarcal ainda polarizada, valorizando o masculino e temendo o feminino, externo e interno. Essa poderia ser uma forma de diferenciar-se do feminino, desvalorizando-o.

De forma geral, contudo, existe uma busca pelo relacionamento com o outro, existe demonstração de sentimentos e compartilhamento de ideias, mesmo que ainda haja uma

insegurança ao desvelar-se perante o outro. Augusto busca este tipo de relacionamento, ao mesmo tempo em que reconhece que o campo da amizade masculina é um campo privilegiado para essa busca.

Comentários

Para Augusto, a amizade é um fim em si mesma. Para ele, as principais características da amizade são a afinidade, a confiança e a possibilidade de conhecer a pessoa como ela realmente é, por trás das máscaras normalmente usadas em relacionamentos superficiais. Esse tipo de conhecimento, segundo Augusto, leva tempo e necessita de convivência. É por isso que, para ele, amizades verdadeiras ou amizades de “brother” pressupõem certo tempo de convivência.

Augusto relata ter boas experiências no campo da amizade e possuir alguns amigos que chama de “brothers”, amigos antigos e com os quais se pode contar a qualquer instante. Com esses amigos, pode compartilhar de tudo, de experiências a pedidos de ajuda, sentimentos e conselhos. Porém, Augusto acredita que não é possível compartilhar tudo com todos. É preciso escolher a pessoa e o momento.

Ele acredita que as amizades masculinas são mais honestas do que as femininas, mais transparentes. E esta transparência é essencial, em seu ponto de vista.

A falta de comunicação, o interesse compartilhado por uma mesma mulher e a competição excessiva são os entraves que, em sua opinião, ameaçam a relação. A homofobia apareceu no discurso de Augusto de forma inesperada, mostrando que, apesar de afirmar o contrário, este é um ponto sensível para ele.

No geral, podemos perceber que Augusto tem boas experiências de amizade e que estas são essenciais em sua vida. É apenas com seus amigos homens que Augusto pode trocar algumas experiências relativas à vivência masculina. Os amigos também aparecem como espelho, até mesmo suscitando uma competição benéfica, que propicia o alcance de objetivos. Além disso, os amigos antigos funcionam também como guardiões de memórias, pessoas que estiveram presentes em diversos momentos da vida e que atuam como uma ponte entre o passado e o presente, ajudando o amigo a perceber sua identidade de forma coesa ao longo do tempo.

Parece existir uma projeção da alma na relação com os amigos que, ao mesmo tempo em que privilegia uma vivência mais autêntica também proporciona temores homoeróticos.

Existe, ao que tudo indica, uma polarização na qual o feminino é temido e desvalorizado e o masculino enaltecido, embora a sombra do masculino também se faça presente na forma de competitividade e rivalidade.

O feminino é vivido como sombra, tanto o feminino externo (mulheres) quanto o interno (alma, afetividade).

Porém, existe uma busca para um relacionamento mais autêntico e inteiro com seus pares.

Entrevista 2

Bruno: amizade como ferida

Bruno tem 27 anos e está cursando o ensino superior. É o caçula de sete filhos, sendo quatro homens e três mulheres. É funcionário público. Mora com os pais e está noivo. Demonstra nervosismo no início da entrevista, mas começa a soltar-se mais durante o desenrolar das perguntas. Mostra-se ressentido em relação aos amigos, os quais considera pouco confiáveis e presentes. Revela ter sofrido várias decepções nessa área. Sua ferida em relação à amizade e sua ânsia de relacionamentos verdadeiros com os amigos tornam a entrevista um momento de desabafo. Bruno foi muito solícito e profundo em suas respostas, demonstrando necessidade e interesse em conversar sobre o tema.

Amizade e suas características

Bruno define a amizade como “alegria momentânea”. Para ele, as relações de amizade são efêmeras, porque não são profundas.

“É o momento, viver o momento e acabou. É meio que um jogo de futebol, está todo mundo ali se abraçando, mas depois tchau e acabou. Aí acaba a amizade ali.”

Apesar dessa efemeridade percebida das relações, Bruno diferencia amizades e amizades verdadeiras. Estas últimas são definidas por ele como:

“Aquele amizade que a gente lembra e tem saudades.”

No entanto, Amizade apenas pressupõe uma relação ainda mais rasa e superficial, que não tem continuidade futura ou repercussões sentimentais.

“E amizade é o A. A gente trabalhou juntos, viveu juntos, mas é você pra lá e eu pra cá. Quando se encontra não é aquela alegria, é aquela cordialidade só.”

“Então é amizade ‘eu tenho amizade com fulano’. Tenho amizade com taxista. E amizade verdadeira é aquela que a gente lembra. Eu acho que a gente não lembra de taxista todo dia.”

Amizade verdadeira pressupõe um sentimento maior, uma alegria muito grande quando se encontra um amigo que marcou a vida em determinado momento. A amizade em si pressupõe uma convivência específica no tempo e no espaço que não traz consequências futuras. Não é marcante, como uma relação da qual se lembra e se tem saudades. É uma convivência por tempo determinado que traz alegrias moderadas, uma atitude cordial, mas sem a experiência afetiva da amizade verdadeira.

“É a que a gente lembra com carinho. Às vezes até se emociona, sente falta. Eu acho que essa é uma amizade verdadeira. Porque se não fosse uma amizade verdadeira, não seria uma coisa sólida, não marcaria.”

É interessante notar, contudo, que ambas são referidas como relações passadas. Uma, amizade, tem tempo determinado de duração sem maiores repercussões. Outra, amizade verdadeira, marca a vida do indivíduo, desperta sentimentos fortes de alegria e saudade, mas também acaba de alguma forma. O que fica, na amizade verdadeira, é a lembrança e a saudade do amigo que já não está mais presente.

Além disso, amigo verdadeiro é aquele com quem se pode contar nos momentos difíceis. Mas mesmo esse poder contar tem limites. Bruno não espera que os amigos estejam sempre ao seu lado durante sua vida. Como acredita que as relações de amizade não tem longa duração, não imagina que os amigos devam ajudá-lo sempre, mas espera que, enquanto eles estiverem ao seu lado, sejam pessoas com quem ele pode contar.

“Não é bem estar lá quando eu preciso, mas como eu disse, é uma alegria momentânea. Enquanto estivermos ali vivendo aquela alegria momentânea, se eu precisar, eu quero contar com ele.”

Bruno é bem enfático quando fala sobre a ajuda do amigo que está perto. Ele reconhece que cada um tem seus compromissos e nem sempre o amigo que está longe, seja espacial ou afetivamente, pode estar a seu lado em horas de precisão. Porém, daquele que ali está exige disponibilidade absoluta.

“Eu não exijo que depois ele saia de onde estiver pra me ajudar. Mas se ele está ali do meu lado, eu quero ele me ajudando. Tem que me ajudar, eu exijo que tem que me ajudar quem está ali comigo.”

Para ele, esse é um exemplo da reciprocidade exigida nas relações de amizade. Não é possível haver amizade verdadeira quando não há reciprocidade, que é entendida como dar e receber equitativamente. Se Bruno está sempre disponível para seus amigos (e essa disponibilidade por si só já é vista como característica da amizade verdadeira), ele espera que o mesmo seja feito por ele.

“Reciprocidade, o cara valorizar o amigo que está do lado.”

Essa valorização é mostrada a medida que o amigo oferece apoio e ajuda quando necessário.

No entanto, se o amigo está distante, não existe essa obrigação de ajudar, e a falta de apoio não é sentida como desvalorização, mas como impossibilidade, e não afeta a relação.

“Não é porque ele não ajudou que ele não é um amigo verdadeiro. Ele só não pôde estar ali comigo, ele não é obrigado a estar ali comigo. Seria bom, mas não é obrigado. Ele tem os afazeres dele também.”

Ainda assim, esse apoio é sentido como troca e não como interesse. Amizade verdadeira é, para Bruno, desinteressada. Ele só exige na medida em que também oferece. Interesses outros que não sejam apenas a companhia e o apoio do amigo são sentidos como incompatíveis com as relações de amizade verdadeiras.

“É mais um cara aí tentando pegar amizade por interesse ou então por uma indicação em alguma coisa aqui na empresa e tal. Que hoje tem muito disso, né?”

Percebemos que, para Bruno, a amizade é vista como relação efêmera. Apesar de ser importante e trazer alegria, é um relacionamento que não pode durar. Pressupõe disponibilidade do amigo que está perto, mas quase nada exige do amigo que está longe. Talvez porque este seja sentido como alguém que não pertence mais à esfera das relações, e sim, das lembranças. Apesar de ser reconhecido como amigo verdadeiro pelas alegrias que proporcionou, pelos sentimentos que despertou e pela marca que deixou na vida do amigo, ele não está mais presente em sua vida. Bruno parece acreditar que este é o destino de qualquer amizade verdadeira. Embora não diminua a importância dessas relações, ele as enxerga com certa descrença. Percebemos que existe uma tristeza e uma amargura em seu discurso que, provavelmente, advém das experiências que teve com amigos. Além disso, a forma como

Bruno vê a amizade é idealizada, esperando muito dessa relação, apesar de acreditar não esperar nada. As amizades para ele parecem ser um campo de suprimento de necessidades muito profundas de relacionamento, reciprocidade e aconchego, necessidades estas que suas relações não conseguem preencher.

Apesar de ser uma alegria momentânea, a amizade verdadeira pressupõe disponibilidade, apoio, ajuda e reciprocidade desinteressada.

Experiências de amizade

Bruno relata não ter tido boas experiências em relações de amizade. Podemos perceber este fato pela própria definição por ele dada para essas relações e exposta anteriormente. Amizade é uma “alegria momentânea”.

Foi assim que Bruno viveu suas relações com amigos. Relações efêmeras, embora importantes.

Viveu uma relação com um grande amigo, uma amizade verdadeira. Existia um compartilhar a vida com este amigo, que morava perto e estudava na mesma escola. Esta é, até hoje, uma amizade sentida como verdadeira, como a mais importante de sua vida.

“Essa amizade eu achei excelente, tanto que não me esqueço dele até hoje. E são mais de doze anos.”

As amizades sentidas como verdadeiras pressupõem uma convivência quase diária e um compartilhar de interesses. Essas amizades são entendidas quase como um relacionamento amoroso.

“Eu vivi quatro anos e meio com ele.”

A fala de Bruno parece denotar um relacionamento afetivo. Teria sido um ato falho? A maneira como ele fala de suas amizades, como relata o sofrimento pela não manutenção dessas relações efêmeras parecem explicitar um trauma vivido por uma decepção amorosa profunda.

Essas amizades, embora importantes e lembradas com carinho, não estão mais presentes em sua vida. Responsabilidades e mudanças de residência e no estilo de vida acabaram por afastar os amigos.

“Eu sei o nome dele, sei onde mora, mas nunca mais o vi.”

“Mas foi aquele tal negócio, um tomou um rumo e outro tomou outro e ninguém ligou mais pra ninguém. E fica nessa.”

Apesar de não fazerem mais parte de sua vida diária, esses amigos estão muito presentes em sua memória e é com saudade e certa nostalgia que Bruno fala deles.

“Ele não sabe, mas eu sempre vou considerar como o meu melhor amigo.”

A falta de outras amizades verdadeiras em sua vida parece levá-lo a considerar este amigo, com quem ele não teve mais contato, seu melhor amigo. Apesar da necessidade da reciprocidade referida por Bruno, do amigo que está longe nada se exige. Essa amizade do passado, pela falta de convivência, acaba sendo bastante idealizada e sentida como a amizade ideal em contraste com as amizades superficiais do presente.

“Ele nunca pisou na bola comigo, sempre estive do meu lado mesmo distante. É meio que ‘caramba, se o E. estivesse aqui ele ia me dar essa força, eu sei disso’.”

Essa qualidade de “não pisar na bola” é sentida como essencial para que este amigo em especial seja considerado melhor amigo.

Bruno sente que falta reciprocidade em suas relações de amizade e percebe essa falta como traição.

“Foi quando eu precisei e ele simplesmente virou pra mim e falou ‘Não, se vira, foi você que fez não fui eu’. Foi uma decepção, traiu minha amizade, traiu minha confiança.”

Além da falta de reciprocidade, a dificuldade em compartilhar sentimentos, valores e visões de mundo são sentidos por ele como verdadeiros buracos em sua vida. Para ele, suas relações são sempre muito superficiais, não havendo um compartilhar verdadeiro, mais profundo, que ele sente como imprescindível.

A falta de honestidade em revelar seus verdadeiros sentimentos ou problemas acaba por impedir que a relação se aprofunde.

“E até então a gente conversava de muita coisa, mas sempre se resumindo em carro. Entendeu? Voltamos ao início, sempre se resume, não é?”

Bruno demonstra sentir falta dessa profundidade. Suas relações, ao que parece, são baseadas na persona, naquilo que os amigos mostram ser e não em quem são verdadeiramente. Existe um protocolo a ser seguido e este protocolo pressupõe brincadeiras que às vezes podem até

ser hostis, compartilhar apenas afinidades e pontos em comum e ignorar o lado emocional, embora este apareça de forma sombria no ressentimento e amargura suscitados por essa falta de reconhecimento do aspecto essencial dessas relações.

Mesmo sentindo falta de uma relação mais emocional, Bruno reconhece que ele também não se abre com os amigos.

Considera-se alguém que se apega fácil às pessoas:

“O cara me viu ontem e amanhã já ‘e aí, como você está? E a família? Já sabe um pouquinho do meu passado, já sabe o futuro, eu puxo as informações.’”

Porém, ao mesmo tempo em que busca uma aproximação maior de pessoas que conhece há pouco tempo, à medida que a amizade começa a se aprofundar, Bruno atua como os amigos que ele critica e acaba por retrair-se.

“Às vezes no dia-a-dia eles querem puxar um pouco mais de mim e eu me fecho até mais que eles. E eu acho que eles já falam: ‘Puxa, o Bruno não foi recíproco à amizade’.”

Bruno admite compartilhar com amigos apenas assuntos triviais. Trabalho, hobbies e gostos em comum, estudos, carros, futebol e mulher. Refere não compartilhar “minha vida pessoal, assim, amorosa e sentimental.” Esses assuntos, que são por ele mesmo considerados importantes para que haja uma amizade profunda da qual ele sente falta, não entram no rol das coisas que ele se sente à vontade para compartilhar com os amigos. Então, essa ausência sentida por ele é decorrente não apenas de um comportamento dos amigos, mas de sua própria forma de relacionar-se.

“Falar dos outros, a gente brincando, fala mesmo. Carro e futebol. Acabou.”

Bruno revela ter amigos circunstanciais (trabalho, estudo) com quem acabou perdendo o contato por falta de interesse dos amigos em continuar a amizade. Ele sente que aquela amizade serviu a um propósito enquanto havia uma convivência de alguma forma forçada pelas circunstâncias (estarem na mesma sala, trabalharem no mesmo setor) mas que, uma vez eliminado o fator espacial agregador, não existia algo mais forte que os unisse.

Bruno demonstra mágoa ao falar desses amigos que dele se distanciaram, parece sentir-se usado por eles. Como se, agora que não há mais uma atividade a ser realizada em conjunto e apenas o amigo e a amizade que este pode oferecer, não existe motivo para continuar a relação.

Podemos pensar que existe aqui uma projeção sombria. O participante aparece como alguém sempre disponível enquanto os amigos são superficiais e não retribuem sua prontidão em ajudar e se relacionar. Este não é o caso, contudo, como ele próprio admite. Bruno também se distancia das amizades na medida em que estas começam a aprofundar-se.

Parece existir uma mágoa que talvez seja advinda de fases anteriores do desenvolvimento. Poderíamos pensar em um complexo paterno negativo? Existe uma falta sentida que talvez seja muito mais ampla e anterior a esses relacionamentos de amizade.

Bruno parece não se sentir valorizado e visto em sua inteireza pelos homens, na mesma medida em que também encontra dificuldades para revelar-se de forma íntegra.

As amizades aparecem, então, como espelhos que talvez reflitam sua própria dificuldade em lidar tanto com seus aspectos masculinos quanto com os femininos.

A alma ainda aparece de forma inconsciente e projetada nas mulheres de forma idealizada. Mas não pode ser vivida em suas relações com o masculino.

Apesar ou por causa disto, Bruno espera muito de suas relações. Diz que não quer nada material e não tem interesses outros que não estejam relacionados à relação em si. Porém, de seus amigos ele espera ajuda, respeito, confiança, lealdade, discrição e reciprocidade.

“Do que ele tem pra me dar eu não quero nada. Eu quero que ele seja amigo ‘amigo’. Como eu te falei, se ele está perto, eu quero ele do meu lado, quero me ajudando.”

Espera que seus amigos o ajudem quando preciso, que sejam pessoas em quem ele possa confiar, não tanto para compartilhar assuntos delicados, mas para poder contar com esse amigo em horas de necessidade. Espera lealdade, que o amigo não traia sua confiança em sua capacidade de ajudar. Discrição em relação ao que é compartilhado e reciprocidade, dar o mesmo que recebe.

“É, às vezes você confia tanto na pessoa e ela acaba sendo seu inimigo lá na frente porque você depositou alguns dos seus segredos, algumas coisas confidenciais.”

Talvez por essa experiência de traição de sua confiança e do que ele acredita ser falta de fidelidade, Bruno tenha muitas reservas naquilo que compartilha hoje com os amigos. Possivelmente, ele não sente essa confiança em suas atuais amizades.

Bruno admite esperar muito de suas amizades e, por essa razão, magoar-se com facilidade quando seus amigos não correspondem às suas expectativas.

“Porque eu sou assim, eu espero demais porque eu sou assim. E nem todo mundo pode dar o que a gente quer, né?”

“E às vezes as amizades se afastam por causa disso, eu acho que eu espero muito da amizade e às vezes não tem.”

Suas experiências com amigos levaram-no a desconfiar da sinceridade e discrição dos amigos. Dessa forma, não compartilha o que gostaria e, talvez mesmo por essa atitude, seus amigos também acabam compartilhando apenas assuntos mais superficiais. Além disso, como sente que sempre acaba dando mais do que recebe (e reconhecendo que esta é uma característica de sua personalidade, de fazer todo o possível para ajudar os outros), termina por esperar demais de seus amigos ao mesmo tempo em que já não acredita de antemão que suas expectativas serão atendidas.

Por todo esse cenário, não é estranho que ele afirme não encontrar o que espera na maioria de suas amizades.

“Das atuais, porque das outras que eu te falei eu não convivo tanto, eu acho que é só 5%. E assim, tomara.”

Apesar disso, Bruno sente que aprendeu e aprende muito com suas amizades.

“É, nas páginas da minha vida, alguns uma alegria assim que me ensinou a viver com a experiência deles. Ele errou, eu não vou errar.”

Ao mesmo tempo, a falta de conexão com os amigos e a efemeridade sentida dessas relações são uma grande ferida em sua vida:

“No lado do sentimento, eu me sinto... Não vou falar pouco, mas muito triste. Muito mesmo. E acabo até sentindo falta. Por mais que ficou uma semana ou duas comigo, eu sou muito apegado.”

Mas reconhece que tem uma parcela de responsabilidade nessa situação:

“Às vezes eu sinto eles um pouco que distantes nessa parte. Às vezes por minha culpa.”

Acaba-se criando um círculo vicioso no qual ambas as partes terminam por distanciarem-se mesmo que a necessidade seja de aproximação.

Amizade masculina

Bruno acredita que existam particularidades nos relacionamentos entre homens. Para ele, os homens tem amizades mais superficiais do que as mulheres, amizades que estão mais relacionadas ao lugar em que se encontram do que à relação propriamente dita. Existem lugares que possibilitam a interação masculina, como a faculdade, o ambiente de trabalho, o bar, o jogo de futebol. As atividades ali partilhadas são, para ele, o máximo que a interação masculina possibilita.

“Até mesmo na faculdade, você tem um (amigo) aqui e outro ali, aquele que ajuda lá da faculdade ali e um liga pro outro e tal. Aí entram as férias e ninguém liga pra ninguém. Às vezes é o contrário com as mulheres. Eu acho.”

Bruno acredita que as mulheres são capazes de relações mais duradouras e profundas e também mais fiéis.

“Não é tão fiel como a feminina. Eu não sei. Porque às vezes a amizade feminina se dá assim. Se conhece na faculdade, às vezes na rua e se torna aquela amizade. E às vezes amizade masculina não, às vezes é só trabalho mesmo ou porque você foi na padaria e encontrou o cara. É muito difícil. Ao contrário das mulheres que às vezes você tem uma amiga bacana ali, outra ali. Homem não é assim.”

A imagem que aparece, mais uma vez, quando pensa na amizade masculina é um jogo de futebol, a tal alegria momentânea. Bruno também compara a amizade masculina com uma comida saborosa que “você chega lá, saboreia e ‘quero mais, quero mais’. Mas chega uma hora que enjoa.”

Segundo ele, as amizades masculinas não passam de um certo ponto porque não há, entre os homens, liberdade entre si para conversar sobre coisas importantes, “contar um pouquinho da vida.”

“Se limita num ‘oi, tudo bem? Como você está no serviço?’”

Para ele, falar sobre os mesmos assuntos sempre (o time de futebol, o trabalho, mulheres) é o que enjoa. E, como acredita que as mulheres podem conversar sobre seus sentimentos, acha que as amizades femininas são mais profundas. A assimilação, o contato com o outro (comida) vai apenas até certo ponto.

Bruno relata que os homens não se abrem tanto uns com os outros e têm dificuldades em falar sobre sentimentos. Credita essas dificuldades ao machismo e à necessidade masculina de estar sempre por cima nas relações.

“Eu vou te falar só do que conquistei ou das minhas derrotas engraçadas.”

“Às vezes, as preocupações a gente guarda pra si e às vezes não conta nem pra noiva, namorada, esposa, alguém. E se vai contar para o amigo ele (o homem) não conta tudo, ele só conta ‘puxa, cara, estou com um problema.’ Mas ele não tem a capacidade de se abrir.”

Apesar de falar sobre os homens em geral, Bruno também parece referir-se a ele mesmo. Talvez a forma como Bruno experiencie o masculino seja por meio de noções estereotipadas de comportamentos e atitudes que ele reproduz em suas relações às custas de sua inteireza. Por esse motivo, parece existir um sentimento de engodo, como se suas relações não fossem um espaço de vivência autêntica do self. A reprodução desse tipo de relação leva-o mais longe de sua inteireza e de relacionamentos maduros e satisfatórios.

Outro ponto que pode dificultar que um homem revele intimidades a outro é o medo de ser tachado de homossexual.

“Mas, homem pensa: ‘ah, esse cara ligando pra mim todo dia é esquisito!’”

Quando incitado a falar mais a respeito desse assunto, Bruno esquiva-se

“Prefiro não entrar nesse tema.”

Percebemos que o medo da homossexualidade aparece de forma não completamente direta no discurso de Bruno e acaba tendo um significado importante para as relações masculinas, em seu ponto de vista. Muito da dificuldade em falar de sentimentos e de compartilhar sua vida pode estar fundada nesse medo.

Além dessas dificuldades, Bruno também acredita que diferenças marcantes de personalidade e falta de afinidades podem atrapalhar o relacionamento de amizade masculino.

“Então às vezes eu acho que é um pouquinho de diferença, não só porque é homem, mas às vezes da personalidade, de afinidade mesmo.”

“Se não tem o que conversar, pra que eu vou lembrar dele?”

Por outro lado, o tempo de convivência é entendido como fator facilitador porque “Nesse tempo, eles tem que ir falando do que gostam, do que é bacana e aí o outro vai vendo. O outro

vendo o que ele acha bacana vai se juntando e eu acho que aí vai surgindo uma amizade verdadeira.”

As afinidades aparecem, então, como imprescindíveis para o estabelecimento e a continuidade da amizade, porque o outro se revela, inicialmente, nas coisas das quais gosta e não gosta. É por meio de interesses em comum que se começa a conhecer o amigo e a se identificar com ele. No universo masculino, essa é a forma privilegiada, segundo Bruno, de estabelecer uma amizade enquanto ainda não existe confiança no amigo.

E é por meio dessas afinidades que os amigos vão associando-se.

“Hoje mesmo eu encontrei um amigo que falou ‘Eu vi um carro aqui agora muito dez’. Mas por quê? Eu gosto de carro. Então eu acho que a gente vai se juntando”

A distância não é entendida como fator capaz de, por si só, pôr fim a uma amizade. Mesmo longe, ele considera que seus amigos verdadeiros, aqueles que nunca o decepcionaram, continuam sendo seus amigos. Quando e se encontrarem-se novamente, a amizade será a mesma, não importando o tempo que passaram separados.

“Não interfere, o importante é guardar no coração. Às vezes até mais do que muitos amores.”

Fica clara a forma como Bruno percebe as amizades masculinas quando analisamos as imagens associadas por ele a estas relações. Quando pedido para que imaginasse o encontro de dois amigos homens, Bruno descreveu a seguinte cena:

“Dois amigos estão fazendo um trabalho na faculdade. Eles se conhecem há um ano. Conversam sobre assuntos relacionados ao trabalho que estão desenvolvendo e não há concordância entre suas ideias. Um deles acaba por desistir de argumentar e deixa nas mãos do outro a finalização do trabalho. O que eles estão pensando neste momento de interação é no resultado do esforço, em tirar uma boa nota. Sentem-se ansiosos mas apenas pela espera dos resultados”.

Percebemos, por essa imagem, aquilo que Bruno já havia descrito: uma amizade circunstancial, focada em uma atividade específica, com duração provavelmente determinada (o fim do ano ou o término da faculdade). Não há uma interação verdadeira entre os amigos, a conversa é superficial e gira em torno de uma exigência acadêmica. No momento em que a interação poderia se aprofundar, quando os amigos começam a discordar sobre alguns assuntos, um deles desiste da interação e acaba submetendo-se à opinião do outro. O momento de discordância poderia ser rico para os amigos, para que pudessem se conhecer melhor e desenvolver respeito e tolerância em relação às suas diferenças, contudo, os amigos

retiram-se da discussão e distanciam-se ainda mais. Eles estão mais focados na tarefa do que na relação.

Essa imagem mostra a forma como Bruno percebe não apenas suas amizades em particular, mas as amizades masculinas em geral. Superficiais, centradas na tarefa e breves.

Ainda assim, Bruno acredita que ter amizade com outros homens é importante.

“Viver sem meus amigos não dá, não.”

“Você precisa de amigos pra conversar, pra dar um pouquinho de risada, ter aquele cara alegre do seu lado ou aquele cara sério que te dê conselhos.”

“Então, não tem como viver, não. Ia ser muito chato.”

A importância das amizades masculinas reside, então, na diversão que elas proporcionam, nos conselhos e na ajuda que delas advêm e nas experiências trocadas, que são fontes essenciais de aprendizagem.

Comentários

Para Bruno, a amizade é uma alegria momentânea. É um relacionamento importante e, quando verdadeira, marca a vida do indivíduo e deixa saudade. Ele associa a amizade a um jogo de futebol e a uma comida saborosa, algo que dá muita alegria por determinado tempo, mas que tende a desaparecer. As principais características da amizade são afinidade, reciprocidade, oferta de ajuda e apoio enquanto ela durar.

Relata ter tido duas experiências boas com amigos, com quem conviveu por um tempo no passado e teve grandes alegrias. Esses amigos, porém, estão distantes de sua vida no momento e suas relações atuais não suprem suas necessidades de apoio e compartilhamento. Entende que espera muito de suas relações e, quando suas expectativas não são atendidas, decepciona-se muito. Essas seguidas decepções, associadas com a dificuldade masculina referida por ele para partilhar suas emoções e dificuldades, estão diretamente relacionadas com sua dificuldade em confiar em seus amigos e se abrir com eles. Essa dificuldade, assim como a percepção de que suas relações são desiguais, na medida em que sempre dá mais do que recebe, acabaram por constituir-se como grande ferida em sua vida. Nesse sentido, sente as

amizades femininas como mais profundas e verdadeiras pela capacidade atribuída por ele às mulheres de conversarem sobre seus sentimentos e angústias.

Bruno acredita que, além do orgulho masculino, diferenças de personalidade e falta de afinidade podem atrapalhar o estabelecimento de uma amizade, enquanto o tempo de convivência e os interesses em comum ajudam a despertar e manter uma amizade.

Bruno parece viver um conflito muito grande em suas relações, que pode estar refletindo uma situação de fases anteriores do desenvolvimento. Levantamos a hipótese de um complexo paterno negativo, já que Bruno sente-se desvalorizado e não reconhecido em sua autenticidade em suas experiências com o masculino. Essa parece ser uma ferida muito profunda e talvez anterior às suas experiências no campo da amizade, mas que com certeza foram ratificadas e refletidas por estas.

O masculino sombrio aparece projetado em seus amigos homens enquanto a alma é projetada nas mulheres, que se tornam idealizadas. As relações femininas, repletas de emoção e honestidade são idealizadas em detrimento das masculinas, frias e superficiais.

Por outro lado, a relação com o feminino é ainda inconsciente. O feminino externo é visto de forma idealizada. O mundo das emoções parece ser projetado nas mulheres, enquanto ao participante parece ser relegada a posição de alguém que não consegue expressar seus sentimentos a outro homem sem o temor de ser visto como homossexual.

A emotividade do feminino não desenvolvida aliada a um masculino estereotipado vivido no nível da persona parecem ser o pano de fundo para a superficialidade sentida por Bruno em suas amizades.

Apesar desses problemas percebidos, as amizades masculinas são importantes em sua vida na medida em que oferecem diversão, apoio e experiências partilhadas com as quais muito se aprende.

Existe uma busca, ainda que incipiente, por autenticidade e por alteridade. Bruno já é capaz de perceber que algo está faltando, mesmo que ainda não consiga mudar esse quadro.

Entrevista 3

Caio: amizade como experiência sagrada

Caio tem 26 anos e é pós-graduado na área de informática. Trabalha em sua área de formação. É o caçula da família, tendo duas irmãs mais velhas. Reside na casa dos pais. É solteiro, mas está namorando. Mostra-se muito solícito desde o início, demonstrando grande interesse e alegria em falar sobre suas relações de amizade. Refere ter relações de amizade muito profundas, relações estas que são extremamente importantes em sua vida, ao ponto de considerá-las sagradas, assim como a família.

Amizade e suas características

Caio acredita que a amizade é uma forma de relação tão importante e profunda quanto a família. Para ele, amigos são como irmãos não consanguíneos.

“Amizade pra mim tem uma coisa muito a ver com família. Então, as pessoas que eu não tenho como dizer que elas são irmãos de sangue, eu chamo de amigo.”

Apesar de não ter os mesmos pais, os amigos são sentidos como verdadeiros irmãos, na medida em que encontram-se no mesmo ponto do ciclo vital e compartilham experiências, emoções e interesses em comum. Aparece, mais uma vez, a imagem do irmão de alma, a experiência de alteridade e fraternidade que precisa ser vivenciada de alguma maneira.

Segundo Caio, a amizade pressupõe uma gama de afinidades que são responsáveis pela confiança que o amigo desperta e sua capacidade de oferecer apoio incondicional.

“Muitas coisas em comum, até mesmo as suas formas de pensar, as suas opiniões são muito próximas, então você acaba apoiando, você acaba acreditando, você defende, você acredita. É um pouco disso.”

Podemos pensar que, ao defender o amigo que tem as mesmas ideias e valores, o indivíduo está, a um só tempo, defendendo a si mesmo. No encontro com outro igual, percebemos quem somos, do que gostamos e o que importa para nós. E são esses iguais os procurados por Caio, porque são capazes de entendê-lo e apoiá-lo, já que acreditam nas mesmas coisas que ele.

A confiança também é sentida como essencial em uma relação de amizade. Essa confiança, em alguns casos, necessita de um tempo de convivência para ser desenvolvida.

“A vida mostra, o tempo mostra o valor das pessoas.”

A confiança pode advir também da percepção imediata das virtudes apresentadas por uma pessoa. Como Aristóteles, Caio acredita que as virtudes são um ponto de atração na amizade. Se a combinação entre personalidades for forte, a confiança pode estabelecer-se imediatamente. Afinidades, novamente, são sentidas como essenciais para o estabelecimento de uma amizade.

Além disso, comprometimento com o amigo e mesmo responsabilidade são aspectos importantes da relação.

“ Porque, por mais louca que a pessoa possa ser, ela não pode colocar o amigo em perigo.”

Vemos aqui uma característica de cuidado, não apenas físico, mas também moral, na medida em que o amigo deve zelar também pela imagem do outro. Imagens de bebedeiras, nas quais os amigos muita vezes atuam como a consciência que, no amigo alcoolizado, está rebaixada, surgem à mente. De fato, foi essa a associação que Caio fez:

“Digamos que eu estivesse no meio de um grupo de pessoas e ficasse bêbado. Eu acho que aquela pessoa me ajudaria, sabe? Eu poderia confiar nela e, se isso acontecer de fato, a pessoa fez isso, isso torna ela uma pessoa digna de confiança, sabe?”

Amizade também pressupõe apoio e ajuda, quando necessário.

“Então assim, o dia que você precisar, precisar de apoio, a gente está aqui. ‘Você pode me procurar.’ Por quê? Não adianta você simplesmente ‘fulano de tal vai quebrar as pernas.’ Você tem que estar lá pra ajudar.”

O apoio ao amigo, como já dito, é incondicional. Contudo, só é oferecido quando procurado. Caio acredita que é função da amizade dar espaço para que o outro cometa seus próprios erros, desde que se esteja ao lado do amigo como retaguarda. É quase como um anjo da guarda, que entra em ação no momento em que o amigo busca sua ajuda. Enquanto o amigo não pedir ajuda:

“Você, infelizmente, tem que deixar a pessoa ali sofrer um pouquinho.”

Esta percepção de Caio sobre o papel da amizade nos momentos de dificuldade revela um profundo respeito pelas escolhas do amigo, visto como um ser que, apesar de ter muito em comum, ainda assim é diferente. Dessa forma, o que um acredita ser bom ou ruim em determinada situação, pode não servir para o amigo. A ajuda não é oferecida a priori antes de ter sido considerada necessária por aquele a quem se quer ajudar.

Respeito é, para Caio, outra característica marcante da amizade. Respeitar a individualidade do amigo é essencial para um bom relacionamento.

As características descritas anteriormente são inerentes à amizade, que difere do coleguismo, na opinião de Caio.

“Eu tenho como definição que eu posso ter amigos, colegas e conhecidos. E a amizade se torna, assim, essa coisa forte. É uma questão de irmandade mesmo.”

A amizade continua a mesma ao longo do tempo, não importando a distância ou a falta de convivência. Mesmo distanciando-se por conta de mudanças de estilo de vida ou de endereço, o vínculo criado é forte o suficiente para permanecer. A comparação com uma relação de irmãos novamente aparece aqui.

“Quando você tem coisas sagradas como família e amizade, quer dizer, na verdade é praticamente uma, que é família, né? Você pode viver todo tipo de situação, viver o que for, essas pessoas nunca mudam. Quando você tem uma coisa real, uma coisa verdadeira, você pode ter um inferno, você pode ter os maiores problemas, a pessoa pode não saber o que fazer, mas ainda é teu amigo.”

Uma relação com tal nível de profundidade é baseada não somente na persona, mas no vislumbre de algo maior, mais amplo e mais sagrado, que pode ser visto como vislumbre de uma imagem do self. Mesmo que pontos de vista, ideias ou sentimentos mudem, existe algo mais permanente, mais profundo que foi percebido na relação com o amigo e que continua a ser sentido, não importando a situação.

A amizade é, enfim, percebida como algo sagrado que, assim como roupas ou opiniões, revela quem se é.

“Então deixar essas coisas no sagrado, família e amigos. É um reflexo de você, da sua afinidade, mas você pode ver que o seu comportamento muda a partir do momento em que... O círculo que você vive. Lógico que uma pessoa pode ser influenciada, por isso é interessante que ele tenha um bom berço. Ele tem que saber o que tem de bom e isso faz buscar outros grupos com afinidades parecidas.”

A imagem do espelho, do reflexo aparece no discurso de Caio. Amigos mostram quem se é e refletem uns aos outros. O autoconhecimento é imprescindível, segundo Caio, para que se possa encontrar pessoas que o reflitam de forma verdadeira e não se deixar influenciar apenas para pertencer ao grupo. Os dois movimentos andam juntos, conhecer profundamente gostos, sentimentos e valores próprios para vê-los refletidos no outro, que só confirmam sua percepção.

Amizade é, então, um relacionamento com um outro muito parecido, praticamente um irmão, mas ainda assim diferente, e pressupõe que existam afinidades entre os amigos, confiança, respeito e responsabilidade.

“Eu acredito que amizade verdadeira consciente seja isso.”

Experiências de amizade

As experiências de amizade de Caio são muito profundas, próximas do que ele considera irmandade.

Caio sente que, em suas relações de amizade, encontra todas as características por ele entendidas como importantes nessas relações.

Acredita que exista uma grande ligação entre ele e seus amigos a ponto de saberem, sem a necessidade de palavras, como o outro está se sentindo. Apenas a linguagem corporal já é suficiente para adivinhar o estado de espírito do amigo.

“Quando eu estou junto com meus amigos antigos, eu procuro observar a fisionomia, o estado de cansaço. Então, a partir da conversa que você tem, do tom de voz que você leva, da empolgação que ele demonstra, a gente leva a conversa.”

Esse reconhecimento, definido por Caio como empatia, é importante porque é a partir dele que a interação acontecerá. Deixar o amigo à vontade para falar sobre o assunto que quiser, ao mesmo tempo respeitando aquilo que ele não quer comunicar no momento, é entendido como essencial.

“Então, quer dizer, você desenvolve a sensibilidade de sentir o que está acontecendo. Então, quando você toca num assunto e vê que o comportamento mudou, você muda de assunto.”

O próprio amigo pode não querer entrar em determinado assunto que o incomoda, e prefere que a conversa gire em torno de assuntos mais triviais. Essa defesa que muitas vezes se instala é quebrada pela postura empática que Caio acredita ter com seus amigos. Como dito anteriormente, ele respeita o momento do outro.

A ligação e a sintonia entre Caio e seus amigos é algo notável para ele. Essa comunicação inconsciente que existe entre os amigos possibilita que estejam presentes em momentos de dificuldade mesmo sem saber o que está acontecendo.

“Então já aconteceu muito, assim, de eu estar em épocas difíceis e, de repente, uma ligação mágica. ‘Mas meu, como você sabe que eu estava precisando falar?’”

Essas experiências, que poderíamos chamar de sincrônicas, parecem estar intimamente relacionadas com a forma que Caio sente suas amizades: sagradas.

“Então, isso pelo menos acontece muito comigo e com essas pessoas que eu chamo de amigo. Então chega a ser assustador, né? E, ao mesmo tempo, gratificante.”

Caio refere compartilhar tudo com seus amigos: experiências, pedidos de ajuda, sentimentos, sonhos. Porém, não compartilha tudo com todos. Respeitar a individualidade do amigo é importante nesse momento, para que não se toque em um assunto desconfortável para o outro.

“Tem coisas que você não pode compartilhar porque vai ferir. Então, esses tipos de cuidado que eu procuro ter e acredito que naturalmente todos tenham, sabe? Então é assim, você compartilha tudo, desde que você tenha esses elementos básicos aí de bom senso.”

Essa postura considerada por Caio respeitosa, não implica deixar de compartilhar experiências importantes para ele, mas escolher a pessoa e a forma na qual essas experiências serão compartilhadas.

O encontro com os amigos é um momento de descontração e familiaridade. Os assuntos são sempre os mesmos, mas isso não é sentido como problema. Falar sempre das mesmas coisas, de situações que os amigos passaram juntos, é uma forma de relembrar momentos importantes da convivência entre eles. A repetição de histórias também pode ajudar a confirmar a importância de cada um naquele círculo em particular. Cada roda de amigos tem suas histórias para contar, de momentos compartilhados que vão tecendo a tapeçaria da amizade. Recontá-las é manter a amizade viva.

Apesar de tão importantes, esses encontros não acontecem com a frequência que Caio gostaria. Inúmeros compromissos pessoais e de trabalho impossibilitam, muitas vezes, o encontro.

“Uma grande dificuldade que eu tenho com os meus amigos é justamente isso, a gente quer sair e não consegue. Se for planejar você pode ter certeza de que não vai dar certo. Não pensa, só vai. É isso que acontece.”

A baixa frequência dos encontros, contudo, não significa que a confiança, empatia e ligação profunda existente nesse círculo de amigos diminua.

Caio relata que procura não ter expectativas em relação às suas amizades.

“Eu aprendi que das pessoas você nunca pode esperar nada, porque o melhor que elas tem é o que elas podem te dar. Porque aquilo que elas podem te dar é o que elas tem demais.”

Conhecer o amigo e respeitá-lo como outro que não é extensão de si é a chave para essa visão de Caio. Diferentes personalidades implicam em diferentes formas de interação. Não é aceitável para ele esperar algo que já se sabe que a pessoa não poderá dar.

“Por exemplo, ah, uma pessoa fala muito, ela não sabe ouvir. ‘Pô, mas eu queria, hoje estou precisando que ele me escute’. Mas aí você sabe que não vai dar certo. Então, na situação atual, na fase em que eu estou, nessa idade que eu estou, eu acredito que hoje a melhor coisa que você pode esperar de uma pessoa é nada. Ela dá o que ela pode. Porque esperar gera ansiedade, ansiedade gera frustração.”

Apesar de dizer nada esperar, Caio encontra muito em suas amizades. Encontra tudo que ele acredita que uma amizade deve ser.

Amizade masculina

A imagem que Caio formou de um encontro entre amigos é muito próxima da forma como ele vivencia suas relações.

Ele imaginou o encontro de alguns amigos em um bar, três amigos mais precisamente, que se conhecem há três anos. Eles se encontram para conversar. Apesar de cada um ter uma agenda diferente, compromissos variados, conseguem encontrar-se de forma espontânea, sem muito planejamento. É possível fugir de responsabilidades e compromissos por ser algo momentâneo. O clima entre os amigos é de camaradagem, o que, para ele, significa a possibilidade de um amigo fazer piada com o outro, falar palavrões, desabafar sobre o trabalho ou qualquer problema que se esteja passando. Pode-se falar de tudo, da maneira que for.

Percebemos nessa imagem as características de descontração e confiança que a amizade exige. Apesar das dificuldades em se reunir por conta dos diferentes compromissos, existe um esforço para que o encontro aconteça porque este é sentido como agradável e importante. A camaradagem relatada parece ser uma forma de socialização masculina, que pressupõe o beber e o uso de obscenidades, descrita por Vincent-Buffault (1996). A familiaridade entre os

amigos também está presente, na medida em que nenhum assunto é tabu desde que se respeite os limites do bom senso. A imagem dos três amigos que se conhecem há três anos remete-nos à imagem da trindade, mostrando, mais uma vez, como essas relações são percebidas como sagradas pelo entrevistado.

Caio acredita que as amizades masculinas são mais fáceis e simples do que as femininas. Para ele, não há transparência entre as mulheres e existe muita inveja e uma competição velada que desgasta a relação.

A competição entre os homens existe, mas é vista como explícita, o que facilita uma atitude mais honesta entre os homens.

“Competição entre homens é mais explícita. Aí, por exemplo, isso é explícito, é guerra declarada.”

Ao mesmo tempo em que a competição é explícita, é possível ao homem fazer elogios ou delatar defeitos de forma natural e sincera, o que não acontece com as mulheres que, segundo Caio, fazem um elogio na frente da amiga para, mais tarde, dizer o contrário para terceiros.

“Você consegue ter aquela naturalidade sem ter essa coisa negativa, né? Em mulher eu vejo o oposto, sabe, o totalmente oposto.”

A honestidade parece advir do fato de que, acredita Caio, os homens não levam tão a sério o que lhes é falado. Sua interação já pressupõe um certo nível de agressividade que, na relação feminina, encontra-se mascarada e acaba aparecendo de forma sombria.

As mulheres são sentidas como fator de tensão em uma relação entre homens. O fato de dois homens gostarem da mesma mulher pode atrapalhar a amizade. Por outro lado, Caio acha que, se a amizade é verdadeira, esse fato não é determinante para colocar a relação em risco. Interesses outros que não apenas a amizade (como ter amizade com alguém para facilitar uma ascensão no ambiente de trabalho) podem prejudicar bastante o relacionamento.

Afinidades, ter coisas em comum, é um fator facilitador para o estabelecimento e a manutenção da amizade. Da mesma forma, situações de estresse e pressão também podem contribuir para um estreitamento da relação. Essas situações parecem funcionar como teste para a amizade, para separar o joio do trigo, amigos sinceros de interesseiros. Pode parecer paradoxal, mas faz sentido pensar que as dificuldades podem ser benéficas para o relacionamento, na medida em que ela aproxima os amigos, ao mesmo tempo em que mostra

outra face do amigo que não é percebida em tempos de calma. Tais momentos propiciam um conhecimento mais profundo do amigo.

“É aquela velha história, o cavalheiro mostra os seus valores pelos seus atos.”

A amizade masculina é importante para o homem ter perspectiva e não ficar centrado apenas em seu mundo particular. Compartilhar de algo a mais, fazer parte do coletivo. Existe uma dimensão ética que a amizade masculina adquire, na medida em que é preciso delimitar os limites das próprias ações em respeito à individualidade do outro.

“Eu acho que um homem, ele tem que ter amizades, ele tem que ter contato com outros homens, porque senão ele fica muito egoísta, ele perde a noção do espaço e do tempo, da realidade.”

A vida sem amigos, para Caio, é muito difícil porque:

“Você se torna apenas um indivíduo.”

A dimensão coletiva e cooperativa fica prejudicada. É a tradução da máxima “O homem é um animal social.”

Comentários

Caio sente suas amizades como sagradas, algo próximo da irmandade. A amizade difere, por essa característica, do coleguismo. Para ele, amizade pressupõe confiança, afinidades, respeito e apoio incondicional. Ele acredita que as relações entre homens são mais fáceis e mais sinceras do que as femininas.

O entrevistado relata compartilhar tudo com os amigos, dosando apenas o que falar com quem, para não ferir ninguém.

Interesses outros que não apenas a amizade e a atração dos amigos pela mesma mulher podem ser fatores de risco para a relação, mas não chegam a prejudicar se a amizade for verdadeira. Por outro lado, afinidades e momentos difíceis ajudam a estreitar o relacionamento.

Caio refere nada esperar de seus amigos, na medida em que entende que eles lhe dão aquilo que podem dar. Apesar disso, subentende-se que ele espera que suas relações compreendam as características por ele consideradas essenciais para a amizade. De fato, Caio parece encontrar tudo o que espera em suas relações.

No discurso desse participante, tanto a família quanto as amizades masculinas são classificadas como sagradas, enquanto a relação com o feminino é, diante destas outras esferas, desvalorizada.

O feminino aparece, como na fala de Augusto, como desonesto e manipulador. A mulher, como projeção da sombra, é vista como enganadora e maliciosa, um ser de duas caras em quem não se pode confiar.

O homem, por outro lado, é valorizado e até idealizado, na medida em que a única face sombria da relação masculina é colocada exatamente na mulher, já que esta pode ser causa de discórdia entre amigos. Existe uma polarização de bem e mal ligados, respectivamente, ao homem e à mulher.

A vivência do mundo das emoções e a aproximação com o inconsciente são vividos mais na relação com os amigos do que com as mulheres. Suas amizades são proporcionadoras de experiências afetivas gratificantes, porém encontram-se ainda muito polarizadas, na medida em que o aspecto sombrio da relação não é vivido.

Integrar ambos os pólos em cada uma das relações (homens e mulheres) seria uma forma de vivenciar uma experiência de alteridade.

Entrevista 4

Daniel: amizade como reciprocidade

Daniel tem 21 anos e está cursando o ensino superior. Mora sozinho, tendo vindo de outro estado para estudar em São Paulo. É solteiro e tem um irmão mais velho. Realiza estágios em sua área de formação. Fica apreensivo no início, por tratar-se de entrevista realizada por uma psicóloga. Não sabe quão profundas serão as perguntas. Parece relaxar ao longo da entrevista, passando a interagir de forma mais espontânea e livre com a pesquisadora. Demonstra muita sensibilidade e disposição para falar de suas experiências de amizade, referindo ter relações muito próximas com alguns amigos. Acredita que a amizade seja extremamente importante em sua vida.

Amizade e suas características

Daniel considera seus amigos irmãos. Para ele, “a amizade é muito próxima da irmandade.”

Seus grandes amigos são por ele chamados de brother, irmão. Percebemos, por essa definição, a importância da amizade em sua vida. Amigos são aqueles companheiros de vida, que estão sempre presentes, mesmo na distância, característica das relações fraternas.

Amizade, para ser definida assim, pressupõe uma confiança total no outro. Essa aparece como uma característica essencial para Daniel.

“Amigo é isso, alguém em quem você confia, assim, completamente.”

Confiança que subentende não apenas que o amigo será discreto e saberá manter em segredo aquilo que é compartilhado, como também a sensação de que o amigo saberá entender aquilo que lhe é contado e estará presente em horas de necessidade.

Além disso, amigos são importantes porque com eles é possível compartilhar de tudo, experiências ruins, mas também experiências boas.

“Saber que você pode dividir coisas ruins e coisas boas, que aquela pessoa vai estar lá pra te ajudar.”

Daniel associa a palavra amizade à descontração e as imagens que surgem em sua mente ao pensar na amizade são a de um bar ou uma festa: “pessoas conversando, dividindo coisas...”.

Dividir experiências, conversar sobre os mais variados assuntos de interesse é uma imagem forte para Daniel, que pode ser associada com o bar e a festa. Um ponto de encontro de pessoas que tem algo em comum, que compartilham interesses. O bar é um tradicional ponto de encontro masculino que, apesar de parecer um ambiente impessoal e que, portanto privilegia conversas mais superficiais (assim como a festa), pode também ser um importante local de desabafo. De fato, Daniel também associa à amizade uma imagem de conversa íntima entre dois amigos.

“Pode ser também dois amigos mais chegados, conversando, mais íntimo assim, contando coisas.”

Podemos pensar, pelas associações feitas por Daniel, que o grupo de amigos (como no bar ou na festa) propicia um ambiente de diversão e compartilhamento de interesses em comum, como o desenvolvimento de atividades que são do gosto de todos (beber, dançar, assistir a algum esporte). Em contrapartida, dois amigos juntos podem compartilhar coisas mais

profundas, desabafos e pedidos de conselho. Esse tipo diferenciado de conversa necessita de uma intimidade que talvez a presença de muitos amigos não possa oferecer.

Daniel acredita que existem diferentes graus de relações fraternas. Ele diferencia amizade de coleguismo, pessoas com quem se simpatiza e se tem interesses em comum (que podem ser estudos, trabalhos ou algum hobby). No entanto, a palavra amizade pressupõe uma relação muito mais íntima e profunda. Por isso mesmo, para ele o adjetivo “verdadeira” não é necessário, já que amizade é sempre uma relação verdadeira, que necessita, inclusive, de honestidade para existir.

“Mas eu acho até que amigo verdadeiro é uma redundância. Amigo é amigo porque é verdadeiro. Se não é, então é colega, companheiro de trabalho ou o que seja.”

Amizade para Daniel, em resumo, é uma experiência muito próxima da irmandade, que pressupõe honestidade, confiança, possibilidade de compartilhar experiências de toda sorte e descontração.

Experiências de amizade

Pelo fato de essas relações terem uma importância muito grande em sua vida, Daniel relata ter boas experiências nesse sentido.

Ele menciona ter três amigos “brother”, com quem pode compartilhar todos os aspectos de sua vida. Esses são amigos de longa data, que o acompanham há bastante tempo.

Esses amigos são pessoas com quem Daniel acredita poder compartilhar de tudo. É para eles que Daniel liga em caso de necessidade, quando precisa de ajuda para qualquer coisa, ou para contar novidades, sejam boas ou más.

Seus amigos são sentidos como parte integrante e indispensável de sua vida.

“Se acontecer alguma coisa, boa ou má, eu ligo pra eles, eu conto. A gente é assim.”

Dessa forma, os amigos se tornam companheiros de jornada, verdadeiras testemunhas de alegrias e tristezas passadas, presentes em todos os momentos.

Além da necessidade de dividir os acontecimentos da vida com alguém que o entende, compartilhar experiências com os amigos também tem caráter de afirmação, na medida em

que a opinião do amigo é buscada para confirmar uma atitude tomada, ou para ajudar a mudar o curso, quando necessário.

Apesar de terem outros relacionamentos (família, namoradas) que muitas vezes dividem seu tempo e sua energia, Daniel sente que passar tempo só com os amigos é algo imprescindível.

“Claro que às vezes fica difícil, por conta de namoradas e tal. Mas é importante passar um tempo junto, só a gente.”

O local do encontro também é importante, já que ele acredita ser diferente passar tempo com os amigos em casa, onde existem outras pessoas disputando seu tempo e atenção, ou no bar, local considerado propício para o encontro dos amigos, com seu ambiente descontraído.

É um momento em que os amigos podem concentrar-se apenas na relação, em que não há nada mais a pensar ou resolver. Relacionamentos outros, trabalho, estudos estão presentes apenas por vontade dos amigos, se forem esses os assuntos escolhidos para compartilhar.

Isto nos remete à imagens das sociedades secretas e confrarias que não deixam de ser fraternidades fundadas e frequentadas apenas por homens, um certo clube do bolinha, em que as mulheres podem estar presentes apenas no discurso. Esse momento apenas com os meninos é bastante importante para Daniel.

“E eu gosto de passar tempo com eles, de conversar, de trocar experiências.”

Daniel sente que pode contar com a ajuda e presença dos amigos em qualquer momento, mesmo que eles estejam longe por algum motivo. O telefone, muitas vezes, intermedia e possibilita o contato. Assuntos importantes e urgentes podem ser discutidos por telefone, enquanto um encontro ao vivo não é possível.

“Por exemplo, semana passada mesmo eu levei um fora e liguei pra um amigo pra contar.”

O importante é que os amigos não fiquem sem contato e possam conversar sobre acontecimentos importantes sempre que precisarem.

Nesse sentido, Daniel comenta que compartilha tudo com seus amigos porque conta com sua empatia e opinião. Compartilhar é uma atividade que tem, para ele, caráter de desabafo e também de aprendizado. Trocar experiências, ouvir a opinião do amigo, sentir-se compreendido e validado, são resultados do compartilhar.

“Quando quero saber se o que eu fiz está certo, a opinião do cara sobre algo que eu quero fazer ou o que eu fiz, eu ligo pra eles. Tem muita experiência mesmo, essa coisa de poder contar com o outro, contar pro outro o que você tá passando. Como a coisa do fora que eu levei. Eu conto pra eles.”

Em alguns momentos, porém, Daniel prefere pensar a respeito de algo antes de contar aos amigos. Quando ainda não tem certeza de como se sente em relação a algum acontecimento, por exemplo. É um tempo de elaboração necessário antes de compartilhar. Mas nem por isso Daniel deixa de contar aos amigos, assim que se sentir preparado.

Este pode ser um mecanismo de preservação. O compartilhar deve acontecer de qualquer forma, mas no ritmo e com regras estabelecidas por ele. Não falar algo antes de estar pronto para tal é uma regra de Daniel.

A honestidade também é importante, na medida em que se diz e se ouve sempre a verdade. A amizade é sentida como uma relação na qual é possível ser autêntico sem medo de não ser compreendido, e pressupõe que haja abertura para dizer aquilo que se sente e apontar faltas. Em suas relações, Daniel sente que pode ser honesto e vê o mesmo comportamento por parte dos amigos.

Daniel espera reciprocidade de seus amigos. Este conceito é por ele definido como dar e receber na mesma medida. Segundo ele, não é fazer algo esperando retorno, mas saber que será retribuído quando precisar. Ou seja, Daniel espera que os amigos estejam a seu lado da mesma forma que acredita estar do lado deles nas horas de dificuldade.

“Não é que tem que pagar aquilo que eu fiz. É quando precisar. Se eu fiz algo por você, quando eu precisar eu espero que você retribua na mesma moeda. Acho que reciprocidade é importante.”

Reciprocidade é sentida como equidade, dar e receber na mesma medida. Essa é uma característica da relação de amizade, diferente do amoroso romântico. Neste último, é possível e até esperado dar mais do que receber, como muitas clássicos da literatura confirmam. Na amizade, porém, espera-se igualdade, característica de relacionamentos fraternos.

Apesar de considerá-la importante, Daniel acredita que reciprocidade perfeita não existe em nenhum relacionamento. Muitas vezes, segundo ele, os amigos não fazem aquilo que se espera. Porém, para ele, basta saber que o amigo fez aquilo que pode dentro de suas possibilidades no momento.

“Porque cada um tem um limite e se o cara fez o que ele podia dentro dos limites dele, isso também é importante. Você leva em consideração.”

Respeitar o limite do outro é entender que este não é uma continuação de si, alguém que existe apenas para satisfazer nossas expectativas. É compreender que cada um dá o que tem. É enxergar a situação pelo ponto de vista do outro, de suas possibilidades e limitações, e não apenas do ponto de vista próprio, das necessidades que precisam ser preenchidas.

Porém, alguns amigos fazem muito mais do que o esperado. Eles surpreendem por sua capacidade de atender às expectativas de Daniel de forma impensada.

“Quer dizer, tem amigos que não fazem o que você espera, fazem muito mais. Eles superam as expectativas de um jeito que você não imaginou. Então é muito mais do que você queria, do que você fez até.”

Essa condição de “fazer mais do que você fez” é importante de ser analisada. Daniel espera que os amigos retribuam suas ações na mesma medida, o que pode ir contra os ideais ocidentais do amor cristão, que é incondicional. No entanto, esta frase demonstra que existe um esforço, um estar ao lado do amigo sem pensar nas repercussões e em lucros futuros. Como Daniel mesmo pontuou, ele não espera um pagamento na mesma moeda daquilo que foi feito por ele, mas que seus amigos possam estar ao seu lado, dentro de seus limites e de suas possibilidades. E, dependendo do amigo, esses limites podem ser muito mais amplos do que os seus próprios. O importante é saber que o amigo se importa, que está ao seu lado seja de que forma for. O investimento feito por ele na relação precisa ser recíproco.

Amizade masculina

A imagem suscitada em Daniel do encontro de dois amigos é a seguinte: amigos que se conhecem há bastante tempo, encontram-se em um bar. Estão felizes por estarem ali reunidos e o clima entre eles é de desabafo, gerado pelo término do namoro de um deles, que pede conselho aos outros. Conversam sobre a vida, falam de um amigo não presente e sobre mulheres. Compartilham experiências. Um tira sarro do outro, fazem brincadeiras para descontrair, em um clima de camaradagem.

Esta imagem traz vários símbolos preciosos. O fato de um dos amigos ter terminado um namoro mostra que Daniel descreveu um encontro real entre ele e seus amigos, pois passou por esta situação há pouco tempo. Se, por um lado, ele demonstra que está implicado no

exercício, que se coloca honestamente na entrevista, por outro, evidencia que este é um assunto ainda delicado para ele. A ajuda dos amigos é, nesse momento fundamental. O clima de desabafo da conversa demonstra que o bar pode ser um local de troca de intimidades, ao mesmo tempo em que promove a descontração e camaradagem descritas por Daniel. É possível a alternância entre desabafo e intimidade, descontração e alegria, sem que isso pareça artificial ou uma defesa. A imagem descrita por Daniel demonstra tudo o que ele espera de uma amizade masculina e tudo aquilo que ele encontra em seus amigos: diversão, compreensão e o compartilhar de experiências.

Daniel acredita que, em uma amizade entre homens, as afinidades são um ponto facilitador importante. Dividir atividades e interesses em comum promove a boa interação entre os amigos.

A empatia que existe entre os amigos também é sentida como algo que facilita o relacionamento. Saber como o outro está se sentindo e poder colocar-se em seu lugar pode trazer grandes ganhos, na medida em que se pode saber de antemão o que dizer e quando. Isso evita brigas e rugas desnecessárias.

Porém, quando as brigas acontecem, Daniel acredita que o orgulho masculino seja o principal entrave que se estabelece na relação. Mesmo querendo fazer as pazes, o orgulho e a dificuldade em “dar o braço a torcer” podem ocasionar até um rompimento.

“Acho que o orgulho é ruim, porque você poderia continuar a amizade, mas acaba porque o orgulho do outro acabou sendo ferido.”

A honestidade faz o papel duplo de facilitadora e vilã. Facilita na medida em que é possível colocar-se autenticamente na relação e dificulta se for exagerada, não levando em conta o tempo e os limites do amigo. Falar algo que o outro ainda não está pronto para ouvir pode gerar descontentamento e, devido ao orgulho ferido, rompimento.

Outras relações concorrentes também podem dificultar o andamento de uma amizade masculina. Principalmente namoradas e esposas são vistas como pessoas que concorrem com os amigos em atenção e tempo. Amigos podem se afastar por passarem muito mais tempo com as namoradas do que com os companheiros.

“Por exemplo, de namorada, noiva e mulher. Porque você passa menos tempo com o cara, tem que dividir.”

Para Daniel, as amizades masculinas possuem menos competitividade do que as femininas. As mulheres, segundo Daniel, competem muito mais e se deixam afetar exageradamente por coisas que, para os homens, não teriam tanta importância.

Essa emocionalidade exagerada aliada à competitividade, tornam as amizades femininas mais vulneráveis, segundo Daniel.

“Eu vejo que tem essa competição. E elas levam tudo muito a sério. Quer dizer, qualquer coisa abala muito elas. Os homens não.”

Ele sente que entre amigos homens não há essa competitividade, mas admite que ela exista entre colegas. Essa competição gira em torno da necessidade de não se sentir inferior, de estar sempre senão na frente, pelo menos lado a lado com outros homens. Essa parece ser uma necessidade masculina de afirmação da própria identidade e do próprio valor.

No entanto, se as mulheres brigam mais facilmente elas também têm, na visão de Daniel, maior capacidade de recuperação. A amizade feminina está mais sujeita a altos e baixos, mas não termina tão facilmente como a amizade masculina.

“Dois homens demoram pra brigar, mas quando brigam, é muito pior pra amizade. As mulheres se recuperam mais fácil, mas também se deixam afetar mais. E tem a competitividade.”

O orgulho é, mais uma vez, o vilão da amizade masculina. Uma vez estabelecido o desentendimento, é mais difícil para os amigos reatarem.

A amizade masculina é, para Daniel, essencial na vida de qualquer homem. E isto se deve ao fato de que os homens compartilham entre si algo muito particular da experiência masculina que não pode ser compreendida nem preenchida por nenhuma mulher.

Existem, segundo ele, experiências inerentes ao universo masculino que as mulheres não conseguem alcançar, porque são experiências pertencentes a algo totalmente diverso de si, ao completamente outro da contrassexualidade. Mesmo experienciando seu masculino interno (animus) este será sempre o masculino na mulher e não a forma como o homem vive o masculino.

Na medida em que outros homens fazem esse papel de espelho e afirmação da identidade masculina, as amizades entre homens são essenciais.

“Porque mesmo se o cara tiver um pensamento muito diferente de você, se ele não gostar das mesmas coisas, ainda assim é mais fácil de eu me colocar no lugar dele porque ele é homem.”

É, acima de tudo, a capacidade de entender o outro pela mesma perspectiva, que é preciosa nessas relações.

“Não ter essa pessoa pra te entender faz muita falta.”

A amizade masculina, então, tem peculiaridades que lhe são inerentes e não podem ser substituídas sem prejuízo para o indivíduo.

Comentários

Para Daniel, a amizade é uma relação muito próxima da irmandade. É uma relação com alguém em quem se confia incondicionalmente e com quem se pode contar a qualquer momento. Descontração, camaradagem, afinidades, honestidade e reciprocidade são características inerentes a essas relações.

As amizades masculinas, em sua visão, diferem das femininas na medida em que são menos competitivas. Porém, são mais facilmente prejudicadas quando há um desentendimento e isso se deve ao orgulho masculino.

Outras relações que competem com a amizade podem também dificultar a sua permanência.

No entanto, afinidades e sintonia são pontos facilitadores para o estabelecimento e para a permanência dessas relações.

Daniel espera reciprocidade de suas relações, receber o mesmo que dá, sentir que existe o mesmo investimento por parte do amigo. Ele acredita que reciprocidade perfeita não existe, mas suas relações chegam perto disto. Ele encontra em seus amigos um entendimento e uma compreensão que não é possível em nenhuma outra relação e este é o motivo pelo qual preza tanto suas amizades com outros homens.

Daniel parece ter uma visão mais realista do feminino, não tão polarizada. É capaz de perceber a luz e a sombra dos dois tipos de relação, tanto femininas quanto masculinas.

Parece encontrar uma boa correspondência em suas amigos para suas necessidades afetivas e relacionais. O amigo aparece como irmão de alma, alguém que é a experiência de alteridade refletida.

Consegue diferenciar a sombra da relação feminina (falsidade) e a sombra da relação masculina (orgulho), ao mesmo tempo em que percebe a importância crucial das relações masculinas como fonte de identificação e diferenciação, como únicas relações capazes de proporcionar espelhamento.

Entrevista 5

Eduardo: amizade desinteressada

Eduardo tem 29 anos. Concluiu o ensino superior, e está atuando no funcionalismo público em sua área de formação. É o primogênito da família, tendo um irmão mais novo. Namora há quatro anos e tem uma filha de um ano e meio. Demonstra grande facilidade e desembaraço em falar sobre suas experiências de amizade. Refere possuir muitos amigos e considerá-los muito importantes em sua vida, a ponto de não conseguir imaginar-se sem eles. Brinca bastante durante toda a entrevista, mostrando-se à vontade para falar sobre suas experiências.

Amizade e suas características

Para Eduardo, a principal característica da amizade é a reciprocidade.

“Amizade é uma coisa que tem que partir de duas ou mais pessoas, não adianta partir de uma.”

Ele acredita que, quando é unilateral, a relação não pode ser chamada de amizade porque se configura uma relação de interesse, que difere completamente da amizade verdadeira. Esta última, inclusive, é definida por ele como uma amizade desinteressada.

Os sentimentos que ele associa à palavra amizade são: lealdade, fidelidade e companheirismo. Estas são características também prezadas em um relacionamento amoroso, demonstrando que a amizade tem muito em comum com o amor romântico e o que se espera desses dois tipos de relacionamento tem muitos paralelos. A diferença, muitas vezes, reside na obrigatoriedade de reciprocidade na amizade.

A amizade, segundo Eduardo, é um relacionamento que cresce através dos anos. A amizade verdadeira necessita de um tempo para ser estabelecida, já que, a confiança, necessária em qualquer relacionamento de amizade, não é conseguida da noite para o dia.

Por outro lado, é possível empatizar com alguém imediatamente.

“Sim, a amizade cresce, mas existe também ‘amor à primeira vista’ na amizade, tem pessoas com que você já bate logo de cara.”

Esse “bater logo de cara” significa estabelecer uma relação de empatia fundada no reconhecimento de qualidades no outro, qualidades que se preza. Essa ideia inicial, contudo, pode ser enganosa. Ela pode, inclusive, ter caráter projetivo e não corresponder à realidade da pessoa. E, quando isso acontece, há um desapontamento com a amizade, já que esta não correspondeu às expectativas iniciais.

Eduardo é enfático, porém, em diferenciar a decepção causada pela pessoa do desapontamento com a relação de amizade. Pessoas nos decepcionam sempre, diz ele, e isso faz parte da convivência. No entanto, decepcionar-se com a amizade implica no reconhecimento de que, apesar do “apaixonamento” inicial, aquela relação não contém as características imprescindíveis a uma amizade verdadeira.

Uma vez estabelecida que a amizade é verdadeira, a tendência natural é que a relação cresça com o tempo.

“A tendência é, se você é amigo mesmo, melhorar.”

A aproximação com o outro geralmente é iniciada por interesses em comum, afinidades. Nesse estágio, a relação estabelecida é a de coleguismo. Com o tempo e a convivência, essa relação pode crescer para a amizade.

“Então, às vezes é seu colega de serviço, você se identifica e se dá bem com ele e tal, aos poucos pode virar uma amizade, mas não é muito tempo também não. ‘Ah, 20 anos, aí vira uma amizade’. Não é isso, mas é um certo tempo, alguns meses, seriam alguns meses e aí você acaba pegando certa amizade.”

Eduardo sente que a honestidade é uma premissa da amizade. Amigo verdadeiro é honesto com o outro, mesmo que falar a verdade possa decepcioná-lo. Esta decepção não é, contudo, suficiente para abalar a amizade, já que foi estabelecido entre os amigos que diriam sempre a verdade um ao outro.

Decepções podem, inclusive, fortalecer uma relação, na medida em que se entra em contato com o outro de forma verdadeira, com suas qualidades e defeitos. Além disso, é possível adquirir certa humildade ao conversar sobre algo que desagradou a um dos lados. Erros

reconhecidos, perdão pedido, é um momento de crescimento para a relação e para as duas pessoas envolvidas.

Para evitar brigas desnecessárias, Eduardo acredita que os amigos precisam ter certa sensibilidade para dosar aquilo que é dito. Ser honesto não significa desrespeitar o tempo e os limites do outro. É preciso “saber dosar” (sic) aquilo que se diz, como e quando.

Eduardo entende que a amizade vai além do convívio. Apesar de a convivência diária ser um fator de fortalecimento da amizade, pois possibilita maior participação na vida do outro, quando ela é verdadeira a distância não atrapalha. Pode existir certo receio de que o amigo tenha mudado durante o tempo que passaram separados. Porém, Eduardo acredita que, normalmente, apesar das mudanças, a amizade permanece. E isto é percebido pelos atos do amigo.

“Mas você se sente amigo da pessoa ainda, você fala: ‘é meu amigo.’ Aí depois você vê se é seu amigo mesmo, se continua sendo ou não. Mas normalmente é, sim.”

Amizade, para Eduardo, então, é uma relação de reciprocidade que cresce com o tempo, pressupõe fidelidade, lealdade e companheirismo e vai além do convívio, podendo continuar existindo mesmo à distância.

Experiências de amizade

Eduardo refere ter ótimas experiências de amizade. Sua personalidade extrovertida é a grande responsável por sua tendência a fazer amizade facilmente e colecionar amigos em todos os lugares que frequenta.

Ele acredita que é imprescindível ter amizades para compartilhar experiências e receber apoio. Sua política é de ter amigos em todos os lugares, mantendo os antigos e sempre somando novos amigos às suas redes sociais.

Eduardo relata nunca ter brigado com um amigo, justamente por sua sensibilidade em entender o momento do amigo para não magoá-lo.

É enfático ao dizer que, com amigos, é necessário compartilhar de tudo. Se não há confiança para compartilhar tanto os melhores momentos e as piores frustrações, não é possível chamar essa pessoa de amigo.

Dessa forma, Eduardo compartilha todas as suas experiências de vida, sejam boas ou más.

“Com amigo você tem que compartilhar tudo, até suas piores frustrações, até uma broxada, uma burrada que você fez, você tem que compartilhar. Se você não se sente à vontade pra compartilhar tais coisas, você não é amigo da pessoa e ela não é sua amiga.”

Esse compartilhar tem mais uma função de desabafo, quando se espera que o amigo possa compreender a situação pela qual se está passando e oferecer apoio e conselhos.

É preciso, para que o compartilhar aconteça, que exista segurança na capacidade de empatia e discrição do amigo, além da espontaneidade de contar o que se precisa, sem haver regras estabelecidas sobre como esse compartilhar deve manifestar-se.

Para tornar-se amigo de alguém, é preciso que haja alguma afinidade, interesses em comum. Pode ser algo de que ambos gostem, ou até um local de convivência partilhada, como a faculdade ou o trabalho. É necessário que haja correspondência de personalidade, encontrar no outro algo com o que se identificar.

“Daqueles 35, você começa a ver quem tem a ver com você e já começa a seleção naturalmente.”

“...você acaba indo trabalhar com a pessoa e começa a se identificar, a pegar amizade. Quando você vê, você já está amiga da pessoa e é do nada mesmo.”

Quando refere que tem amizades que começaram “do nada”, Eduardo parece não perceber que existe um processo na forma como a amizade é estabelecida. Não é qualquer um que pode tornar-se seu amigo. Existe, como em um ambiente de trabalho ou em uma relação amorosa, uma seleção pela qual cada candidato a amigo deve passar. É necessário uma primeira identificação, seja por afinidades ou pela personalidade da pessoa. É necessário que haja convivência, durante a qual um maior conhecimento do outro vai sendo estabelecido. E, obviamente, é preciso reciprocidade. O outro também tem que estar interessado em estabelecer uma relação de amizade com ele. Sem esses fatores, pode haver identificação inicial, mas não passará disso.

É imprescindível que exista algo em comum para que possa se estabelecer uma aproximação inicial, mas não é preciso, nem recomendável, que haja uma correspondência total de gostos e opiniões. A diversidade de interesses, valores e pensamentos é, inclusive, uma forma de enriquecer a relação e proporciona aprendizado aos amigos, se estes souberem respeitar as diferenças.

“Tem que ter alguma coisa a ver, nada a ver não tem como. Mas não tudo também, né?”

O entrevistado diz ter perdido alguns amigos devido a mudanças de vida. As pessoas crescem e, na medida em que isso acontece, podem crescer para lados opostos e acabar se separando. O modo de vida de nossa sociedade, com seus inúmeros compromissos, contribui bastante para o afastamento dos amigos. Ele encara essa situação de forma natural. Acredita que exista um ciclo pelo qual todo relacionamento passa e, em alguns deles, o ciclo acaba com o distanciamento. Isso não invalida a importância que o amigo teve em determinado momento de vida.

“Às vezes, o seu amigo mora muito longe e é muito complicado, a dinâmica de vida dele é muito agitada e a sua também, lados opostos, acaba perdendo a amizade. Aí muda de número de telefone, muda de casa, e você nunca mais vê o cara e acaba a amizade. Mas, não porque vocês quiseram acabar com a amizade, foi se dissolvendo no tempo. Isso acontece muito, é normal.”

Eduardo refere não esperar nada de suas amizades. Acredita que esperar algo gera frustrações, na medida em que a outra pessoa nunca conseguirá atender às expectativas nela depositadas. Além disso, pensa que ter expectativas em relação ao outro contraria o conceito de amizade desinteressada, que é inerente a uma relação de amizade verdadeira.

“Eu não espero nada. Não tem o que esperar, eu espero que seja meu amigo, já basta. Sem interesse.”

Ele espera que suas amizades sejam verdadeiras, na medida em que o amigo não aja de forma interesseira ou oportunista. Ele oferece uma amizade desinteressada ao outro e espera o mesmo em retorno.

Amizade masculina

A cena que Eduardo imaginou do encontro de dois amigos é a seguinte: ambos passeiam no shopping com suas respectivas famílias. Quando se encontram, aproximam-se e se abraçam, conversando sobre assuntos em comum. O tom da conversa varia dependendo de estarem sozinhos no momento ou com a família.

Esta imagem revela que o encontro dos amigos acontece em um lugar inesperado. É um encontro espontâneo, não planejado mas que também não possibilita momentos de intimidade, já que os amigos não encontram-se sozinhos. Percebemos que a família tem papel

importante nesse cenário, um papel de tolher a espontaneidade entre os amigos. Aqui, existe uma oposição entre duas personas diferentes, aquela usada no seio da família e outra de socialização entre os amigos.

Apesar de haver uma aproximação e uma troca de afeto, os amigos parecem sentir-se tolhidos em sua espontaneidade pela presença das famílias de ambos.

Sua situação atual, que compreende um relacionamento estável e uma filha, parecem constituir esse cenário. É inevitável que outras relações compitam com a amizade na vida de um homem, especialmente quando há filhos envolvidos.

Parece existir, no entanto, a intenção de que haja uma interação verdadeira, mais próxima, mas que será possível apenas longe da família.

Este é, inclusive, um ponto de dificuldade sentido por Eduardo em relação às amizades masculinas. A família, tanto a de origem como a nova família formada por mulher e filhos, pode ser um entrave para a relação. A falta de correspondência entre a mulher, noiva ou namorada com os amigos do companheiro podem dificultar o encontro entre os amigos.

“Então dependendo da sua mulher, se ela não se dá bem com a turma, ela acaba te afastando dos amigos.”

Segundo Eduardo, os assuntos são diferentes na presença só dos amigos. Existe um assunto que é exclusivo da interação entre homens: mulheres. Quando estão sozinhos, os amigos sentem-se à vontade para conversar sobre mulheres, o que não acontece se existe outra pessoa por perto. O que é dito nessas conversas?

“Eu acho que é o único assunto que você conversa com amigo fora da presença de familiares. É mais no sentido besta da coisa mesmo, de falar besteira. Só isso, o resto dá pra socializar.”

“Falar besteira” parece referir-se a toda sorte de coisas, desde interesse em alguma mulher até coisas que poderiam ofender as namoradas. Conversar sobre mulheres parece ser uma importante forma de socialização masculina, que não ocorre na presença de outras pessoas.

Porém, existem coisas que, em sua opinião, é melhor conversar com as mulheres. Assuntos relativos a relacionamento, por exemplo, Eduardo prefere conversar com as amigas, pois elas oferecem uma visão completamente diferente da sua, a opinião feminina sobre o assunto. Apesar de sentir que alguns assuntos são possíveis de conversar somente com os amigos, existem coisas que podem ser interessantes se analisadas de um ponto de vista completamente

diverso, o da contrassexualidade, que os homens nunca conseguirão viver da mesma forma que as mulheres.

Eduardo parece ter uma maior aproximação com o feminino, na medida em que reconhece a importância do relacionamento com as mulheres e a visão única que elas têm da vida e dos relacionamentos. Não invalida a necessidade do relacionamento com outros homens, mas percebe que cada sexo tem experiências particulares a serem compartilhadas e é capaz de reconhecer o momento de buscar esse compartilhamento.

A falta de confiança suscitada por uma situação de traição na amizade também pode ocasionar uma dissolução do relacionamento, assim como mudanças drásticas de vida.

Não há espaço na amizade para traição e interesses escusos, já que a honestidade é imprescindível. Eduardo sente que, entre homens, pode muitas vezes existir uma união baseada em interesses que não sejam a amizade em si. Para ele, isso ocasiona dificuldades para o estabelecimento de uma amizade verdadeira.

No entanto, os homens, segundo ele, tem mais espaços de socialização (bar, galera do futebol, cerveja, amigos da praia). Isso facilita bastante o estabelecimento de amizades, já que se parte de uma atividade ou interesse em comum com os amigos.

“Então o que facilita são os locais onde se agrupam, isso facilita.”

Eduardo tem uma visão menos polarizada do masculino e do feminino, na medida em que consegue enxergar luz e sombra em ambos. Em sua fala, percebemos características que ele acredita serem peculiaridades de cada um dos sexos, mas sem valorizar um em detrimento do outro. Em sua visão, apesar das distinções próprias de cada relação, homens e mulheres são igualmente capazes de estabelecer amizades verdadeiras.

Essa visão está mais próxima de uma consciência de alteridade, que reconhece os opostos e os integra.

Sua relação com a alma parece ser, em razão disso, mais desenvolvida.

O período escolar é sentido por Eduardo como momento excelente para o estabelecimento de amizades masculinas fortes, já que os meninos encontram-se na mesma faixa etária, vivendo o mesmo período do ciclo vital e compartilham interesses e frustrações.

“Então é mais fácil você pegar um vínculo de amizade. Depois que você se forma e começa a trabalhar vai ficando mais difícil, aí você casa e tem obrigações familiares e aí começa a dificultar mais.”

A família, mais uma vez, é sentida como um fator dificultador para a manutenção dos vínculos de amizade. À medida que amadurecem, existem outras responsabilidades que passam a competir com o tempo e a energia dispensadas aos amigos. Trabalho, mulher e filhos tornam mais difícil o encontro com os amigos.

Para Eduardo, desde que seja verdadeira, não há diferenças entre amizade masculina e feminina. Ele acredita, porém, que os homens tenham mais facilidade em estabelecer amizades verdadeiras. Isso se deve, em sua opinião, à falta de confiança existente entre as mulheres.

É mais difícil para as mulheres confiarem uma na outra porque, segundo Eduardo, elas são mais sensíveis, mais intuitivas, e percebem na outra entraves que os homens não perceberiam.

Por essa razão, ele acredita que os homens tornam-se amigos mais facilmente, enquanto as mulheres precisam de um tempo maior de conhecimento da outra para sentirem confiança o suficiente para estabelecer uma relação de amizade.

“O homem já é mais grotesco, então acaba ficando mais à vontade e não fica tão preocupado com as outras coisas, não fica preocupado com a parte subjetiva da coisa. Agora, a mulher já fica muito preocupada com isso.”

Porém, a partir do momento em que uma amizade verdadeira é estabelecida, Eduardo não vê diferenças entre homens e mulheres.

“... se é amigo é amigo, não importa se é mulher ou se é homem, é ser humano.”

Eduardo não consegue imaginar sua vida sem seus amigos homens. Para ele, é natural e essencial ter essas relações. A vida sem amigos não seria a mesma. O importante, porém, é sempre ter amigos com quem contar. Se perder seus amigos antigos, ele fará outros. Tudo está bem desde que tenha amigos para compartilhar a vida.

Comentários

Eduardo acredita que a reciprocidade seja imprescindível para o estabelecimento de uma amizade. Essas relações crescem com o tempo, mesmo que exista identificação quase

imediate com alguém. É com o tempo que se conhece o outro verdadeiramente, e as afinidades vão ficando mais aparentes. Qualquer relação de amizade pressupõe que haja fidelidade, lealdade e companheirismo, assim como confiança e apoio.

O entrevistado refere ter ótimas relações de amizade. Com seus amigos, Eduardo compartilha de tudo, até frustrações e situações embaraçosas. Essa confiança e espontaneidade em compartilhar é uma prerrogativa da amizade verdadeira, amizade sem interesse.

A falta de convivência pode atrapalhar, mas por si só não é responsável pelo término da amizade. Amizade verdadeira vai além da convivência.

Outras responsabilidades e relações, como família e trabalho, podem concorrer com a amizade e dificultar sua continuidade. Porém, homens têm mais pontos de encontro, o que facilita o estabelecimento de novas relações e o estreitamento das antigas.

Eduardo refere esperar que seus amigos continuem sendo amigos desinteressados, com quem pode contar quando necessitar.

Percebe mais claramente os opostos, de forma menos polarizada. Reconhece as peculiaridades de cada tipo de relação e parece apresentar uma relação com o feminino e o masculino mais madura.

DISCUSSÃO

Nas próximas páginas, faremos uma discussão das entrevistas analisadas a fim de tentar configurar qual é o papel das amizades masculinas na vida dos homens entrevistados, tendo em foco que este é o objetivo principal desta pesquisa.

A primeira questão feita aos homens entrevistados foi: “Qual é o significado da amizade para você?”

Por parecer ampla demais ou profunda demais, a pergunta assustou quase todos os entrevistados em um primeiro momento. Pareceu-nos que eles nunca haviam refletido sobre o significado da amizade em suas vidas. Porém, esse estranhamento foi passageiro. Após refletir um pouco, todos foram perfeitamente capazes de fornecer uma resposta a essa pergunta, de acordo com suas vivências.

O que pudemos captar das entrevistas realizadas é que a amizade aparece como forma de relacionamento especial e muito valorizado. Dentro desse contexto, todos os participantes, sem exceção, diferenciam essa relação em graus. Colegas, conhecidos, amigos são diferentes de amigos verdadeiros, brother, irmão. Esses últimos possuem as características que serão apresentadas a seguir.

A amizade é percebida como “fim em si mesma” (Augusto), relacionamento que não precisa de segundas intenções para existir. A própria relação é o que é buscado e valorizado, não entrando aqui outros interesses que não desfrutar da companhia do amigo. Interesses outros, aliás, são considerados por todos os participantes fator contrário ao estabelecimento desse tipo de relação. Do amigo só se deve esperar amizade, nada mais.

A imagem do irmão aparece em três participantes (Augusto, Caio e Daniel). Esse fato sugere que a experiência de amizade está inserida no âmbito do arquétipo fraterno, que inclui todas as relações de simetria e relaciona a figura do amigo à do irmão, por terem funções similares. A experiência de simetria é necessária à alma e é vivida não apenas com os irmãos de sangue, mas também com os irmãos escolhidos, os amigos, os irmãos de alma como cita Barcellos (2009). Apesar de terem funções semelhantes (papel de espelho, desenvolvimento de habilidades tais como cooperação, simetria, empatia, entre outras), devemos notar que a amizade difere da irmandade justamente pelo caráter seletivo e não imposto daquela. O amigo é um irmão escolhido, alguém com quem não se partilha uma história familiar e com o qual não existe obrigatoriedade de vínculo. A amizade passa a ser, assim, um relacionamento

completamente voluntário, que se mantém apenas pelo prazer e pelo bem-estar que o outro proporciona. Este vínculo pode ser quebrado, diferentemente do que acontece com o vínculo fraterno. Por esse motivo, podemos pensar que a amizade é uma relação que demanda mais investimento para ser mantida do que a relação de irmãos.

O amigo é entendido como esse irmão que nasceu de outra mãe, um irmão de alma com quem existe forte identificação. Não por acaso, todos os participantes acreditam que as afinidades sejam imprescindíveis para o estabelecimento de uma relação de amizade. Não é necessário que o outro seja completamente igual em seus desejos e interesses, pois isso seria inviável, como cita Eduardo. Mas algum tipo de afinidade entre os amigos é essencial. Sem esse ponto de partida em comum, dificilmente existe uma aproximação.

O irmão de alma, o duplo, que aparece no mito mesopotâmico nas figuras de Gilgamesh e Enkidu, é o outro significativo que abarca projeções de sombra e também de anima. O duplo não apenas reflete aquilo que se é, mas também aquilo que não se quer ser (sombra), e aquilo que é possível vir a ser. A experiência de duplicidade, segundo Barcellos (2009) é uma experiência de conscientização de opostos e integração dos mesmos, própria da vivência de alteridade.

O irmão de alma, o duplo, o amigo tem a função de delimitar território, na medida em que fornece a possibilidade de reconhecimento dos contornos e os limites do eu.

Daniel acredita que amigo é aquela pessoa em quem se confia completamente. Realmente, confiança parece ser uma característica essencial da amizade para todos os participantes. Sem exceção, todos citaram confiança como importante na amizade. Confiança adquire-se com o tempo de convivência, pois é ao longo do caminho que é possível conhecer o outro mais profundamente. Esse conhecimento deve ir além do superficial, além da persona. É preciso entrar em contato com uma dimensão mais profunda do indivíduo para que seja realmente possível conhecê-lo e, por conseguinte, confiar nele.

Confiança pode ter diferentes conotações. Para Augusto, confiança pressupõe saber que se pode contar com o amigo para realizar tarefas árduas ou chatas que não se quer fazer sozinho. É saber que pode contar com a ajuda do amigo em horas de necessidade. Esse também é o conceito de Bruno. No entanto, para Caio, Daniel e Eduardo, confiança significa poder compartilhar experiências boas e ruins com o amigo, sem medo de ser julgado.

Dessa forma, percebemos que confiança é um conceito que engloba ter certeza de que o amigo estará presente em horas de necessidade e saberá entendê-lo e apoiá-lo não importa o que aconteça (“No matter what”, segundo Augusto).

Para Eduardo, a amizade cresce ao longo dos anos, na medida em que é necessário certo tempo de convivência para realmente conhecer o outro e estabelecer um vínculo de confiança. Porém, pode existir um “amor à primeira vista” com o amigo, que é caracterizado por empatia mútua. Empatia é, tanto para Eduardo, como para Augusto e Caio, característica importante da amizade e pressupõe entender o outro, o momento do outro e saber agir de acordo. Empatizar também pode sugerir colocar-se no lugar do outro de forma a não exigir dele mais do que ele pode dar. Essa característica está diretamente relacionada com o respeito que os participantes sentem como necessidade em qualquer relação.

A empatia é também definida por Caio e Daniel como sintonia, e por Eduardo como sensibilidade. Esta pressupõe uma conexão mais profunda com o amigo, a ponto de adivinhar o que este está pensando ou sentindo e ser capaz de agir de acordo. Entender a situação em que o amigo se encontra e ser capaz de oferecer apoio, ajuda e compreensão. Essa característica aparece de forma tão contundente, que Caio chega a sentir suas amizades como pertencentes ao reino do sagrado.

Outra característica primordial da amizade relatada por todos é a honestidade. É preciso ser honesto com o amigo, não só naquilo que se diz, mas também naquilo que se espera.

Bruno, apesar de considerar essa característica importante, acredita que não exista honestidade nas relações masculinas de amizade. Este participante difere sensivelmente dos outros em suas percepções sobre a amizade masculina. Bruno sente que a amizade entre homens carece de características importantes como honestidade, proximidade e intimidade. Ele é o único participante que relata ter experiências de amizade que ficam aquém daquilo que considera ideal. Em Bruno, percebemos uma distância entre o vivido e o idealizado, de forma que as vivências de amizade tornam-se verdadeira ferida.

Essa ferida parece estar relacionada também com a forma como a relação com o masculino é vivenciada. Bruno parece encarar o masculino como desvalorizador de sua autenticidade. Eduardo e Daniel parecem ter uma relação mais equilibrada com esse princípio, enquanto Augusto e Caio parecem vivê-lo de forma mais idealizada e contraposta ao feminino.

A amizade verdadeira prospera nos momentos de dificuldade, porque é nessas ocasiões que o joio é separado do trigo, e os verdadeiros amigos, aqueles que se mostram desinteressados e incondicionais, podem ser reconhecidos. Todos os entrevistados acreditam que os momentos de dificuldades podem estreitar uma amizade.

Incondicionalidade é uma palavra chave. Amizade incondicional não depende das circunstâncias e continua a mesma, não importa quantas mudanças sofram os amigos ao longo da vida. Esse vínculo permanece mesmo na distância e foi muito comum os participantes relatarem que, mesmo distantes por um bom tempo, o reencontro com o amigo prova que a amizade permaneceu.

De modo geral, os participantes levantaram as seguintes características que julgam ser necessárias a uma relação de amizade: afinidades, confiança, empatia, honestidade, reciprocidade.

Esta última é sentida como primordial. Não pode haver amizade unilateral, como a própria definição da palavra preconiza. A reciprocidade é muitas vezes entendida pelos participantes como equidade. Para Daniel e Bruno, reciprocidade significa dar e receber na mesma medida. Para Eduardo, no entanto, o conceito de reciprocidade aproxima-se mais da definição de correspondência. Eduardo pensa a amizade como vínculo que necessita do outro para existir. Não é possível ter amizade sozinho. O outro precisa estar igualmente envolvido na relação.

A diferença entre as duas definições traz nuances de como a amizade é vivida por esses participantes. Para Eduardo, é imprescindível que o amigo o considere da mesma forma. Para Daniel e Bruno, o amigo deve corresponder à amizade não apenas na importância desta em sua vida, mas também por meio de ações que justifiquem essa importância. Assim, esperam receber na mesma medida em que entregam e isso pode acarretar alguns problemas. Daniel admite que não existe correspondência perfeita entre dar e receber. Nem sempre recebemos na mesma medida, embora muitas vezes o amigo supere a expectativa inicial e acabe dando muito mais do que foi ofertado na relação. Quando o amigo decepciona por não atender às expectativas, Daniel acredita que é preciso enxergar os limites do outro, para não pedir mais do que o outro pode dar.

Essa também é a visão de Caio e demonstra um verdadeiro respeito pelo outro enquanto alteridade, não tentando encaixá-lo em um papel predefinido de satisfazer as próprias necessidades narcísicas.

Como em toda relação, existe sempre algo que se espera do outro, mas tanto Daniel quanto Caio sabem que as necessidades que temos nem sempre podem ser atendidas. Nas palavras de Caio, “as pessoas só dão aquilo que elas têm demais”. Esperar algo que o outro não tem para dar é enganar-se e enganar o amigo. Eduardo também vê o assunto dessa forma, na medida em que diz não esperar nada da relação a não ser amizade. A decepção, para ele, é inerente a qualquer relação, na medida em que nossas expectativas geralmente não podem ser satisfeitas pelo amigo. Contudo, o que está em jogo aqui são as necessidades narcísicas de preenchimento versus a alteridade, a realidade do outro. Esses participantes conseguem, cada um a sua maneira, entender essa diferença.

Bruno, no entanto, sente suas amizades como verdadeira ferida narcísica. Acredita sempre dar mais do que recebe e essa situação é vivida por ele com profunda tristeza. De todos os participantes desta pesquisa, Bruno é o único que relata não receber o que procura em suas amizades. Ele mesmo admite que espera demais, talvez porque faça demais também, e por fazer esperando retorno, acaba se ferindo. Para os outros participantes, uma das características mais prementes da amizade é a incondicionalidade da relação. Parece haver uma necessidade de apoio e cuidado que Bruno não consegue encontrar em suas amizades.

A descontração também foi referida pela maioria dos participantes como característica inerente a uma boa amizade. Essa descontração é entendida como a possibilidade de “quebrar paradigmas” (Caio), como informalidade, uma interação sem regras predefinidas. Descontração pode também significar interação espontânea, sem agendamento prévio, com presença de brincadeiras e comportamento jocoso. Diferentemente dos achados de Stoudt (2006), a maioria dos participantes considera o comportamento jocoso, o uso de palavrões e brincadeiras como algo inerente à relação masculina e uma amostra da intimidade da relação. Daniel e Augusto referem-se a esse comportamento como “camaradagem”. Eles acreditam que esse comportamento é utilizado como forma de descontrair o ambiente e está presente em qualquer relação masculina. No entanto, Bruno sente que este é um comportamento agressivo que acaba inibindo o compartilhar de coisas mais sérias, como sentimentos e problemas.

Entendemos que a presença do comportamento jocoso por si só não é impeditiva de uma interação mais profunda. Essa parece ser uma característica masculina marcante de interação. Utilizada dentro do contexto da interação, pode significar intimidade entre os amigos. O que acontece, porém, com Bruno e com os meninos entrevistados por Stoudt (2006), é que este comportamento é, muitas vezes, utilizado como defesa contra emoções e comportamentos

mais verdadeiros. Nesse momento, a interação por meio de brincadeiras pode até ser considerada hostil, pois está a serviço da sombra e de um mecanismo de repressão. Encarada dessa maneira, essa situação pode ocasionar um grande sentimento de embuste, visto que os amigos se relacionam neste momento por meio da persona, enquanto as verdadeiras intenções e emoções permanecem sombrias e não podem ser trazidas à tona, muitas vezes pelo medo de não serem compreendidas.

Quase todos os participantes entendem que este comportamento masculino faz parte do relacionamento, porque acreditam que ele aconteça quando o contexto pede. Ao mesmo tempo, eles relatam que existe, sim, um momento de compartilhar emoções, angústias e tristezas e que, neste momento, as brincadeiras não cabem. Bruno, porém, sente que em suas relações não existe esse espaço para o compartilhar verdadeiro, que fica centrado apenas em assuntos corriqueiros e interesses em comum. É esse espaço de compartilhamento que pode faltar às amizades masculinas se os indivíduos envolvidos não souberem dar um passo adiante e ficarem presos aos papéis tradicionais de masculinidade.

A emoção e a intimidade, que ao longo da história ocidental foram relacionadas ao universo feminino, é sentida e buscada também pelos homens, como as entrevistas deixaram claro. Todavia, não é sempre que os indivíduos abrem espaço em suas relações para que possam ser expressas. O medo da intimidade ainda parece fazer parte da vida de alguns indivíduos, como Bruno e seus amigos.

De um modo geral, os participantes parecem ter dificuldades na intimidade, cada um a seu modo. Seja por uma valorização excessiva do masculino, seja pelo medo da homoafetividade, o campo da intimidade parece trazer desafios a todos. A forma como esses desafios são enfrentados difere.

Percebemos que as características da socialização masculina como restrição emocional, homofobia, dificuldade em compartilhar emoções, medo de mostrar fragilidade, descritas por Souza & Hutz (2007), Bukowski, Nappi & Hoza (2001), Maciel Júnior (2006) e Bank & Hansford (2000), aparecem fortemente no discurso de Bruno. Ele mesmo sente que se distancia dos amigos por medo de demonstrar o que sente, de aparentar fragilidade perante outros homens. A distância sentida em relação aos amigos começa com seu próprio comportamento, visto que quando existe a possibilidade de intimidade na relação, Bruno tende a distanciar-se para se proteger. Apesar de perceber esse mecanismo, o entrevistado não consegue operar mudanças em seu comportamento e acaba por repeti-lo, o que lhe ocasiona

grande tristeza. Em seu íntimo, Bruno gostaria de partilhar muito mais com os amigos e sente que suas relações com eles são muito mais superficiais do que gostaria. Porém, devido à persona rígida que assumiu como sua (persona que agrega atitudes masculinas típicas de uma consciência patriarcal unilateral) não consegue expressar seu lado emocional, que acaba sendo alocado na sombra, causando-lhe profundo mal-estar.

No entanto, vemos que a maioria dos participantes da pesquisa revelam poder viver essas características mais autênticas em suas relações de amizade. Isso não quer dizer que não existam dificuldades e que os velhos estereótipos da socialização masculina não estejam presentes. O que acontece é que essas características caminham lado a lado com a busca por uma relação mais inteira, apesar dessa mudança gerar ansiedades e conflitos.

Souza & Hutz (2007) nos lembram que a maior intimidade e a maior exposição das emoções, prerrogativas da socialização feminina, não fazem parte de forma abrangente da socialização masculina. Contudo, percebemos por meio das entrevistas, que a exposição das emoções e a intimidade da relação aparecem, sim, nas amizades narradas nesta pesquisa. Todavia, a forma como isso acontece é que difere das relações femininas. O compartilhar de sentimentos e intimidades ocorre em um clima de espontaneidade, quase como uma atividade complementar à atividade principal, que pode ser o encontro em um bar, um hobby compartilhado, o desenvolvimento de uma atividade esportiva. O contexto parece ser necessariamente formado para que tais situações de compartilhamento ocorram.

Não podemos de forma alguma dizer que as amizades masculinas são menos íntimas e que não há compartilhamento de sentimentos. Essa parece ser uma inferência advinda de um referencial que não seja o masculino. Não podemos olhar essas relações de outra forma que não seja o olhar masculino sobre elas, sem o risco de incorrerem em um viés de gênero. Os homens entrevistados, com a exceção de Bruno, acreditam que exista tanto intimidade como expressão de emoções em suas amizades.

O compartilhar acontece de forma natural, muitas vezes não intencional. A forma e o conteúdo do que será partilhado depende do contexto e do amigo. Augusto e Caio referem compartilhar tudo com os amigos, mas existe uma separação do que pode ser compartilhado com quem. Essa escolha não tem caráter de segregação, mas existe para preservar tanto a relação quanto o amigo. Eles procuram alguém com quem acreditam que haja uma correspondência de opiniões sobre aquilo que será partilhado. Muitas vezes, essa atitude é tomada pelo fato de o assunto a ser compartilhado ser sensível para um amigo em particular.

De qualquer maneira, entendemos que o compartilhar só se dá no momento em que existe segurança sobre como aquele tipo de assunto será recebido pelo outro, o que corrobora os achados de Afifi & Burgoon (1998).

Eduardo e Daniel, porém, referem serem capazes de compartilhar tudo com todos os amigos. Eduardo é até enfático sobre a questão: se não é possível compartilhar algo com alguém, então essa pessoa não pode ser considerado amigo.

É interessante notar que alguns entrevistados (Augusto, Daniel, Caio) relatam necessitarem de um tempo de elaboração antes de compartilharem certos assuntos. Precisam estar certos daquilo que pensam ou da forma como se sentem antes de compartilhar com os amigos. Apesar de referirem buscar a opinião de terceiros, precisam antes ter sua opinião formada a respeito. Talvez isso se deva ao fato de poderem, assim, escolher com quem o assunto será partilhado, a fim de encontrar no outro correspondência para o que já sentem e pensam sobre o assunto.

Bruno, diferentemente, refere compartilhar apenas interesses em comum, não tendo, como os outros participantes, a experiência de compartilhar emoções, sentimentos, frustrações com alguém que o compreenda e o acolha. A falta dessa condição é vista por ele como grande lacuna em sua vida. Suas experiências com amigos são, dessa forma, sentidas como incompletas, na medida em que não englobam uma parte importante de suas vivências.

A pesquisa realizada por Souza & Hutz (2007), citada anteriormente, mostrou que as amizades masculinas são caracterizadas por atividades feitas em conjunto e que os homens privilegiam o tempo investido na amizade mais do que as trocas afetivas, como acontece com as mulheres. Apesar disso, homens buscam intimidade em suas relações e dão grande importância aos relacionamentos com amigos.

O presente estudo corroborou esses achados. Porém, iríamos mais longe, ao afirmar que as atividades feitas em conjunto parecem ser, apesar de essenciais para o desenvolvimento das relações de amizade masculinas, pretexto para que todo o tipo de interação e compartilhamento ocorra. Não seria, em nosso ver, o caso de os homens atribuírem mais importância às atividades compartilhadas do que às trocas afetivas. Essas últimas é que ocorrem devido à atividade compartilhada ou “atividade agregadora”, como descreve Augusto. Existe, sim, uma atividade principal que reúne os amigos e é o pretexto para que a

interação ocorra. Mas ela é apenas o pano de fundo no qual o compartilhar acontece. Não podemos menosprezar a importância de tais atividades para o universo masculino da amizade.

A forma como os participantes encaram a amizade está baseada em suas próprias experiências nesse campo.

Augusto, Daniel e Caio relatam ter ótimas experiências nessa área. Possuem alguns amigos “brother” com quem compartilham de tudo, dentro do contexto. Alegrias, tristezas, frustrações e sonhos são compartilhados por eles com esses amigos. Suas relações denominadas de relação de “brother” datam de longo tempo, pois acreditam que a confiança advém do conhecimento profundo que se tem de alguém, algo que só é possível com o tempo. Os amigos são, para esses três participantes, imprescindíveis em suas vidas. Esses “brothers” que com eles convivem são pessoas essenciais.

Eduardo também relata ter boas experiências de amizade. Contudo, ele atribui imensa importância à amizade no geral e não aos amigos que tem em particular. Para ele, amizades são essenciais para a vida. É preciso sempre ter amigos. Quando se perde um, principalmente devido às mudanças de vida, deve encontrar-se outro. Essa fala remete-nos ao poema de Vinícius de Moraes apresentado no capítulo 2: é o amigo nunca perdido, sempre reencontrado. Podemos pensar aqui na amizade como arquétipo, uma prontidão para formar essas relações, que são mais importantes do que a pessoa (amigo) em si. Eduardo parece viver suas relações de amizade em um nível mais impessoal, visto que a pessoa particular que participa com ele da relação não é tão importante quanto a relação em si e o papel que esta tem em sua vida.

Bruno refere ter amizades circunstanciais, com as quais ele dividiu um momento específico de sua vida, mas que se perderam ao longo do caminho tão logo o momento tenha mudado. Para ele, as amizades são sempre efêmeras e passageiras, pois estão atreladas às circunstâncias de vida.

Temos aqui diferenças significativas na forma como a amizade é experienciada: em um nível mais impessoal para Eduardo, de forma que a relação é mais importante do que o indivíduo presente; circunstancialmente para Bruno, que possui amizades ligadas exclusivamente a certo contexto, ou seja, mas no nível da persona; e para Augusto, Caio e Daniel, o arquetípico é constelado na relação real com pessoas que possuem características próprias que são

valorizadas para além do relacionamento. A relação é importante, mas o amigo em si também o é.

As imagens que surgiram no discurso dos participantes podem nos dar pistas grandiosas de como a amizade masculina é encarada por eles.

O bar como ambiente privilegiado de interação apareceu em três entrevistas (Augusto, Caio e Daniel). À primeira vista, podemos pensar que este é um ambiente propício apenas a uma interação superficial e que grandes intimidades não são possíveis. Porém, percebemos que é no bar, em meio à atividade agregadora, que a intimidade e o compartilhar acontecem.

O bar, especialmente, aparece como local de encontro e imagem associada por quase todos os participantes à amizade. Nesse espaço de socialização que já foi tipicamente masculino, o encontro entre homens é privilegiado nos moldes das antigas confrarias e irmandades. Nesse ambiente, a bebida, néctar dos deuses, está presente e serve de estímulo às confidências e trocas afetivas. É o terreno de Dioniso, deus feminino que proporciona um maior contato com as emoções e instintos.

Se pensarmos que a visão que os participantes têm do feminino é muitas vezes deturpada, por ser muito desvalorizada ou idealizada, podemos entender que talvez o contato com esse princípio necessite de um mediador que pode, neste caso, ser a bebida.

Não é a toa que o bar é visto como um ambiente não apenas de interação, mas de confissão, trocas afetivas e apoio. A bebida rebaixa o nível de consciência e facilita o contato com esferas mais inconscientes, para além da persona.

As afinidades, os hobbies e os interesses partilhados estão também presentes em meio a esta atividade agregadora. Nas imagens que aparecem em geral, fala-se sobre interesses em comum. O clima desse encontro de amigos é de descontração, informalidade, camaradagem e desabafo. Este, acontece tanto por meio de um pedido de ajuda e conselhos como por meio de algum assunto mais importante que precisa ser discutido (como a traição que sofreu o amigo que aparece na imagem de Augusto). Os amigos que aparecem aqui são os “brother”, amigos de longa data. Existe um compartilhamento de experiências, pedido de ajuda e de conselhos. A conversa gira em torno de assuntos amenos, mas também pode incluir assuntos mais íntimos. Para Daniel, a intimidade é mais propícia quando dois amigos se reúnem, em vez de um grande grupo.

Bruno, diferentemente, invoca a imagem de um trabalho de faculdade a ser realizado. Os amigos se encontram com o foco na tarefa a ser desempenhada e não na relação propriamente. A conversa é superficial e gira em torno de assuntos relativos à tarefa.

Não há concordância de pontos de vista e um amigo acaba submetendo-se às ideias do outro. Não há correspondência nem troca afetiva, como ocorre nas imagens dos outros três participantes.

Não é a toa que a imagem evocada por esse participante é a de um jogo de futebol. Estão “todos juntos se abraçando” enquanto a partida está acontecendo. Ou seja, a interação acontece enquanto o contexto permite. Assim que acaba a partida, vai “cada um pro seu lado” e a interação acaba. Bruno sente as interações masculinas dessa forma, centradas na tarefa e desprovidas de intimidade, muito próximo do que descrevem Souza & Hutz (2007).

Eduardo traz a imagem do encontro de dois amigos no shopping. Estão acompanhados das respectivas famílias e o encontro acontece de forma casual. Aproximam-se, abraçam-se e conversam sobre temas variados. Existe um encontro aqui, troca de afeto e compartilhamento de interesses em comum. Porém, a presença de outras pessoas ocasiona maior superficialidade ao encontro. Eduardo diz que a presença da família muda a forma como os amigos interagem. É o encontro de duas personas diferentes que pode ocasionar dificuldades em soltar-se e agir de forma mais espontânea.

As diferenças nas imagens que aparecem devem-se muito não só às experiências vividas pelos participantes, mas também ao momento de vida em que se encontram. Augusto, Daniel e Caio são universitários ou recém-formados e estão em um momento de vida no qual os amigos têm grande importância.

Bruno já é noivo e refere experiências estereotipadas com os amigos, longe da inteireza e profundidade que busca nessas relações.

Eduardo é o único que já possui filhos e está mais perto de uma vida marital com a namorada. Essa diferença é sentida na forma como o encontro com os amigos aparece em sua imagem, que conta com a presença da família. Podemos inferir que a amizade concorre com outras relações e, embora continue sendo percebida como essencial, existe menos espaço para ela à medida que outras relações e responsabilidades vão somando-se às antigas (CARBERY & BUHRMESTER, 1998 apud SOUZA & HUTZ, 2008).

Nas imagens evocadas vemos a presença da atividade agregadora e também do compartilhar de afinidades, apoio e ajuda.

A forma como essas amizades são descritas difere, para todos os participantes, da forma como as amizades femininas são vividas.

Augusto, Caio e Daniel vêem as amizades masculinas como mais próximas e honestas, na medida em que entendem que as mulheres sentem mais inveja uma das outras e não são tão sinceras quanto os homens em suas amizades. Para eles, a amizade masculina conta com maior honestidade porque os homens são menos sensíveis a possíveis críticas vindas dos amigos.

Eduardo também acredita que os homens tornam-se amigos mais facilmente, justamente pela menor sensibilidade que possuem, que os levam a analisar menos a outra pessoa antes de engajar-se em uma relação de amizade.

Bruno acredita que exista mais honestidade e intimidade entre as mulheres, pois elas são capazes de colocar-se por inteiro na relação, demonstrando emoção e conversando sobre os problemas. Ele sente que os homens têm essas capacidades menos desenvolvidas.

É interessante notar que apenas Bruno, que declara não encontrar o que espera em suas relações de amizade, acredita que as amizades femininas são mais profundas do que as masculinas. Sua história de amizades superficiais pode levá-lo a idealizar as relações femininas e ansiar por uma forma mais profunda de interação do que aquelas que encontra em sua vida e que ele percebe nas mulheres.

Os outros participantes, contudo, relatam ter boas experiências de amizade e, dessa forma, não vêem as amizades femininas como ideal a ser alcançado, pelo contrário, acreditam que suas relações são mais honestas do que as masculinas.

Essa visão denota também não apenas uma valorização e até idealização do masculino, mas também uma depreciação do feminino visto como falso, enganoso e não confiável. A sombra é projetada nas mulheres que são vistas como bruxas. É o feminino terrível constelado. Por outro lado, o masculino é visto como confiável. Essa pode ser uma tentativa de diferenciação do feminino que acaba por diminuí-lo. Alguns participantes conseguem perceber o lado sombrio também do masculino (orgulho, competição exagerada). A anima, como arquétipo de ligação entre ego e inconsciente e propiciador de experiências de alteridade é vivida de uma

forma mais intensa nas relações com os amigos, enquanto componentes sombrios são projetados nas mulheres por quase todos os entrevistados. Bruno difere deste cenário, na medida em que idealiza as amizades femininas e vive uma projeção de sombra em suas relações com os amigos homens.

Benenson & Christakos (2003) revelaram em sua pesquisa que as amizades femininas são mais frágeis justamente porque os homens tendem a resolver conflitos de forma mais aberta do que as mulheres. Essa parece ser a mesma percepção dos entrevistados, que acreditam que a maior honestidade dos homens lhes garante maior transparência em suas relações e que, muitas vezes, as mulheres não dizem algumas coisas essenciais à relação por medo de ferir o sentimento da outra, o que acaba acarretando um conflito velado que em algum momento virá a tona.

Daniel cita que as mulheres têm maior capacidade de resiliência. Os conflitos podem ser mais constantes em suas amizades, porém o rompimento da relação não acontece tão facilmente. Em sua visão, dois homens podem demorar a brigar, mas quando isso acontece, traz um risco maior de rompimento, devido ao que ele considera orgulho masculino. O orgulho também é citado por Bruno e Augusto como fatores de dificuldade nas relações masculinas.

A competição masculina e a rivalidade exagerada também geram dificuldades entre os homens. A necessidade de determinar quem é o “macho alfa”, como cita Augusto, pode colocar em risco a relação. Em seu estudo, Maciel Júnior (2006) encontrou discursos semelhantes, mostrando que os homens muitas vezes consideram o outro como rival. Daniel concorda com essa afirmação, mas acredita que em suas amizades não existe essa competição desenfreada que outras interações masculinas promovem.

A amizade, como descrita pelos participantes, pode ser um espaço de interação diferenciado, em que a competição, mesmo existente, não tira de cena a possibilidade do encontro verdadeiro entre duas pessoas.

O medo de ser taxado como homossexual apareceu de forma velada no discurso de quase todos os participantes (Augusto, Bruno, Caio e Daniel). Apesar de não fazerem referência direta ao assunto, esses participantes citaram, de alguma forma, a homofobia. Na pesquisa realizada por Bank & Hansford (2000), a restrição emocional e a homofobia aparecem como principais fatores do distanciamento masculino em suas relações com os pares. Isto indica tendência à reserva e à cautela nas relações que pode diminuir a intimidade. Percebemos essa

cautela atuando de forma não completamente consciente entre os entrevistados. O discurso masculino ainda é permeado por reações homofóbicas, mesmo que estas estejam diluídas e não tão presentes, como apontado no estudo dos pesquisadores citados.

Apesar de presente, esse medo da homoafetividade não inviabiliza suas relações, na medida em que esses indivíduos, desenvolveram uma persona mais flexível e, portanto, capaz de permitir uma interação mais verdadeira. Entretanto, não podemos esquecer de que os antigos medos masculinos e as visões de mundo do patriarcado ainda encontram-se muito presentes no imaginário ocidental em geral, e no desses homens em particular.

Outros relacionamentos podem dificultar a manutenção da amizade, na medida em que competem com esta por dispêndio de tempo e atenção. Bruno, Daniel e Caio consideram que, principalmente os relacionamentos afetivos, tendem a exigir mais tempo e energia do indivíduo.

Mulheres, aliás, aparecem como grande fator de dificuldade. Seja pela competição que os amigos podem estabelecer na conquista amorosa da mesma mulher, seja porque a companheira (namorada, noiva, esposa) demanda muito investimento do homem e pode afastá-lo dos amigos, por ciúmes ou por não gostar deles. Outras responsabilidades, como trabalho e filhos, assim como as mudanças naturais do ciclo vital também podem causar maior afastamento dos amigos. A mulher é, mais uma vez, vista como vilã e fator dificultador da relação entre homens como alguém que se coloca entre os amigos.

Apesar disso, a amizade entre homens é considerada um relacionamento especial e altamente necessário na vida dos entrevistados. Mesmo que existam outras relações e responsabilidades que compitam com a amizade – o que tende a aumentar à medida que o sujeito ultrapassa a fase adulta jovem (como percebemos em Eduardo, o mais velho dos participantes)–, o relacionamento com outros homens ainda é percebido como essencial, na medida em que apenas eles podem compreendê-los. Estar entre iguais garante uma experiência única e extremamente importante na constituição da identidade masculina.

Sem os amigos homens, relatam os participantes, não haveria como compartilhar coisas que são específicas da experiência masculina. Faltaria alguém que os compreendesse de maneiras que uma mulher jamais poderia.

O homem, como concluem Maciel (2006) e Flood (2008), se constitui como tal também pela identificação, comparação e espelhamento com outros homens. Esse é um achado essencial de nosso trabalho.

Os homens entrevistados encontram-se em uma fase muito peculiar do desenvolvimento, a fase adulta jovem. Nesse momento, todos estão em busca de seu lugar ao sol, atarefados entre terminar um curso superior, progredir na carreira, constituir família e manter suas relações sociais.

Percebemos que ao longo dessa fase, os amigos vão começando a dividir o tempo desses homens com outros relacionamentos e responsabilidades.

Sentimos ainda uma dificuldade no relacionamento com o masculino e o feminino. Nessa etapa do desenvolvimento, parece que ainda existem alguns conflitos em relação à masculinidade e aos sentimentos homoafetivos. Talvez essa situação possa denotar uma insegurança ainda presente em termos de uma identidade masculina que não está completamente formada. Com o amadurecimento, talvez a persona assumida possa ser flexibilizada para englobar também aspectos do feminino que já são vivenciados pelos participantes, porém de forma não completamente consciente.

Podemos pensar que a diferenciação do feminino ainda se faz necessária, pois o masculino não está suficientemente maduro para relacionar-se com um feminino diferenciado. Sendo assim, este último acaba sendo depreciado ou idealizado, na tentativa de formar uma identidade coerente. Se pensarmos no mito do herói, vemos ainda um menino tentando matar o dragão e libertar sua alma cativa, a fim de experimentar um relacionamento mais consciente com ela. Percebemos os homens desta pesquisa nesse caminho. A polarização entre feminino e masculino, ego e inconsciente ainda existe e podemos pensar que ela é esperada para a fase em que se encontram. Nesse estágio, o ego heróico ainda está às voltas com as conquistas necessárias e esperadas. Muita energia é investida no mundo exterior e o ego ainda acredita ser o centro da psique. Isso não quer dizer que esses homens não tenham contato com seu inconsciente ou não possuam um relacionamento com a alma.

Entendemos que esse contato está sendo construído paulatinamente. Existe, contudo, uma prontidão para tal contato, um desejo de encontro com o outro que é uma representação do outro interno também.

A experiência de fraternidade possibilita esse encontro, não apenas com aspectos sombrios da personalidade, mas com aspectos da alma que é também vivida na relação com os amigos, na medida em que a amizade proporciona um maior contato com aquilo que é espontâneo e significativo na psique. Como o relacionamento de Gilgamesh e Enkidu que, segundo Byington (1986), é um relacionamento baseado em uma projeção de alma. O contato com esse arquétipo se dá também por meio da relação com o amigo.

O arquétipo do herói com suas exigências solares concorre lado a lado com o arquétipo fraterno com sua regência de alteridade, proporcionando a esses indivíduos uma busca por conquistas que reflitam sua inteireza e estejam a serviço da individuação. Apesar de encontrarem-se em um momento de busca por realizações no mundo externo, o mundo interno não é esquecido e os amigos são uma fonte de contato com esse âmbito.

Apesar de apresentarem ainda uma consciência patriarcal polarizada, existe um começo de conscientização dos opostos e a busca pela alteridade, que é uma busca para a vida toda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de entender o lugar que a amizade masculina ocupa na vida de homens adultos jovens brasileiros.

A amizade aparece no discurso dos entrevistados como uma relação que privilegia o encontro com a alteridade, um outro que, apesar de semelhante em interesses e atitudes, ainda é diferente em bagagem familiar e vivências. É por intermédio desse vínculo que o homem vai formando sua identidade. Como nos lembra Rocha (2006), aproprio-me de mim mesmo por meio da relação com o outro, que me serve de espelho e base de comparação.

Apesar da longa história do patriarcado ocidental ter ocasionado uma cisão entre comportamentos esperados do homem (persona) e aquilo que existe de mais autêntico em seu ser parece-nos que estamos passando por um momento privilegiado, em que homens e mulheres lançam-se de forma mais contundente em suas relações, em busca de sua inteireza e integridade.

Vemos, nesses homens que tão gentil e generosamente dispuseram-se a relatar vivências muito fortes em suas vidas, um movimento em busca de uma relação mais verdadeira com o outro e consigo mesmos.

É claro que antigos comportamentos e visões de mundo do patriarcado persistem ao lado de uma forma mais atual de enxergar a vida, as relações, e as formas de ser masculinas nos dias de hoje, assim como os papéis de homens e mulheres.

A amizade, segundo os participantes, oferece ajuda e proteção, companhia, experiências emocionais positivas (como aceitação, intimidade e proximidade) e experiências autoafirmadoras (como lealdade, segurança e validação mútua), corroborando o que Bukowski & Sippola (2005) afirmaram em sua revisão da literatura sobre o assunto.

É uma relação simétrica muito parecida com o vínculo fraterno, mas que pressupõe uma voluntariedade que não é encontrada neste último. Por ser uma vivência arquetípica, é experienciada de uma forma ou de outra ao longo da vida de todos os indivíduos.

A bibliografia pesquisada para o desenvolvimento desta pesquisa enfatiza que o homem é socializado de forma a reprimir a expressão de suas emoções e a temer a intimidade, criando

um verdadeiro abismo entre si e seus pares. Além disso, muitas pesquisas realizadas internacionalmente apontavam para uma menor intimidade e proximidade nas relações masculinas de amizade, principalmente por conta de uma maior restrição emocional e da homofobia.

Em nossa pesquisa, percebemos que este cenário ainda persiste. Mas os entrevistados referem-se a uma mudança muito profunda dessa realidade. São homens que vão ao encontro de outro homem porque consideram que este encontro seja essencial para a formação de sua identidade e a expressão de sua inteireza.

A amizade é descrita por esses homens como um relacionamento que privilegia um encontro verdadeiro, para além de visões de mundo e comportamentos estereotipados, que promove um ambiente de cooperação e acolhimento propício para que a interação ultrapasse o nível da persona e compreenda a totalidade do indivíduo.

Existe, como em tudo que é humano, pontos de sombra nessa relação: o que não é possível compartilhar, a competição, o interesse. A mágoa pelo não reconhecimento, pela falta de reciprocidade, equidade e compreensão. O medo da homoafetividade que acaba confundida com homossexualidade. As travas autoimpostas pela história de vida e complexos pessoais que diminuem a autenticidade da relação. Existe um não permitir-se ser inteiramente, apresentar-se em sua totalidade, com aquelas partes mais frágeis de si que não se quer reconhecer, mas que acabam aparecendo, porque inconscientes, na forma de comportamentos estereotipados, distanciamentos e rompimentos.

O lado luminoso de tudo isso é que existe a percepção de que algo não está bem, de uma parte importante que está faltando e que clama por reconhecimento.

Vemos um movimento claro por parte de todos os participantes em busca do outro, seja esse outro exterior (o amigo) ou interior. Um contato maior com o mundo das emoções, por tanto tempo banido da vivência consciente da masculinidade, é possibilitado por essas relações. A amizade, pelos motivos expostos, parece estar a serviço da individuação.

Acreditamos que os objetivos da pesquisa foram alcançados, na medida em que pudemos entender qual é o papel da amizade na vida desses homens, quais são as características dessas relações e como elas são vivenciadas no contexto da atualidade brasileira.

Ao retomarmos as imagens de amizade evocadas por artistas brasileiros, descritas no capítulo 2, percebemos que muitas das características por eles citadas aparecem também no discurso desses jovens homens entrevistados: as formas de encontro que incluem o futebol e o bar, privilegiando a descontração, mas também o desabafo; as dificuldades geradas pelas exigências da vida moderna, que muitas vezes distanciam os amigos; a mulher, que aparece muitas vezes como fator de tensão na amizade; o amigo como espelho e como companheiro de vida, de descobertas sobre si e sobre o mundo, da busca de sentido; e o amigo do peito, o irmão.

Percebemos que os termos usados são parecidos, com conotações semelhantes, e demonstram que essas imagens fazem parte da consciência coletiva brasileira. A forma como essas relações são vividas no Brasil, o país da afetividade, da exuberância das emoções, do homem cordial e do machismo, passa por uma mistura de formas estereotipadas de comportamento e atitudes mais autênticas e caminha, a nosso ver, para uma vivência de alteridade.

Naturalmente, todas essas formas de encarar a realidade convivem no mesmo indivíduo e permeiam suas relações. Mas vislumbramos uma possibilidade, em vista dos relatos dos participantes, de que o encontro com o outro possa ser uma forma de vivenciar conteúdos que, por muito tempo, estiveram afastados da consciência.

Passamos por um momento de crise, de mudanças profundas nas relações e na cultura. Velhos modelos não parecem mais servir para um mundo que se torna mais complexo a cada minuto. A família, a igreja e o estado tiveram seu alcance diminuído e não se apresentam mais como as únicas instituições de sustentação do indivíduo, em um mundo onde um número cada vez maior de pessoas adoece devido a perda de sentido da vida em face do absurdo da existência.

Nessa época que valoriza tanto o indivíduo, os homens participantes desse trabalho descobriram que o outro é essencial em suas vidas, pois lhes mostra os seus contornos, os seus limites e lhes leva a uma vivência sagrada de alteridade, como bem descreveu Caio. A vivência do arquétipo fraterno é necessária nesse começo de século XXI para que o ser humano se reconheça como tal, entenda seu lugar no mundo e a relação profunda que tem com todos os seres que habitam o planeta; todos que, por fim, são representantes desse outro que não é nada senão parte de nós.

REFERÊNCIAS

- AFIFI, W. A.; BURGOON, J. K. We never talk about that. A comparissom of cross-sex friendships and romantic relationship on uncertainty and topic avoidance. *Personal relationship*, v. 5, p. 255-272, 1998.
- ALVARENGA, M. Z. *O Graal Arthur e seus cavaleiros*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Record: Rio de Janeiro, 1997.
- BAGWELL et al. Friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *New directions for child and adolescent development*, n. 91, p. 25-49, 2001.
- BALDINI, M. *Amizade e filósofos*. Bauru: Edusc, 2000.
- BARCELLOS, G. *O irmão: Psicologia do Arquétipo Fraternal*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. . Individuação e função fraternal. In: _____. *Anais do III Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana*, 2003, p.159-165.
- _____. . Psicopatologia das relações simétricas. In: _____. *Anais do IV Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana*, 2006, p. 41-48.
- BANK, B. J.; HANSFORD, S. L. Gender and friendship: Why are men's best same-sex friendships less intimate and supportive? *Personal relationships*, v. 7, p. 63-78, 2000.
- BEE, H. Desenvolvimento físico e cognitivo no início da idade adulta. In: _____. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BENENSON, J. F., CHRISTAKOS, A. The greater fragility of females' versus males' closest same-sex friendships. *Child development*, .v. 74, n. 4, p.1.123-1.129, 2003.
- BLANC, A. SILVA JUNIOR, S. *Amigo é pra essas coisas*. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mpb4/amigo-e-para-essas-coisas.html>>. Acesso em 19 maio 2010.
- BOECHAT, W. *A mitopoiese da psique: mito e individuação*. São Paulo: Vozes, 2008.
- BRAGA, Rubem. Recado ao senhor 903. In: _____. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática. 1979.
- BRUN, D. A gramática amorosa da amizade. *Ágora*, v. 10, n. 2. jul, 2007.
- BUKOWSKI, W. M.; SIPPOLA, L. K. Friendship and development: putting the most human relationship in its place. *New directions for child and adolescent development*. v. 109, p. 91-98, 2005.
- BUKOWSKI, W.M. ; NAPPI, B. J. ; HOZA, B. A test of Aristotle's model of friendship for young adults' same sex and opposite sex relationships. *Journal of social psychology*,. v. 127, n. 6, p. 595-603, 2001.

BYINGTON, C. A. B. A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e animus. In: ____ *Junguiana*, São Paulo, v. 4, p. 5-69, 1986.

_____. *Psicologia simbólica junguiana: a viagem de humanização do cosmos em busca de iluminação*. São Paulo: Linear, 2008.

CARLOS, Roberto. *Namoradinho de um amigo meu*, 1966. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/namoradinho-de-um-amigo-meu.html>>. Acesso em 19 maio 2010.

_____; CARLOS, Erasmo. *Amigo*, 1977. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/amigo-letras.html>>. Acesso em 19 maio 2010.

CARRERA, J. M. A. The buddy as anima? Revisiting friendships between men in Richard Ford's *The Sportswriter*. *Journal of the spanish association of anglo-american studies*, v. 31, n. 1, p. 41-55, 2009.

CHU, J.Y. Adolescent boy's friendship and peer group culture. *New directions for child and adolescent development*, n. 107, p.7-22, 2005.

DA VIOLA, P. *Sinal fechado*, 1974. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/paulinho-da-viola/sinal-fechado.html>>. Acesso em 19 maio 2010.

DEMIR, M.; WEITEKAMP, L.A.; I am so happy cause today I found my friend: friendship and personality as predictors of happiness. *Journal of happiness studies*. v. 8, p. 181-211, 2006.

FARIA, D. L. *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: Educ, 2003.

FEE, D. The historical pressure on male friendship, 2008. Disponível em: <http://www.allacademic.com/meta/p_mla_apa_research_citation/2/4/0/6/2/pages240622/p240622-1.php>. Acesso em 15 nov. 2009.

FLOOD, M. Men, sex, and homosociality: how bonds between men shape their sexual relations with women. *Men and masculinities*, v. 10, n. 3, p.339-359, 2008.

FOSSEY, E. et al. The value of qualitative research. *Australian and New Zeland journal of psychiatry*, v. 36, p.717-732, 2002.

GARCIA, A. ; PEREIRA, P.C.C. Amizade na infância: um estudo empírico. *Psic*. V. 9, n. 1, 2008.

GARLICK, S. What is a Man?: Heterosexuality and the Technology of Masculinity. *Men and masculinities*. v.6. n. 2, p.156-172, 2003

HARTRUP, W. W.; STEVENS, N. Friendships and adaptation across the life span. *Current directions in psychological science*, v. 8, n. 3, p. 76-79, 1999.

- HOLANDA, C. B. *Meu caro amigo*, 1969. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/meu-caro-amigo.html>>. Acesso em 19 maio 2010.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1936.
- HOPCKE, R. *Persona: when sacred meets profane*. Boston: Shambhala Publications, 1995.
- HOUAIS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- HUNT, M. E. *O amigo*. In: ____ Downing, C. (Org). *Espelhos do self*. São Paulo: Cultrix, , 1991.
- JOHNSON, R.; WATERFIELD, J. Making words count: the value of qualitative research. *Physioterapy research international*, v.9, n. 3, p. 121-131, 2004.
- JUNG, C. G. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2008. Edição original de 1959.
- _____. Aspectos psicológicos do arquétipo materno. In: _____. *Os arquétipos do inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2007. Edição original de 1939.
- _____. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2001. Edição original de 1928.
- JUNG, E. , VON FRANZ, M.L. A lenda do Graal do Ponto de vista Psicológico. São Paulo: Cultrix, 1980.
- KAST, V. *The nature of loving: Patterns of human relationship*. Nova York: Chiron Publications, 1986.
- LEDBETTER et al. Forecasting “friends forever”. A longitudinal investigation of sustained closeness between best friends. *Personal relationships*, v. 14, p. 343-350, 2007.
- LESSA, I. *Um milhão de amigos? Aqui ó!*, 2010. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/02/100210_ivanlessa_tp.shtml>. Acesso em 24 maio 2010.
- LILLEAAS, U.B. Masculinities, sport, and emotions. *Men and masculinities*, v. 10, n. 1, p. 39-53, 2007.
- LISPECTOR, C. Amizade verdadeira. In _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACIEL JUNIOR, P. A. *Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero*. São Paulo: PUC, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MORAES, V. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 1998.

NASCIMENTO, M. *Canção da América*, 1980. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cancao-da-america.html>>. Acesso em 19 maio 2010.

NEWMANN, E. *A história da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1968.

_____. *O medo do feminino*. São Paulo: Paulus, 2000.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ORTEGA, F. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PENNA, E. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicol. USP*, v.16, n 3, p. 71-94. set. 2005.

REZENDE, C. B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2002.

ROCHA, Z. O amigo, um outro si mesmo: a philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Revista Psyche*, v. 10, n.17, p. 65-86. jun. 2006.

SABINO, F. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 1956.

SEIXAS, R. *Meu amigo Pedro*, 1976. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/raul-seixas/meu-amigo-pedro.html>>. Acesso em 19 maio 2010.

SHERMAN, A. M.; LANSFORD, J. E. ; VOLLING, B.L. Sibling relationships and best relationships in young adulthood: Warmth, conflict and well being. *Personal relationships*. v. 13. pg. 151-165. 2006.

SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. Diferença de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Revista Psicologia em estudo*, v. 30, p. 125-132, 2007.

_____. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em estudo*, v. 13, n. 2. jun, 2008.

SOUZA, R. M. Formação e rompimento de vínculos afetivos. São Paulo: PUC, 2008. (Comunicação oral).

STOUDT, B. G. "You're either in or you're out": school violence, peer discipline, and the (re)production of hegemonic masculinity. *Men and masculinities*, v. 8, n.3, p. 273-287, 2006.

TACEY, D.J. *Remaking men: Jung, spirituality and social change*. Londres: Routledge, 1997.

TEIXEIRA, R; DOMINGUINHOS. *Amizade sincera*, 1981. Letra disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/renato-teixeira/amizade-sincera.html>>. Acesso em 15 maio 2010.

TROYES, C.. *Perceval ou o romance do Graal*. Sao Paulo : Martins Fontes, 1982. Edição original do séc. XII.

UNDERWOOD, M. K.; HOSEN, L. H. Gender, peer relations and challenges for girlfriends and boyfriends coming together in adolescence. *Psychology of women quarterly*, v. 33, p. 16-20, 2009.

VENIEGAS, R. C. ; PEPLAU, A. Power and quality of same-sex friendships. *Psychology of women quaterly*, v. 21, p. 279-297,1997.

VINCENT-BUFFAULT, A. *Da amizade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ,1996.

VON KOSS, M. Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.

WAHBA, L. L. Mano: um ensaio sobre o amor fraterno. *Junguiana*, São Paulo, v. 11, p. 10-19, 1993.

WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo*. Cultrix: São Paulo. 1969.

ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Identificação do participante: idade, estado civil, escolaridade, profissão, local de residência, posição na família.
2. Qual o significado da amizade para você?
3. Que sentimentos, sensações, imagens você associa à palavra amizade?
4. Imagine o encontro de dois amigos do sexo masculino.

Onde eles estão?

Como estão se sentindo?

O que estão pensando?

Como é o comportamento deles um com o outro?

Sobre o que conversam?
5. Como é sua relação com seus amigos do sexo masculino? Você pode dar exemplos?
6. O que você compartilha e o que não compartilha com seus amigos (sentimentos, experiências, conselhos, pedidos de ajuda)? O que não compartilha com amigos, com quem compartilha?
7. O que você acredita que facilita e o que dificulta o relacionamento de amizade entre dois homens?
8. Como você imagina que seria sua vida sem seus amigos?
9. Você percebe diferenças entre amizades masculinas e femininas? Quais?
10. O que você espera de uma relação de amizade? Você encontra o que espera nas suas relações?

ANEXO 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor,

Convido-o a participar de pesquisa realizada por Carolina Luz de Souza, Mestranda do Núcleo de Estudos Junguianos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa intitula-se “Um olhar Junguiano sob as relações de amizade masculinas” e tem por objetivo investigar como se dá a percepção dos homens em relação à amizade nos dias atuais e a importância de tais relações para o indivíduo. Decidiu-se estudar este assunto pela falta de dados referentes ao universo das amizades masculinas no Brasil e por este ser considerado um tema de vital importância na vida das pessoas.

Para a coleta dos dados será realizada uma entrevista em local a ser combinado entre a pesquisadora e o participante. A entrevista será gravada a fim de preservar a fidedignidade dos dados levantados para análise.

Existe um desconforto e risco mínimo para a você que se submeter à coleta do material. Embora as perguntas feitas sejam referentes apenas às suas experiências em relações de amizade, tais perguntas podem despertar sentimentos negativos, dependendo das experiências vivenciadas por você. Este pequeno desconforto justifica-se em vista dos resultados esperados, que contribuirão para um melhor entendimento do universo das amizades masculinas.

Você será esclarecido sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da entrevista serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada e outra será fornecida a você.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto à pesquisadora, pelo telefone 5093-4052 ou pelo e-mail carolina_luzs@yahoo.com.br

Eu,....., declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo . Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado.

Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e autorizo a gravação da entrevista concedida à pesquisadora.

São Paulo,/...../.....

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

ANEXO 3- PROTOCOLO DE APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 239/2009

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Durval Luiz de Faria
Autor(a): Carolina Luz de Souza

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado *Um olhar junguiano sobre as relações de amizade masculinas na atualidade*

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

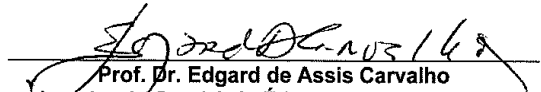
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **30/11/2009**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **239/2009**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 30 de novembro de 2009.


Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP